



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

**PONTOS DE VISTA EM INTERAÇÕES DISCURSIVAS NA REDE  
SOCIAL INSTAGRAM: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS *ON-LINE*  
NA PÁGINA [@barbiefascista\\_](#)**

**JENIFFER DE OLIVEIRA BARBOSA**

CAMPINA GRANDE  
2022

JENIFFER DE OLIVEIRA BARBOSA

**PONTOS DE VISTA EM INTERAÇÕES DISCURSIVAS NA REDE SOCIAL  
INSTAGRAM: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS *ON-LINE*  
NA PÁGINA [@barbiefascista\\_](#)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, situada na Área de Concentração **Estudos Linguísticos** e vinculada à Linha de Pesquisa 4, **Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem**, como requisito institucional para obtenção do Título de Mestre em **Linguagem e Ensino**.

**Orientador:** Prof. Dr. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE  
2022

B238p

Barbosa, Jeniffer de Oliveira.

Pontos de vista em interações discursivas na rede social Instagram: uma análise de comentários on-line na página @barbiefascista\_ / Jeniffer de Oliveira Barbosa. – Campina Grande, 2022.

132 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Manassés Morais Xavier".

Referências.

1. Interação Discursiva. 2. Teoria Dialógica da Linguagem. 3. Pontos de Vista. 4. Redes Sociais Digitais. 5. Comentários On-line. 6. Estudos Linguísticos. 7. Pandemia da COVID-19. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 81'42(043)

JENIFFER DE OLIVEIRA BARBOSA

**PONTOS DE VISTA EM INTERAÇÕES DISCURSIVAS NA REDE SOCIAL  
INSTAGRAM: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS *ON-LINE*  
NA PÁGINA @barbiefascista\_**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, situada na Área de Concentração **Estudos Linguísticos** e vinculada à Linha de Pesquisa 4, **Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem**, como requisito institucional para obtenção do Título de Mestre em **Linguagem e Ensino**.

**Orientador:**

Prof. Dr. Manassés Morais Xavier

Aprovada em 20/09/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



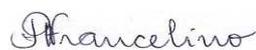
---

Prof. Dr. Manassés Morais Xavier (PPGLE/UFCG)  
(Orientador)



---

Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira (PPGLE/UFCG)  
(Examinadora Interna)



---

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (PROLING/UFPB)  
(Examinador Externo)

À Elisabete de Oliveira, minha amada mãe, por ser meu incentivo e fortaleza nessa caminhada, a ti dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

A vida é um livro que apresenta o mais belo enredo. Capítulos se findam para que outros possam começar. O passo agora é para o futuro. Sobre o percurso já transitado, a gratidão e as lembranças são o que restam. Por isso, guardo em minha memória e, sobretudo, em meu coração, os acontecimentos que nesse trajeto me marcaram. Agora, o sentimento que me transpassa é a gratidão. Sou grata:

A Deus, por ter me concedido saúde, sabedoria, força e perseverança para trilhar o caminho árduo, porém, edificante da pós-graduação. Sem o Seu amor e sem o Seu cuidado eu nada seria. Toda honra e toda glória sejam dadas a Ele.

Ao meu querido professor orientador, Manassés Morais Xavier, a quem agradeço por toda dedicação, paciência e comprometimento. Valoro gratidão eterna àquele que foi, ao longo de todo percurso, sinônimo de humanidade, alteridade e sabedoria. Crescer ao seu lado é um privilégio. Obrigada por ser, sempre, tão acolhedor. Sem dúvidas, sua companhia, solicitude e incentivo constantes tornaram o trajeto mais satisfatório.

Aos meus maiores amores, Elisabete Oliveira e Wagner Barbosa, pelo cuidado, pela força imensurável e pelo amor incondicional. Vocês são os motivos maiores de tudo isso! Mãe, sem sua dedicação diária para comigo nada disso estaria acontecendo. Minha eterna gratidão!

Aos meus irmãos pelo companheirismo e por terem contribuído diretamente ou indiretamente na concretização desse sonho. Aos meus sobrinhos, Kauã e Thales por, com toda a inocência de uma criança, me trazerem afago e alegria nos dias em que eu mais precisei. Ao meu noivo, Joeliton, por todo o apoio, pela preocupação e pelas palavras de incentivo.

Ao meu amigo-irmão Vitor Laurentino, por ter me presenteado com seu companheirismo desde o ensino fundamental. Obrigada por toda a cumplicidade, a força e o suporte concedido de lá até aqui. Com você ao meu lado tudo se torna mais leve. Sua amizade é uma dádiva de Deus.

À Maria Angélica de Oliveira e a Pedro Farias Francelino, pessoas pelas quais cultivo uma grande estima. Agradeço imensamente pelas contribuições que foram concedidas desde o V Fórum de Pesquisa à qualificação. Elas foram essenciais para o encaminhamento e aperfeiçoamento deste estudo. Agradeço, ainda, por comporem a banca de defesa de minha dissertação, acompanhando-me

com os seus olhares precisos e pertinentes. Sou grata por aprender com pessoas tão éticas e sábias.

Aos meus amigos do PPGLE, pelos momentos de companheirismo, partilha e apoio, em especial à Lyra Leite, Ewerton Marques, Malu Serafim, Maria Dnalda, Jucileide Maria, Laís Nóbrega, Hilderlan Sousa, Ítalo de Freitas, Anilauray Costa e, ainda, reitero João Vitor – amigo da vida, mas também da academia. Sem vocês o trajeto trilhado no Mestrado não teria sido o mesmo. Gratidão!

Aos professores da pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), com os quais tive a oportunidade de aprender durante os dois anos de Mestrado. Em especial, ao professor Edmilson Luiz Rafael por ter acompanhado no processo de edificação deste estudo desde quando ele era um embrião, um projeto.

Aos colegas membros do GELInC/UFCG, por dividirem comigo o deleite em estudar e compartilhar saberes acerca da teoria do Círculo de Bakhtin.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa.

A todos que fizeram parte da minha formação desde o ensino básico até aqui,  
**MEU MUITO OBRIGADA!**

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena.

(BAKHTIN, 2003 [1979], p. 271)

## RESUMO

O advento da internet fomentou evidentes modificações nas formas de interação e de produção discursiva. Consequente a isso, ocorreu o surgimento do comentário *on-line* - gênero nativo do ambiente digital. Erigido a partir de enunciados concretos, resultante das relações dialógicas, tal gênero discursivo é pleno de tonalidades emotivo-volitivas, o que acaba por culminar na revelação de posicionamentos socioideológicos dos sujeitos internautas acerca dos acontecimentos circulados em rede. Cientes disso, nessa pesquisa, propõem-se leituras dialógico-discursivas de pontos de vista estabelecidos em interações no ambiente digital, mais especificamente no Instagram, a partir de comentários *on-line* dispostos em publicações de memes sobre a pandemia da COVID-19. Para tanto, a investigação partiu da seguinte questão-problema: quais pontos de vista são convocadas em interações discursivas estabelecidas em enunciados concretos de comentários *on-line* sobre a pandemia da COVID-19 em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_? Buscando elucidar esse questionamento, delineou-se como objetivo geral: compreender as construções de pontos de vista nas interações discursivas em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_ no tocante às postagens de comentários *on-line* que tematizam a pandemia da COVID-19. Enquanto específicos: (1) investigar relações dialógicas e tons emotivo-volitivos em comentários *on-line* inseridos na conta da rede social em estudo; e (2) analisar os comentários *on-line* como enunciados-respostas no âmbito das interações em rede estabelecidas na página do Instagram @barbiefascista\_. Nesse sentido, visando atingir o intento desta pesquisa, o domínio teórico-metodológico da Teoria Dialógica da Linguagem (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], 2018 [1929], 2019 [1930]; BAKHTIN, 2003 [1979], 2016 [1952-1953], 2017 [1974]) e de divulgadores fundamentou o trabalho. Ademais, discorre-se teoricamente sobre a dinâmica interativa das Redes Sociais Digitais (LÉVY, 2010, 2014; VICENTE, 2014; RECUERO, 2015, 2016). Metodologicamente, a presente investigação encontra-se ancorada no método sociológico (BAKHTIN, 2017 [1974]), estando ela situada no paradigma qualitativo-interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008) e netnográfico (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008), uma vez que o *corpus* de investigação se encontra situado na internet. Portanto, a partir de tal espaço elegemos 6 memes com seus respectivos comentários. Em função da questão e dos objetivos assumidos na pesquisa, dentre esse universo selecionamos, para fins de análise, o quantitativo de quinze comentários. As relações entre as postulações teóricas e os procedimentos metodológicos serviram de base para se alcançar os resultados, os quais apontam que as relações dialógicas e os tons emotivo-volitivos manifestos em enunciados concretos de comentários *on-line* autorizaram o demarcar de posicionamentos axiologicamente situados acerca dos desdobramentos do evento pandêmico, assim, culminando em projetos de dizeres que convocaram pontos de vista distintos (validação, concordância, depreciação, negação etc.), estando eles intrinsecamente alinhados às filiações ideológicas dos sujeitos discursivos.

**Palavras-chave:** Teoria Dialógica da Linguagem; Interação Discursiva; Pontos de vista; Redes Sociais Digitais; Comentários *on-line*; Pandemia da COVID-19.

## ABSTRACT

The internet has stimulated tangible changes in interaction and in discursive production. Consequently, we then face the emergence of online comments — a native genre of the digital world. This discursive genre is made of concrete statements which result from dialogical relations, and it is full of emotional-volitional tones that reveal the ideological positions of internet users about the events that circulate on the web. In this context, the present work analyzes dialogic-discursive perspectives established on Instagram, specifically in the comments of meme posts about the COVID-19 pandemic. We, therefore, ask the following problem question: what are the points of view expressed in discursive interactions (established through concrete statements) in online comments about the COVID-19 pandemic on Instagram profile @barbiefascista\_? Given this question, the general objective of this research is to understand the construction of points of view in discursive interactions regarding the COVID-19 pandemic in @barbiefascista\_ on Instagram. The specific objectives are: (1) to investigate dialogical relations and emotional-volitional tones in online comments in @barbiefascista\_; and (2) to analyze said online comments as utterances-responses. In order to achieve the aforementioned objectives, we relied on the Dialogical Theory of Language (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], 2018 [1929], 2019 [1930]; BAKHTIN, 2003 [1979], 2016 [1952-1953], 2017 [1974]). In addition, we theoretically discuss the interactive dynamics of Digital Social Networks (LÉVY, 2010, 2014; VICENTE, 2014; RECUERO, 2015, 2016). On method, the present investigation chose the sociological method (BAKHTIN, 2017 [1974]) qualitative-interpretative (BORTONI-RICARDO, 2008) and Netnography (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008), approaches since the object of investigation is on the internet. Therefore, from this space we chose 6 memes with their respective comments. Depending on the question and the objectives assumed in the research, among this universe, we selected, for analysis purposes, the quantitative of fifteen comments. Our results point out that the dialogical relations and the emotional-volitional tones manifested in concrete statements of online comments allow the demarcation of axiological positions about the pandemic. Henceforth, we perceive "projects of sayings" that are built from different points of view (validation, agreement, depreciation, denial, etc.) and are intrinsically aligned with the ideological affiliations of the discursive subjects.

**Keywords:** Dialogical Theory of Language; Discursive Interactions; Points of View; Digital Social Networks, Online Comments; COVID-19 pandemic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A linguagem para a TDL	23
Figura 2 - Dialogismo e enunciado concreto	34
Figura 3 - Gêneros do Discurso e os campos da comunicação discursiva	41
Figura 4 - Sociedade imersa na cibercultura	48
Figura 5 - Prosumidores nas redes sociais digitais	50
Figura 6 - Usuários brasileiros nas redes sociais digitais	54
Figura 7 - Meme "O país na lama"	60
Figura 8 - Perfil @barbiefascista_	73
Figura 9 - Advertência da página @barbiefascista_	74
Figura 10 - Meme "Contra o "Medidas contra o coronavírus"	79
Figura 11 - Comentário I sobre o meme "Medidas contra o coronavírus"	81
Figura 12 - Comentário II sobre o meme "Medidas contra o coronavírus"	84
Figura 13 - Meme "Realidades paralelas"	86
Figura 14 - Comentário I sobre o meme "Realidades paralelas"	87
Figura 15 - Meme "Vacina Butantan"	90
Figura 16 - Comentários I e II sobre o meme "Vacina Butantan"	91
Figura 17 - Meme "Duvidando da COVID-19"	94
Figura 18 - Comentário I sobre o meme "Duvidando da COVID-19"	95
Figura 19 - Comentário II sobre o meme "Duvidando da COVID-19"	99
Figura 20 - Meme "Contra o <i>lockdown</i> "	102
Figura 21 - Comentários I e II sobre o meme "Contra o <i>lockdown</i> "	104
Figura 22 - Comentário III sobre o meme "Contra o <i>lockdown</i> "	107
Figura 23 - Meme "Medidas contra o coronavírus"	109
Figura 24 - Comentário I sobre o meme "Medidas contra o coronavírus"	110
Figura 25 - Meme "Em busca da vacina Janssen"	112
Figura 26 - Comentários I e II sobre o meme "Em busca da vacina Janssen"	113
Figura 27 - Comentário III sobre o meme "Em busca da vacina Janssen"	115
Figura 28 - Comentário IV sobre o meme "Em busca da vacina Janssen"	118
Figura 29 - Comentários <i>on-line</i> no contexto das redes sociais digitais	120

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 REFLEXÕES À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM</b>	<b>18</b>
2.1 Teoria Dialógica da Linguagem em foco	18
2.2 Projeções axiológicas da palavra: construção do ponto de vista e manifestação do tom emotivo-volitivo	26
2.3 Dialogismo e enunciado concreto: a premissa da linguagem	30
2.4 A interação discursiva	36
2.5 Os gêneros discursivos	38
<b>3 AS REDES SOCIAIS DIGITAIS ENQUANTO ESPAÇOS DE INTERAÇÃO DISCURSIVA</b>	<b>44</b>
3.1 O digital como vetor de cultura	44
3.2 As redes sociais digitais	48
3.3 As redes sociais enquanto espaços de circulação de gêneros discursivos: atentando para o meme e para o comentário <i>on-line</i>	56
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b>	<b>65</b>
4.1 Perspectiva metodológica para a TDL	65
4.2 A natureza da pesquisa	67
4.3 Caracterização do <i>corpus</i>	70
4.4 Categorias de análise	76
<b>5 TRAMAS DA INTERAÇÃO DISCURSIVA NA PÁGINA @barbiefascista_ : RELAÇÕES DIALÓGICAS E TONS EMOTIVO-VOLITIVOS NA CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA EM COMENTÁRIOS <i>ON-LINE</i></b>	<b>78</b>
5.1 As relações dialógicas estabelecidas em comentários <i>on-line</i>	78
5.2 Os tons emotivo-volitivos convocados em comentários <i>on-line</i>	102
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>126</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A internet tem sido, progressivamente, implantada em nosso cotidiano. Junto a ela emergem novas formas de relação e de interação entre os sujeitos, mediadas, sobretudo, a partir das redes sociais digitais que se fazem presentes nesse contexto interativo. Localizadas em *sites* ou aplicativos situados no ciberespaço, as redes sociais detêm como maior funcionalidade a conexão entre pessoas ou grupos de pessoas de qualquer lugar do mundo.

A conectividade possibilitada nesse âmbito concede aos seus usuários o engajamento em práticas sociais de linguagem mediante a produção e disseminação de informações, realizadas a partir dos recursos de criação e compartilhamento de publicações, além da postagem de comentários *on-line*. Assim, ao enfatizar a propriedade interativa das redes, Bertucci e Nunes (2017) afirmam que a interação nesse espaço pode ocorrer de diferentes formas, variando de ações como o “curtir”, “amar”, “rir” etc. ao comentário como ato mais profundo de interação.

Aliada à eclosão das redes sociais digitais e às interações nelas dispostas, surgem fenômenos que empreendem e difundem a comunicação no ciberespaço, promovendo o engajamento dos internautas. Nesse contexto, eis que nos deparamos com o surgimento de um gênero discursivo nativo do meio digital: o meme. Alguns estudos como o de Souza (2013), Martino e Grohmann (2017), Melo (2018), Sarmiento e Chagas (2020), dentre outros, incubem-se em denotar a irrupção do meme no ambiente digital, destacando o quão prolífico esse gênero é.

Dispondo de uma estrutura parcialmente fixa, os memes se apresentam nas redes sociais em forma de *gif* ou de imagens combinadas com enunciados verbais que se valem do humor, da ironia e do sarcasmo, encontrando um espaço considerável nas práticas de linguagem efetivadas no campo das redes sociais digitais. Um ponto importante ressaltado por Guerra e Botta (2018, p. 1861) refere-se à potencialidade de representação social dos memes, isso porque quando ocorre algum acontecimento de repercussão nacional já se espera a sua ampla circulação sobre o assunto. Tal proposição é facilmente comprovável ao pensarmos no cenário atual, em que o mundo passa por um momento atípico em virtude do enfrentamento da pandemia da COVID-19 e os brasileiros fizeram da quarentena um momento de

produção<sup>1</sup> e compartilhamento de incontáveis memes que discursaram a respeito do vírus e do seu impacto político, econômico, histórico e social.

Sabemos que a pandemia da COVID-19 emergiu, em escala global, no ano de 2020, após o registro de uma nova cepa de coronavírus, a Sars-Cov-2, advinda da cidade de Wuhan, localizada na China. Como um estopim, o surto do novo coronavírus em escala mundial despertou o mais alto nível de alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS), suscitando medidas em caráter emergencial no Brasil e no mundo, intentando promover a prevenção e redução do contágio da doença.

Desde então, o funcionamento da vida em território global foi condicionado às transformações nos mais diversos setores: pessoas isoladas, locais públicos vazios, escolas e universidades com aulas suspensas, comércios com portas fechadas, trabalhos paralisados, hospitais superlotados carecendo de leitos e, o mais estarrecedor, muitas mortes contabilizadas.

Na esfera política do Brasil, as polarizações foram acentuadas, denotando ainda mais os interesses partidários e pessoais, suscitados pelas filiações ideológicas dos sujeitos. Ergueu-se, então, um cenário de conflito entre gestores municipais, estaduais e entre a população como um todo face à axiologia negacionista, anticientífica, apregoada nos discursos e nas ações governamentais do Chefe de Estado do nosso país. Frente a esse panorama, vimos e continuamos a ver o demarcar de posições e de atos que usurpam os direitos dos cidadãos, demonstrando negligência e falta de compromisso com a integridade dos brasileiros.

Essas discussões envolvendo a pandemia e seus reflexos foram, inevitavelmente, tomando os veículos de comunicação, ganhando forças sem dimensões, principalmente, na internet. Logo, viu-se alastrar os mais diversos memes que discursavam acerca da pandemia e os embates advindos dela, uma vez que esse evento possibilitou posicionamentos bastante controversos, sobretudo, no Brasil, onde o presidente do país menospreza<sup>2</sup> a gravidade da doença. Logo, compondo o debate circunscrito na pandemia, as publicações desses memes

---

<sup>1</sup> É o que nos mostra a matéria “Brasileiros lidam com a quarentena fazendo memes na web”, publicada pelo portal A Gazeta. Disponível em <<https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/brasileiros-lidam-com-a-quarentena-fazendo-memes-na-web-veja-alguns-0320>> Acesso em: 03/11/2021.

<sup>2</sup> Para efeito de exemplificação situamos a notícia “Brasil, 200 mil mortes por Covid: 200 frases de Bolsonaro minimizando a pandemia”, a qual manifesta duzentas falas de Jair Bolsonaro menosprezando a seriedade da pandemia. Disponível em <<https://br.noticias.yahoo.com/200-frases-de-bolsonaro-minimizando-a-pandemia-do-coronavirus-203647435.html>>. Acesso em: 10/06/2022.

acabaram por difundir a circulação de discursos polêmicos, situados em um tempo e em um espaço bem definido.

Na esteira desse raciocínio, torna-se possível admitir que os enunciados desses memes circulam e massificam no espaço digital as implicações oriundas do evento pandêmico, suscitando nos internautas a responsividade, a apreciação e a conseqüente manifestação de seus posicionamentos a partir de respostas às postagens dessas materialidades, ofertando-nos, assim, a possibilidade de leituras dialógico-discursivas dos pontos de vista de sujeitos que evidenciam suas percepções avaliativas, seus tons emotivos, seu juízo de valor por meio de comentários *on-line*.

Isso se torna viável, pois, as redes sociais digitais – em nosso caso o Instagram – se instituem enquanto espaços de atuação social de práticas discursivas de linguagem, pautadas na interação. Com efeito, elas dispõem de diferentes ferramentas para o engajamento dos internautas, a exemplo de postagens, curtidas, transmissões ao vivo e comentários (SILVA; CASTRO FILHO; FREIRE, 2018), sendo o comentário, como já mencionado, o ato mais profundo de interação (BERTUCCI; NUNES, 2017).

Compreendemos, pois, que a dinâmica das redes sociais digitais corrobora o princípio defendido por Bakhtin (2003 [1979]), de que todo enunciado é preche de resposta. Logo, todo enunciado comporta uma resposta, culminando, desse modo, o princípio interativo da linguagem. Em razão disso, lemos o comentário *on-line* enquanto um espaço de compreensão ativo-responsiva. Portanto, um terreno fértil de materialização de horizontes valorativos manifestados pelas mais variadas vozes sociais.

Sob a ótica dessa perspectiva, o comentário se erige como prática discursiva cooperativa, dinâmica e, sobretudo, avaliativa, cuja apreciação decorre em virtude da manifestação de enunciados-respostas dialogicamente valorados, os quais, com clareza, evidenciam os posicionamentos axiológicos dos comentadores, uma vez que é através desse espaço que o sujeito mobiliza sentidos múltiplos em função de seu ponto de vista, construindo, assim, novos discursos (CUNHA, 2012).

À guisa desse entendimento, é possível inferir que, ao comentar, o sujeito é capaz de construir um novo dizer, de engajar-se, de ofertar uma contrapalavra acentuando e/ou descolando um dito: aceitando, renegando, imprimindo sua subjetividade, ou seja, validando a sua existência, a sua posição no e sobre o

mundo. Nesse sentido, sob a nossa percepção, o comentário *on-line* emerge com um âmbito de audiência participativa, capaz de demarcar pontos de vista e expandir sentidos, impressões, avaliações, colocando em funcionamento as vivências dialógicas e os tons emotivo-volitivos dos sujeitos discursivos a respeito da pandemia da COVID-19.

Na rede social Instagram, muitas são as páginas disseminadoras de publicações de memes, com as quais os internautas estabelecem relações comentando, engajando-se, posicionando-se. Dentre elas, destacamos uma em específico: a Barbie Fascista. Surgida na campanha presidencial de 2018, a página apodera-se da representatividade sígnica da boneca Barbie, personificada como os sujeitos que se identificam com os posicionamentos de Bolsonaro, e, a partir disso, engendra a manifestação de críticas satíricas perante os discursos do presidente e de seus apoiadores a respeito de questões político-sociais – sendo a pandemia da COVID-19 a principal delas.

Diante desse panorama, tendo em vista esse contexto de conflito político-social e, ainda considerando o postulado de Volóchinov (2019 [1930]), para quem toda comunicação discursiva é composta por dois momentos: o enunciado do falante construído a partir do seu ponto de vista e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte (compreensão essa que contém elementos de uma resposta, seja a concordância ou a refutação), observamos as interações na página do Instagram em apreço, promovidas em publicações referentes à pandemia, para levantar o seguinte questionamento que norteia esta pesquisa: quais pontos de vista são convocados em interações discursivas estabelecidas em enunciados concretos de comentários *on-line* sobre a pandemia da COVID-19 em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_?

Para respondê-la, traçamos um objetivo geral: compreender as construções de pontos de vista nas interações discursivas em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_ no tocante às postagens de comentários *on-line* que tematizam a pandemia da COVID-19; e dois específicos: (1) investigar relações dialógicas e tons emotivo-volitivos em comentário *on-line* inseridos na conta da rede social em estudo; e (2) analisar os comentários *on-line* como enunciados-respostas no âmbito das interações em rede estabelecidas na página do Instagram @barbiefascista\_.

Em vista do exposto, o interesse dessa pesquisa se justifica por amparar-se em um contexto totalmente atípico no século XXI, que acarretou inúmeras

transformações no Brasil e no mundo, causando um impacto não somente epidemiológico, como também social, político, educacional, econômico, religioso, cultural, ou seja, afetando praticamente todas as dimensões da vida humana. Dessa forma, gerando uma série de conflitos, abalizando diversos e antagônicos discursos que não apenas coexistem, mas se tencionam nas relações dialógicas (FARACO, 2009).

A escolha da página @barbiefascista\_ foi efetivada não só por se tratar de uma conta voltada para memes que se enquadram nas discussões públicas acerca de temas coletivos, mas também pelo seu alcance que possibilita uma relação significativa de interação discursiva entre os sujeitos, percebida através das inúmeras e diferentes réplicas valorativas aos enunciados dos memes, dispostas nos comentários *on-line*.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de cunho qualitativo (MINAYO, 2002). Por nosso objeto encontrar-se situado no Instagram, logo, no espaço virtual, partimos de materialidades cuja esfera de circulação é o meio digital. Nesse sentido, ao abordá-las, também não desconsideramos seu contexto na *web*, por isso, filiamo-nos à netnografia (KOZINETS, 2014; CORRÊA, ROZADOS, 2017) enquanto método. Para constituição do nosso *corpus*, com base no tratamento da temática e em função da nossa questão e do nosso objetivo de pesquisa, fizemos um recorte cronológico selecionando comentários *on-line* circulados em publicações de memes realizadas entre o período de março de 2020 e fevereiro de 2022, desse modo, compreendendo os dois primeiros anos de pandemia.

Diante desse panorama, esperamos com a realização dessa pesquisa vislumbrar que os comentários *on-line* enquanto enunciados concretos que se constroem dialogicamente no contexto social e histórico, na conjuntura da pandemia do COVID-19, não são enunciados desvinculados de uma vida verboideológica, mas sim a expressão de axiologias, de tomadas de posicionamentos, fato esse que os tornam materialidades valiosas para pesquisa à luz da Teoria Dialógica da Linguagem. Assim, acreditamos que esta pesquisa se encontra em consonância com a área de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), especificamente a Linha 4 (Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem), por amparar-se na compreensão de sentidos dados pelos discursos em um contexto socialmente localizado.

Desse modo, diante da explanação aqui empreendida, visando responder a questão problema de nossa pesquisa, bem como alcançar os objetivos aqui traçados, organizamos esta dissertação nos seguintes capítulos, para além da introdução. O capítulo segundo, intitulado de “*Reflexões à luz da Teoria Dialógica da Linguagem*”, comporta o pressuposto teórico que rege a análise dos dados desta pesquisa. Para tanto, concentra-se em uma discussão na perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem, apresentando conceitos como enunciado concreto, dialogismo, interação discursiva, axiologia e gêneros do discurso.

No capítulo seguinte, nomeado de “*As redes sociais digitais enquanto espaços de interação discursiva*”, discutimos sobre as redes sociais digitais como vetor de cultura e como um âmbito propulsor de audiências participativas entre os internautas. Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, bem como a definição das categorias de análise. Em seguida, no capítulo “*Tramas da interação discursiva na página @barbiefascista\_ relações dialógicas e tons emotivo-volitivo na construção de pontos de vista em comentários on-line*”, realizamos a discussão analítica desta investigação, ou seja, partimos da contextualização dos memes à análise discursiva dos comentários *on-line*, cujo foco temático é a pandemia da COVID-19. E, por fim, apresentamos as *Considerações Finais* desta pesquisa.

Nesse momento, passemos para o capítulo teórico.

## 2 REFLEXÕES À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Neste capítulo, apresentamos o aporte teórico que sustenta esta pesquisa. Para tanto, delineamos cinco eixos que nos embasam. Em 2.1 *A Teoria Dialógica da Linguagem em foco*, discutimos a concepção do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem em contraponto às duas correntes do pensamento filosófico-linguístico vigentes à época: o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista.

Em 2.2, intitulado de *Projeções axiológicas da palavra: construção do ponto de vista e manifestação do tom emotivo-volitivo*, tecemos considerações acerca da posição que a palavra passa a incorporar na Teoria Dialógica da Linguagem, assumindo um domínio ideológico. Logo, sendo saturadas por acentos apreciativos, por expressividade, por pontos de vista, através de sujeitos que se encontram imersos no fluxo das relações axiológicas.

Em 2.3, nomeado de *Dialogismo e enunciado concreto: a premissa da linguagem em uso*, apresentamos o enunciado concreto como a unidade real da comunicação discursiva e o princípio dialógico como característica essencial e intrínseca do discurso vivo.

Em 2.4 *A Interação Discursiva*, a discussão se alicerça no enfoque acerca das condições reais de uso da linguagem. Desse modo, sobre sua natureza interativa. Assim, evocamos a percepção de que toda palavra serve de expressão entre uma consciência individual e outra.

Por fim, em 2.5 *Os Gêneros Discursivos*, nossa discussão se situa em denotar que os gêneros discursivos se encontram imersos nas esferas da atividade humana, estando à disposição das necessidades específicas e imediatas dos falantes. Feitas tais considerações, vejamos, a seguir, o primeiro tópico deste capítulo.

### 2.1 A Teoria Dialógica da Linguagem em foco

As proposições teóricas oriundas de reflexões exercidas por um grupo de intelectuais provindos de formações e áreas distintas, o qual veio a ser denominado de *Círculo de Bakhtin*, suscitaram novas maneiras de se pensar a linguagem ao propor uma concepção que se desvencilhava dos moldes tradicionais da época.

Desde a focalização da linguagem enquanto objeto de estudo, sobretudo, em meados do século XX, quando o *status* da Linguística é demarcado como ciência, que as possibilidades de se pensar a língua(gem) se projetam em panoramas múltiplos e diversificados. Nesse sentido, nosso ponto de partida recai nos estudos realizados a partir do século supradito, haja vista que os postulados teóricos sobre linguagem defendidos pela Teoria Dialógica da Linguagem (doravante, TDL) são construídos a partir das concepções linguísticas vigentes nessa época. Portanto, a fim de estabelecer um breve panorama do desenvolvimento teórico realizado pela TDL diante das tradicionais concepções de linguagem, citaremos duas grandes tendências do pensamento linguístico (1. objetivismo abstrato e 2. subjetivismo individualista), bem como o apartamento teórico facultado pelo Círculo de Bakhtin.

Instituído como o divisor de águas no que tange ao estudo científico da linguagem, vimos ascender, em 1916, a publicação póstuma de Saussure, intitulada de *Curso de Linguística Geral*, a qual inaugurou a chamada linguística moderna. Visto como o expoente do que veio a ser denominado de *objetivismo abstrato*, Saussure se ancora em uma teoria cujo foco se atém ao (re)conhecimento da estrutura que edifica uma língua, logo, pautando-se em uma perspectiva autônoma, sistemática, supraindividual, imanente. No entanto, vale a ressalva de que tal fato não decorre das limitações do conhecimento de Saussure, mas, sim, de suas escolhas metodológicas.

Em um recorte panorâmico, Volóchinov (2018 [1929]) esmiúça, avalia e critica o objetivismo abstrato. Ao caracterizá-lo, o autor cita como elementos dessa corrente filosófico-linguística “[...] o sistema linguístico, compreendido como sistema de formas linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais.” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 155). Sob essa compreensão, o que se lê no objetivismo abstrato é a supremacia da estrutura linguística sobre os sujeitos. Assim, é posto em cena um entendimento de língua que a concebe como um conjunto de regras indestrutíveis, sem interferências dos sujeitos. Portanto, independente de toda possibilidade de criação individual.

Tal entendimento de língua para o objetivismo abstrato é ratificado quando Saussure nos apresenta a dicotomia entre língua e fala:

a língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...) A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45).

Por esse viés, vê-se que o pressuposto saussuriano, sistematizado em dicotomias, admite o reconhecimento de que o estudo da linguagem comporta duas faces: a que tem como objeto a língua (*langue*) e a que tem a fala (*parole*). A primeira está pautada - em sua essencialidade - na convenção social, na homogeneidade, na sistematicidade. A segunda, por sua vez, insere-se como *um produto que o indivíduo registra passivamente, sem supor premeditações*, ou seja, um elemento assistemático, heterogêneo, autônomo, normativo.

Frente à dualidade supramencionada, nosso intuito principal em denotar a dicotomia em questão se faz em reafirmar a perspectiva de língua para Saussure e a preferência realizada pelo pai da linguística moderna diante da escolha do objeto de estudo “língua”, em detrimento da fala. Ou seja, o foco normativo, passivo e heterogêneo prevaleceu sobre a natureza social, mutável, dinâmica da linguagem, dessa forma, excluindo como objeto de estudo o que é heterogêneo e individual.

Diante desse cenário, a posição da TDL é clara ao rebater a concepção sustentada por Saussure ao criticar o modo pelo qual o objetivismo abstrato compreende a língua, cuja ênfase é dada à forma linguística, sem considerar os momentos da enunciação, os sujeitos, os contextos, a história. A respeito disso, Volóchinov (2018 [1929]) afirma que a língua possui a sua história e, ao mesmo tempo, questiona como essa história pode ser compreendida do ponto de vista do objetivismo abstrato. Tal provocação orienta-nos para uma percepção de língua que não é imóvel, tampouco independente dos sujeitos e de toda sua história. Esses elementos são, portanto, inerentes e complementares.

Para além dessa observação, revisitamos em nossa discussão outra corrente do pensamento filosófico-linguístico que abalizou uma noção de língua que serviu como arena de discrepância para o entendimento de linguagem edificada pelo Círculo de Bakhtin. Estamos, portanto, falando do subjetivismo idealista. Apresentando como principal representante Wilhelm Humboldt, a teoria linguística em questão vislumbra a língua pelo viés da criação individual, do psiquismo do

indivíduo, considerando o ato de fala enquanto fundamento linguístico. Nessa acepção, a expressão é de ordem superior, minimizando a essência da língua aos moldes da criação individual.

Ao sintetizar as noções-chave dessa tendência, Volóchinov (2018 [1929], p. 148-149) pontua:

- 1) A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação, realizada por meio de atos discursivos individuais;
- 2) As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas;
- 3) A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;
- 4) A língua como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética) representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto.

Diante dessa perspectiva, a linguagem é vista como um ato monológico, individual, como uma tradução do pensamento, ao passo em que a expressão do sujeito se relaciona estritamente a sua faculdade mental, a sua psique, estando os fatores sociais apartados do processo. Assim, a relação com o outro e com as circunstâncias sociais são rejeitadas enquanto agentes influenciadores, na medida em que a enunciação é concebida unicamente enquanto fruto da consciência individual, enquanto tradução do pensamento do sujeito.

Corroborando a compreensão supradita, Travaglia (1997, p. 21) pondera que nessa circunstância a linguagem se restringe a um ato “[...] que não é afetado pelo outro, nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”. Desse modo, firma-se uma postulação teórica que condiciona uma primazia do interior em detrimento do exterior, do social.

Contrário a essa percepção, Volóchinov (2018 [1929]) defende que o subjetivismo idealista está equivocado quando ignora e não compreende a natureza social, voltando-se, apenas, para o mundo interior do falante. Sob esse entendimento, o que o filósofo destaca é justamente a improdutividade de tal teoria quando se desconsidera o uso da linguagem regulada pelos entornos, pelos fatores sociais e pelas condições ideológicas que estão implicadas; quando se despreza a relação entre o sujeito e o mundo que o circunda.

Perante a esse cenário de olhares restritos frente à linguagem, cuja circunstância incide em perspectivas imanentes, imóveis, psíquicas, individualistas, apartadas do fator social, histórico e ideológico, visualizamos no contexto científico o reverberar de novos estudos que se debruçaram a aprofundar, amplificar e/ou criticar, repensar, contradizer as perspectivas supramencionadas.

Como bem nos chama atenção Xavier (2023, no prelo), a premissa da ciência é o questionamento. Nesses termos, a Linguística incorporou às suas investigações perspectivas que vislumbraram a necessidade de uma abordagem sobre linguagem que ultrapassasse as fronteiras do código linguístico e, para além disso, atingisse as camadas extralinguísticas ao considerar a língua em uso. É, pois, diante desse cenário de encontros e desencontros teóricos que contemplamos o surgimento de novas proposições que contribuirão e continuam a contribuir para o avanço nos estudos linguísticos, como é o caso das contribuições advindas do Círculo de Bakhtin.

Como visto, os estudos do Círculo de Bakhtin debruçam-se sobre uma direção que confronta o *objetivismo abstrato* difundido por Saussure e ao *subjetivismo idealista*, de Humboldt, ao romperem com a percepção de imanência do sistema linguístico e de enunciação enquanto ato individual. Nesse sentido, eis que surge um interesse pela natureza social dos fatos linguísticos, indissolúvelmente ligada às condições de comunicação que estão sempre vinculadas às estruturas sociais (BRAIT, 2005). Passa-se, então, a ceder espaço para uma ótica que contempla a natureza social da linguagem, assim, direcionando um olhar para além do posto, compreendendo o horizonte contextual, dialógico, histórico e ideológico no escopo do estudo linguístico. Isso se explica, pois,

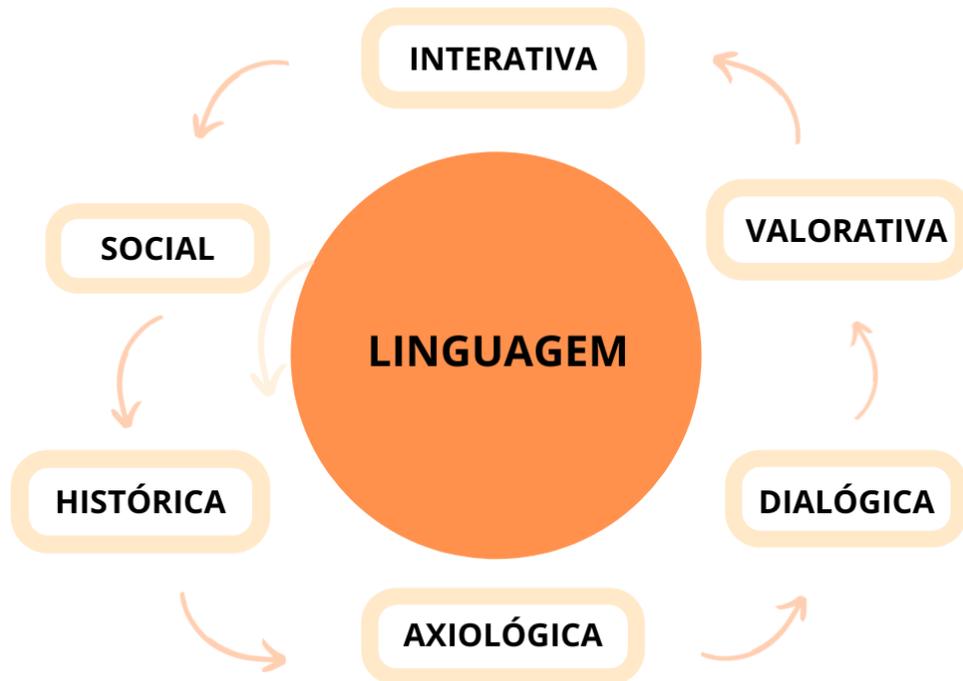
a abordagem da linguística é, na concepção bakhtiniana, insuficiente pelo fato de focar o enunciado exclusivamente como um fenômeno da língua, como algo puramente verbal, desvinculado do ato de sua materialização, indiferente às suas dimensões axiológicas. (FARACO, 2009, p. 25).

Corroborando a perspectiva supramencionada, Marchezan (2018, p. 116) chama-nos atenção para o fato de que as reflexões do Círculo consideram ficcional a Linguística que abstrai a comunicação, tanto a que a renuncia para moldar um objeto científico homogêneo, quanto a que a abstrai para salientar a sua função expressiva. É, pois, na esteira desse raciocínio que o Círculo de Bakhtin confronta

as noções epistemológicas de língua enquanto sistema abstrato, homogêneo, estável, monológico, individual e inerte. Os estudos dialógicos filiam-se a uma concepção que vislumbra a língua em concomitância com os valores sociais e ideológicos.

Sob a égide dessa perspectiva, a linguagem jamais poderá ser entendida desvinculada do ato de sua materialização, ou seja, apartada do fluxo da comunicação verbal. Pensar em linguagem é, portanto, considerá-la enquanto prática de comunicação viva, logo, como atividade de interação. Nesse sentido, para evidenciar o entendimento de linguagem sob a ótica da TDL, vejamos a Figura 1

**Figura 1** - A linguagem para a TDL



Fonte: Elaborada pela autora

Vê-se, pois, que compreender a linguagem à luz da teoria bakhtiniana é concebê-la sob dimensões outras, que outrora foram marginalizadas pelas correntes do pensamento filosófico-linguístico vigentes à época. Nesse sentido, pensar em linguagem a partir dos pressupostos da TDL é acatar sua natureza social, interativa, histórica, ideológica, conforme nos apresenta a imagem acima. Para acrescentar a nossa discussão, não poderíamos deixar de destacar uma passagem de Volóchinov (2019 [1930]) que alvitra:

Em primeiro lugar, devemos lembrar que a linguagem não é algo imóvel, dado de uma vez por todas e determinado de modo rigoroso em suas “regras” e “exceções” gramaticais. A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimentase ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também discursiva. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 267).

Em Faraco (2009), vislumbramos como a questão da linguagem se coloca para a teoria bakhtiniana. O referido autor ressalta que a entrada dessa questão nas preocupações do Círculo condicionou novas direções ao desenvolvimento do pensamento desses estudiosos, demarcando, de modo peculiar, contribuições para o pensamento contemporâneo.

Diante desse panorama, vale salientar que o acolhimento da questão da linguagem na ótica do Círculo admitiu passos tímidos. Faraco (2009, p. 29) mostra-nos que a linguagem aparece apenas de modo esporádico e incipiente nos primeiros escritos de Bakhtin e que é a partir de 1925/1926 que os textos passam a deter um conceito sobre linguagem. Institui-se, assim, uma virada linguística.

Nas palavras do autor,

Há, portanto, por volta de 1925/1926, uma confluência do Círculo para a temática da linguagem. Nela se casarão as preocupações nucleares de Bakhtin (a temática axiológica, a questão do evento único do Ser e a relação *eu/outro*), o interesse acadêmico de Voloshinov (que se dedicava, nessa época, a estudos linguísticos) e o projeto de Medvedev de elaborar um método sociológico para os estudos da linguagem, da literatura e das manifestações da chamada cultura imaterial como um todo. (FARACO, 2009, p. 30).

Diante desse cenário, torna-se oportuno compreender que a presença constitutiva da linguagem nas obras do Círculo tornou-se marca iminente característica. Apesar da multiplicidade de interesses dos pensadores do Círculo, como bem ilustra o excerto supramencionado, esses estudiosos encontraram na concepção de linguagem o fator de convergência. Tal compatibilidade finca-se, como já citamos, na compreensão de linguagem que não se encontra apartada da realidade social, mas sim, considerando a sua intrínseca relação com as atividades humanas nas diversas esferas de organização. Assim, sob essa perspectiva, é

somente mediante as necessidades de comunicação social entre os sujeitos que a linguagem, efetivamente, se institui e se concretiza.

Tal concepção de linguagem atrelada às necessidades de comunicação e de interação social encontra-se, vigorosamente, disseminada nos escritos do Círculo. No ensaio *Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua?*, Volóchinov (2019 [1930]) expõe que a linguagem/língua foi gerada em razão da necessidade de comunicação dos grupos humanos desde a Idade da Pedra. Em sua explanação, o estudioso perpassa por uma discussão sobre a *origem da língua*, denotando o desejo antigo de se imaginar o seu surgimento, ao passo em que assegura que todo fenômeno pode ser melhor compreendido quando visto a partir de seu nascimento e de seu desenvolvimento.

Nesse sentido, no referido texto, Volóchinov (2019 [1930]) se volta para o percurso hipotético da origem da linguagem, sinalizando duas teorias julgadas como mais difundidas no que concerne à gênese da linguagem: 1) a teoria da *onomatopeia* e 2) a teoria das *interjeições*. O primeiro grupo de teoria, a da *onomatopeia*, fundamenta-se na concepção de que o sujeito tentou imitar os sons reproduzidos por animais e pela natureza. Desse modo, os sons tornaram-se significações dos objetos que emitiam tais sons, tornando-se palavras. A segunda teoria, a das *interjeições*, supõe que os primeiros sons da fala humana foram interjeições (exclamações) involuntárias que o sujeito emitia diante de impressões causadas por objetos e que, ao se repetirem, transformaram-se em palavras.

Ao debruçar-se sobre essas duas proposições, Volóchinov (2019 [1930]) demonstra serem essas inconsistentes, ao passo em que sua justificativa se filia à noção de que essas teorias não foram capazes de responder a questão sobre a essência real da linguagem/língua enquanto fenômeno social, surgidas em razão das necessidades de comunicação dos grupos humanos desde a tenra história, ou seja, desde as suas manifestações iniciais.

Vê-se, por conseguinte, que o teórico retoma os primórdios da humanidade no intuito de reforçar a condição social da linguagem, assim, alicerçando sua defesa embasada em uma compreensão de linguagem/língua que possui sua essência centrada na vida do sujeito, permeada, portanto, pela interação entre indivíduos socialmente e historicamente situados. Na esteira desse raciocínio, essa defesa só vem a reforçar a percepção social de linguagem defendida pelo Círculo que, como

pode se ver, não se volta, apenas, à Idade Moderna, mas, sim, encontra seu lugar respaldado desde a pré-história.

Face a tal contexto, diante dessa breve explanação que circunscribe um panorama de rupturas, vislumbramos o desabrochar de uma teoria que pensa e defende o funcionamento real da linguagem desde seu princípio. Tal fato nos coloca na posição de compreender que em todo o percorrer de suas obras, o Círculo de Bakhtin faz retomadas a postulados outros e suscita a pertinência de direcionar um olhar para a linguagem a partir das condições reais de uso, assim, instituindo transcendências face às percepções vigentes outrora.

Desse modo, estamos diante de uma perspectiva que valida um novo arcabouço teórico-metodológico diante do estudo da linguagem. Frente ao exposto, é possível compreender que os estudos do Círculo de Bakhtin apresentaram “[...] em termos premonitórios, um programa completo de estudos para a linguística, ao criticar as teorias do início do século [XX]” (CUNHA, 1997, p. 303, *apud* MOZDZENSKI, 2010, p. 55), pois, perante uma tradição de convicções que pensavam a realidade em sua homogeneidade, em seu acabamento, em sua individualidade, os integrantes do Círculo excedem essa perspectiva fundamentando-se em um preceito heterogêneo, inacabado, dialógico, que se volta à existência do ser concreto.

Dessa maneira, tecidas as informações aqui apresentadas, salientamos, ainda, que a perspectiva de linguagem no Círculo de Bakhtin se ergue a partir de alguns pilares sem os quais não podemos ter uma ampla percepção da teoria. Sendo assim, articularemos, a seguir, alguns conceitos fundamentais oriundos do pensamento do Círculo, na busca por promover um panorama que viabilize uma compreensão mais clara a respeito das proposituras da TDL.

## **2.2 Projeções axiológicas da palavra: construção do ponto de vista e manifestação do tom emotivo-volitivo**

Como se pôde perceber com a discussão empreendida anteriormente, a concepção de linguagem do Círculo desvencilha-se das noções tradicionais de sua época ao erigir uma noção que a compreende enquanto produto da vida social, considerando sua dinamicidade, sua concretude, sua efetivação nos vínculos inter-relacionais. Tal redirecionamento teórico faculta o reposicionamento da significação

da palavra que, de igual modo, é tecida mediante a ruptura defronte às convicções tradicionais. Diante desse cenário, somos incutidos à discussão sobre qual a posição que a palavra passa a assumir na TDL.

De acordo com Volóchinov (2018 [1929]), a palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social, é, pois, considerada um *fenômeno ideológico par excellence*. Para o autor, é no material da palavra que se pode explicar, da melhor maneira, as principais formas ideológicas da comunicação social. Ela é fruto de um sistema linguístico, uma possibilidade de linguagem, mas que, como Xavier (2023, no prelo) esclarece, só atinge “sopro de vida” quando se considera a sua orientação social, quando ela é inserida entre sujeitos socialmente organizados e preenchidos por axiologias.

Na esteira desse raciocínio, podemos atentar para o fato de que o lugar da palavra na TDL coincide com o domínio do axiológico, uma vez que a concepção de palavra se encontra estritamente vinculada à significação ideológica. Dito de outro modo e utilizando-nos da afirmação de Stella (2020, p. 178), a palavra, nessa instância, “[...] passa a ser encarada como um elemento concreto de feitura ideológica.”

Por essa perspectiva, Volóchinov (2019 [1930]) esclarece que, pela sua própria essência, a palavra revela-se *o mais puro fenômeno ideológico*, dissolvendo-se por inteiro em sua finalidade de ser signo. O referido autor nos chama atenção para o fato de que “[...] quando pronunciamos ou ouvimos uma palavra, nunca a percebemos como algo separado e abstraído da realidade, como um fenômeno puramente sonoro, autossuficiente e valioso por si só [...]”. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930]), p. 316). Desse modo, a palavra não se basta de uma base acústica e fisiológica, é preciso que ela “signifique”. Dito em outros termos, é necessário que ela expresse fenômenos da realidade. Assim, ausente dessa instância, a palavra não será palavra.

Na tentativa de ofertar uma definição do que seria a palavra, Volóchinov (2019 [1930]), em *Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social*, lança a indagação “mas o que é a palavra?”. O autor prontamente responde:

Ao atentarmos para a realidade que nos circunda, notaremos nela como que dois tipos de objetos. Alguns deles, por exemplo, os fenômenos da natureza, os instrumentos de produção, os objetos do cotidiano etc. não possuem qualquer significação ideológica. Podemos utilizá-los, admirá-los, estudar sua construção, compreender com perfeição tanto o processo de sua fabricação quanto a sua finalidade na produção, mas, por mais que queiramos, não podemos considerar, por exemplo, um tanque ou um martelo a vapor como um "signo", uma designação de alguma outra coisa, objeto ou acontecimento. Será totalmente diferente se pegarmos uma pedra, a pintarmos com cal e a colocarmos na divisa entre dois *kolkhozes*. Essa pedra obterá uma determinada "significação". Ela já não irá significar só a si mesma, só uma pedra como parte da natureza, mas terá um outro novo sentido. Ele apontará para algo que se encontra *fora* dele. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 310).

Diante da assertiva, percebe-se que a palavra ganha seu contorno ideológico quando adquire sua significação, ou seja, quando se transforma em signo, passando a configurar-se enquanto um âmbito de materialização dos fenômenos ideológicos, delineados a partir do conjunto da vida social. Nessa acepção, os objetos envoltos no mundo, como o exemplo da pedra apontada no excerto, adquirem significados que extrapolam os limites de sua materialidade, pois passam a congrega a interferência de sujeitos organizados e envoltos nas relações sociais. Dessa maneira, o sentido físico-material atrela-se ao sentido sócio-histórico, conduzindo a implicação de que mais do que refletir o mundo, a palavra enquanto signo ideológico é minada de valores sociais, refletindo pontos de vista de centros valorativos diversos.

Em se tratando de valores, Volóchinov 2019 [1930], p. 315-316) alega que "[...] toda palavra, falada ou pensada, torna-se um ponto de vista para algum fenômeno da realidade, para alguma situação [...], não é um simples ponto de vista, mas um ponto de vista avaliador." Essa afirmativa reluz a natureza axiológica/valorativa/emotiva da palavra, isto é, convoca a admissão de pontos de vista, se fazendo enquanto expressão para sujeitos que interagem, se articulam e adotam posicionamentos, estabelecendo apreciações no fluxo ilimitado das relações interpessoais.

Dito isto e considerando a afirmativa supracitada, a palavra é a melhor expressão da representação do mundo. É na e pela palavra que os sujeitos se colocam: afirmam, negam, tomam posições determinadas, atribuem convicções,

apresentam seu ponto de vista<sup>3</sup>, em suma, valoram a partir de um lugar determinado socialmente. Nesse panorama, as palavras são saturadas por acentos apreciativos, por valores, por expressividade, através de sujeitos que se encontram imersos no fluxo das relações axiológicas. Ademais, a palavra não necessita de outro meio para ser produzida, a não ser os próprios sujeitos em situação de interação. Assim, ela é a principal ponte que liga o *eu* e o *outro*.

Diante dessa conjuntura, podemos compreender que ao fazer o uso das palavras, expressamos elementos axiológicos e, conseqüentemente, assumimo-nos ativamente, tomando posições e revelando nossa perspectiva de mundo a partir da construção de pontos de vista. Outrossim, como apontado acima, é no vínculo com o outro que a palavra se estabelece enquanto expressão, ou seja, como pontua Bakhtin (2016 [1952-1953]), é no processo de seu emprego vivo no enunciado que a palavra ganha emoção, adquire seu contorno valorativo e fora dessa instância ela é extraemocional.

Nesse sentido, a emoção erige arranjos de valores que impelem a relação de afetividade, ou seja, os tons emotivo-volitivos dos sujeitos face a objetos discursivos. Conforme Bakhtin (2010 [1920-1924], p. 87) “[...] viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva.” Tal assertiva nos conduz a compreender que as palavras dentro de um evento singular têm contornos particulares, são fruto da emotividade dos sujeitos no existir-evento.

Sob essa ótica, o falante assume um *não-álibi*. Em seu discurso responsável e responsivo, há sempre a expressão de uma orientação, de uma avaliação do mundo social. São, pois, as ações expressivas abastecidas de aspectos emotivos e volitivos do sujeito que banham a palavra de tonalidades apreciativas. Tais tons são geridos por axiologias e são regulamentados pelas forças ideológicas as quais os sujeitos estão filiados.

Sendo assim, compreendemos que é a partir dos tons emotivo-volitivos que se torna possível ler as relações sociais e ideológicas do falante e, conseqüentemente, as apreciações, as tomadas de posições, as entonações, a expressividade, ou seja, os pontos de vista permeados nos discursos. Na esteira

---

<sup>3</sup> Apesar desse termo não ter sido empregado como um conceito teórico nos postulados desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, no decorrer de nosso trabalho adotaremos essa expressão, tal como o faz Cunha (2011, 2012 e 2015) em seus estudos.

dessa discussão, torna-se possível perceber que a língua é preta de emoções, de valores. Contudo, vale ressaltar que “[...] a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do emprego vivo da enunciação”. (BAKHTIN, 2016, p. 51). Sabendo desse princípio bakhtiniano, passemos, a seguir, à discussão que norteará o entendimento sobre o enunciado e, para além disso, sobre dialogismo.

### **2.3 Dialogismo e enunciado concreto: a premissa da linguagem**

Um aspecto basilar da TDL firma-se no dialogismo. De acordo com Brait (2004), a natureza dialógica da linguagem é um conceito tão fundamental nas obras do Círculo de Bakhtin que funciona como uma célula geradora que singulariza o pensamento da TDL. Isso se explica, pois, ao pensar na noção de língua enquanto manifestação concreta e viva, apreendida a partir de sua dimensão social, o Círculo convoca um dos principais fundamentos norteadores da teoria: o dialogismo.

Ao se propor pensar em diálogo/dialogismo, logo, rememoramos às ideias do Círculo, tamanha é a força que tal concepção exerce na teoria formulada por esses intelectuais. Um destaque pontuado por Volóchinov (2018 [1929]) é que “o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo.” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 219). Tal assertiva amplia as possibilidades de se pensar o diálogo em movimento, em seu perpétuo devir — inclusive, o próprio diálogo face a face, mas não pela ótica de sua forma composicional e, sim, enquanto processo que possibilita contemplar o dinamismo das vozes sociais e as significações que delas emergem.

Na esteira desse raciocínio, vislumbramos na trama teórica o advento de um pressuposto que, como Marchezan (2018, p. 117) elucida, “[...] compreende o verdadeiro diálogo, o diálogo “real”, concreto, não aquele que já se fez letra morta, decorada mecanicamente, repetida sem razão, sem vontade.” Nesse panorama, estamos expostos a uma perspectiva teórica que faz reluzir o dialogismo impactado pelo discurso vivo, apreendido do desempenho verbal que se realiza e se concretiza a partir do vínculo existente entre as vozes sociais, que ocorrem em processos ininterruptos de interação.

Para elucidar o que estamos afirmando, convocamos a voz de Bakhtin, para quem

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 88).

Em vista da perspectiva apresentada, pensar em dialogismo sob as lentes da TDL é considerar que o princípio dialógico é característica essencial e intrínseca do discurso vivo. Isso implica dizer que o dialogismo é uma condição de existência e funcionamento da linguagem. É, portanto, a capacidade intrínseca para a resposta. Isso implica dizer que, como bem explicita o excerto exposto, não somos os principiantes do nosso discurso, dos nossos dizeres, não há como nos apartarmos do fluxo das relações dialógicas, uma vez que nos constituímos enquanto seres históricos condicionados por fatores sociais. Todo dizer é uma resposta a alguma coisa - que se institui no passado, no presente e se coloca como abertura para o futuro.

Somos, portanto, constantemente atravessados pelos discursos já proferidos, em um processo que se edifica pelas relações interpessoais consolidadas pela interação entre sujeitos valorativos. Isso resulta na concepção de que todo dizer dialoga com outros dizeres, engendrando uma incessante interação com os discursos precedentes ou vindouros a ele. Assim, torna-se claro que o dialogismo se estabelece através da incorporação da palavra do outro, na palavra do eu em uma relação de alteridade.

Nessa perspectiva, o fenômeno da dialogia encontra-se imbricado em todos os discursos, de todas as esferas em que se materializam. Portanto, pode-se afirmar que

[...] desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por um ou outro processo. No campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de

esclarecimento dialógico mútuo [...]. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 153).

Tendo como referência essa proposição, torna-se evidente que o diálogo configura-se enquanto um espaço de (as)simetrias, uma arena eminentemente interativa entre uma consciência individual e outra, na qual o sujeito detém livre acesso a um espaço de liberdade e de inacabamento. Por não existir nenhum objeto do mundo que não esteja cingido em discursos, é impossível esquivar-se do dialogismo. Sendo assim, a fala cotidiana aos grandes discursos científicos, filosóficos, literária etc. podem ser vislumbrados à luz das relações dialógicas que as constituem.

Nessas condições, tratando-se do âmago da natureza dialógica da linguagem, Xavier (2020, p. 41) suscita a percepção de que

O dialogismo em processos ininterruptos de interação discursiva ocorre quando os integrantes da enunciação estabelecem relações de compreensão no presente reportando-se ao passado, ins(es)tabilizando sentidos, revivendo, de forma renovada, experiências de linguagens localizadas no tempo e no espaço, bem como orientadas pelo e com o outro, acentuando sentidos, convocando apreciações, promovendo o exercício dialógico da linguagem de compreender e responder.

Diante dessa conjuntura, encontramos no dialogismo um processo que reúne sujeito, tempo e espaço em movimentos de ordem interativa, empreendido a partir de integrantes da enunciação que se encontram imersos em um fluxo dinâmico de compreender e de responder, plasmados por apreciações. À luz desse entendimento, é posto à tona o caráter responsivo-ativo que ocorre na relação entre o eu e o outro, validado em cada réplica, em cada enunciado. Diante dessa discussão, eis que somos confrontados com um conceito caro para a TDL, bem como para a nossa discussão: a de enunciado.

Convocamos a alegação de Marchezan (2018, p. 117), para quem dialogismo e enunciado são conceitos interdependentes. Tal asserção se estabelece como fio propulsor de nossa discussão, uma vez que não poderíamos falar em dialogismo, esquivando-nos daquilo que é considerado parte eminentemente constitutiva das relações dialógicas.

Como é característico do pensamento do Círculo de Bakhtin, a concepção de enunciado concreto não se encontra pronta e acabada em um texto, mas sim, tem seu significado e atributos apresentados no conjunto das obras, muitas vezes diluído

e interligado a outros conceitos. No entanto, há uma definição bastante (se não a mais) difundida nos estudos do enunciado, a qual nos oferta condições de tracejar compreensões, a saber: o enunciado concreto é “[...] a *real unidade* da comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 28, itálicos do autor) e

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do dialógico cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 29).

Mediante o exposto, Bakhtin suscita a percepção de que o enunciado não é uma unidade convencional, mas sim *real*, cuja gênese encontra-se ancorada na comunicação discursiva delimitada pela interação entre os falantes. Isto implica dizer que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos pertencentes a sujeitos do discurso que se alternam em atos responsivo-ativos, em situações sociossituadas de comunicação. Nesse sentido, compreender os efeitos de sentidos de um enunciado é estar a par das suas condições de produção, é estar imerso no fluxo das relações dialógicas, uma vez que, como esclarecem Oliveira e Pinheiro-Mariz (2012, S/P), “[...] nenhum enunciado ‘vem ao mundo’ indiferente a outros dizeres.”

Frente a esse contexto, percebe-se que o enunciado concreto pode ser entendido enquanto acontecimento discursivo que têm sua projeção alicerçada em uma ótica de linguagem compreendida pelos liames do social/do histórico, cuja contemplação volta-se para a comunicação efetiva e para os sujeitos nela envolvida. Logo, o enunciado é percebido nos moldes do intercâmbio entre os eventos comunicativos, a interação e a sociedade imersa em espaços de vivenciamento dialógico.

Em se tratando dos aspectos do enunciado concreto, valemo-nos das considerações pontuadas por Fiorin (2006, p. 20), as quais elucidam:

1) Não são as unidades da língua (lê-se palavras, orações, sons) dialógicas, mas sim o enunciado concreto. Aquelas permitem repetições, este é um evento

único, possuindo um acento/uma entonação própria, portanto, configurando-se como irrepitível;

2) A unidade da língua não pertence a ninguém, indis põe de autoria. Diferentemente disso, os enunciados possuem autor. Autor esse que preenche seu enunciado com apreciações;

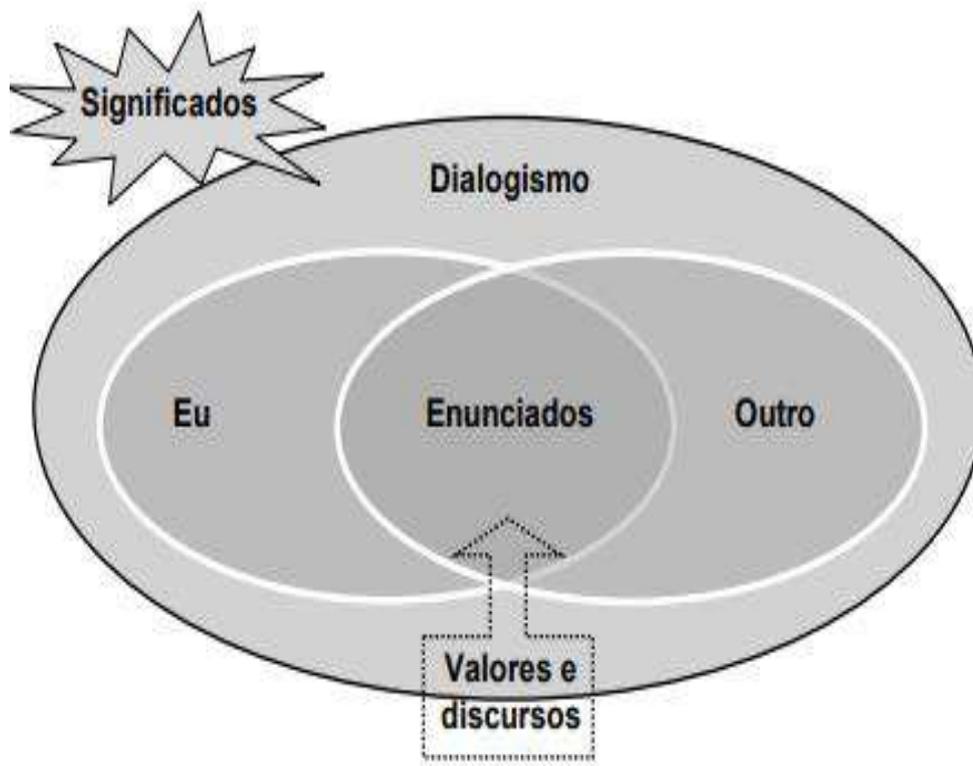
3) As unidades da língua, ainda que completas do ponto de vista estrutural, não têm um acabamento que permite respostas. Já o enunciado, por ser uma réplica, possui acabamentos específicos que permitem respostas, promovendo o que o Círculo denomina de responsividade;

4) As unidades da língua são neutras. Os enunciados, por sua vez, apresentam juízo de valor, emoções, posições, tons avaliativos; e

5) O que diferencia a unidade da língua de um enunciado é que este é a réplica de um diálogo. Nesse sentido, sua produção finca-se na dialogicidade com outros discursos, tendo sua dimensão delimitada pela alternância entre os sujeitos. Logo, o enunciado inexistente fora das relações dialógicas.

Para ilustrar nosso raciocínio, vejamos a Figura 2:

**Figura 2** - Dialogismo e enunciado concreto



Mediante a imagem apresentada, corroborando a discussão elencada sobre os aspectos do enunciado concreto, torna-se possível visualizá-lo enquanto fenômeno atrelado eminentemente ao dialogismo, sendo atravessado pela relação entre sujeitos (o eu e o outro), a partir da qual são acionados, inevitavelmente, significações e valores/apreciações. À guisa desse parecer, diante do que foi até então discutido, vê-se que o enunciado é uma unidade discursiva porque extrapola as unidades linguísticas enquanto materialidade: a palavra, a oração, o texto. Conforme chama-nos atenção Francelino (2007, p. 45), “[...] os enunciados apresentam características estruturais peculiares e fronteiras bem definidas.” Eles têm sua dimensão delimitada pela alternância entre os sujeitos e está para a vida verboideológica, transportando consigo um conteúdo, um sentido gerado pela situação, pela causa e por suas condições e sem esse conteúdo privam-se de sua significação. Por esse viés, estabelecer o uso da língua em sua condição real, em sua dimensão discursiva, só é possível mediante enunciados concretos, reais, únicos e irrepetíveis.

Por ser o enunciado de ordem real (concreta), é de caráter eminente que os participantes das diversas esferas da atividade humana efetuem seus projetos enunciativos de acordo com a situação sociocomunicativa em que estão envolvidos, manifestando suas impressões, seus tons avaliativos, haja vista que as escolhas das palavras nunca são aleatórias. Nesse sentido, o enunciado estabelece uma relação avaliativa, ao passo em que cada sujeito faz o seu uso delimitando sua construção e sua estética a partir dos valores estabelecidos consigo mesmo e com outro, em uma relação entretecida por axiologias.

Nesse cenário, por advir da inter-relação discursiva, ocorre nos enunciados uma dialogização interna da palavra, de tal modo que um enunciado não é o primeiro, nem o último, mas um constituinte da cadeia intrincada e infinita das relações dialógicas. Isso implica dizer que o enunciadador constrói um discurso, considerando o discurso do outro que se encontra presente no seu, abalizando um ponto de (des)encontros entre percepções de mundo. Dito em outros termos, o sujeito não é o “adão mítico”, como posto por Bakhtin (2003 [1979]), conseqüentemente, ele não é a origem de seu dizer, seu enunciado se estabelece como um eco e ressonância de outros discursos, um *continuum* nas relações dialógicas.

Tal consideração vai ao encontro das palavras de Volóchinov quando, ao tratar do discurso de outrem, defende “[...] o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado [...]” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 249). Nesse sentido, nas relações dialógicas, o enunciado concreto se configura como uma réplica e reacentuação de um outro enunciado produzido por sujeitos socialmente e ideologicamente situados. Os enunciados ecoam ressonâncias de outros discursos com os quais se defrontam, seja para confirmar ou refutar, ocupando um posicionamento, uma valoração, em um espaço de comunicação a respeito de uma dada circunstância. Com isso,

Qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo. Os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebesse um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 197).

Frente a essa discussão, é possível compreender que o enunciado revela o seu direito e o seu avesso, isso porque a relação dialógica pode ocorrer pela convergência, aceitação, acordo ou pela divergência, recusa, desacordo. Logo, como bem elucida Marchezan (2018, p. 123), o diálogo em Bakhtin é entendido como reação da palavra a palavra de outrem, como ponto de tensão entre o eu e o outro. Tal reação eclode um espaço de luta entre vozes sociais, determinados a partir das contradições transpassadas em uma sociedade fracionada por grupos sociais de interesses multiformes.

## **2.4 A interação discursiva**

Como visto na discussão empreendida nesta pesquisa, para além das convicções tradicionais de seu tempo, Bakhtin e o Círculo edificam uma nova conjuntura para a linguagem humana ao transcenderem um pensamento que compreendia a língua como um sistema abstrato de signos – defendido, sobretudo, nas obras de Saussure – e/ou vinculada à enunciação monológica, como difundia o subjetivismo idealista. Nesse cenário, a língua que até então era vista como petrificada, homogênea, individual, imóvel, passa a ser concebida através do seu perpétuo devir, seguindo o ritmo da evolução da vida social.

Ao contemplar a língua como uma manifestação viva, heterogênea, dinâmica, concreta, apreendida em sua dimensão social, o Círculo de Bakhtin evoca a natureza interativa da linguagem. Para esses estudiosos, o fenômeno da interação discursiva é, pois, a *realidade fundamental da língua*. Tal proposição centraliza uma função comunicativa que se estabelece e se materializa através da relação intrínseca entre o “eu” e o “outro”, isso porque

[...] a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação “ao outro”. (...) A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205).

Diante desse cenário, a palavra é, por excelência, interativa, vista como um fenômeno de inter-relação entre uma consciência individual e outra. Diante dessa interpretação, na perspectiva da TDL, a linguagem não é concebida sem expressão, inerte, sem vida. Pelo contrário, ela é de caráter interativo, ressaltada em seu movimento progressivo realizado no processo da comunicação discursiva do homem com o homem.

Volóchinov (2019 [1930]) chama-nos a atenção para o fato de que a interação discursiva gera diversos tipos de enunciados que correspondem aos inúmeros tipos da comunicação social. Como vimos, para o Círculo de Bakhtin, o enunciado é um conceito bastante caro, isso porque ele se estabelece como a *real unidade da comunicação discursiva*, corporificando-se no processo de interação social entre os sujeitos discursivos.

Para a TDL, a linguagem encontra-se tão intrincada em movimentos interativos que Volóchinov (2018 [1929]) conduz-nos à percepção de que até o choro do bebê é motivado por processos de interação, plasmado por entonação emotiva, isso porque o choro pode sinalizar dor, fome, desconforto etc.. Nesse sentido, ao ouvi-lo, a compreensão da mãe diante desse chamamento condiciona uma resposta, uma ação. Assim, são entretecidos movimentos de interação entre mãe e bebê, um movimento que se respalda na responsividade.

É importante destacar que, para o Círculo, a interação discursiva é motivada por efeitos de sentidos provocados por condições que não se validam nos aspectos linguísticos despidos dos extralinguísticos. Nessa acepção, é imprescindível

considerar o contexto histórico, os papéis sociais dos interlocutores, a situação e as condições de produção. Torna-se, pois, oportuno compreender, conforme salienta Xavier (2023, no prelo), que a interação convoca a percepção de que quando colocamos a língua em funcionamento em contextos de comunicação, não estamos limitados às formas gramaticais.

Nesse sentido, percebe-se que na interação discursiva, os sujeitos envolvidos no processo precisam ser admitidos enquanto seres preenchidos por valores axiológicos advindos das relações estabelecidas com o social. Não é a toa que a TDL postula ser o locutor um ser social. Nessa conjuntura, ao ser reconhecido enquanto sujeitos sociais, os locutores são entretidos, concomitantemente, tanto pela relação entre eles, quanto pelas relações provenientes do meio social. É, portanto, por intermédio da interação que chamamos, convocamos e atuamos sobre o outro; é na e pela interação que agimos e nos colocamos no mundo.

Frente a essa discussão, torna-se evidente que na TDL a linguagem adquire um enfoque para as suas condições reais de uso. Nessas condições, estamos diante de sua natureza interativa. Assim, por essa circunstância, é possível vislumbrar que o enunciado concreto é validado no acontecimento social da interação discursiva. Ele que, nesse processo de interação, condiciona atitudes responsivas ativas ao ser delineado a partir da alternância dos sujeitos discursivos. Ademais, os enunciados são plenos de tonalidades dialógicas, revelando o seu direito e o seu avesso ao transparecer convergência ou recusa sobre algum fator no elo da cadeia de outros enunciados. Nesse sentido, diante do exposto, é possível aferir que atentar para a essência real da comunicação é volver um olhar para sujeitos discursivos socialmente e historicamente situados, plasmados por ideologias, que interagem e se colocam no mundo na e pela linguagem em processos de interação. Face a tal exposto, passemos, nesse instante, para uma discussão igualmente cara para a TDL: a perspectiva dos gêneros discursivos.

## **2.5 Os gêneros discursivos**

A concepção de gênero garante um novo contorno à luz da TDL, promovido mediante a amplificação dos seus limites. Ora, se antes tínhamos uma visão de gênero que detinha, essencialmente, um olhar para os discursos da esfera artístico-literária, agora se passa a pensar nas múltiplas situações de realização enunciativa.

É o que nos explica Pinheiro (2002) ao afirmar que as investigações do Círculo não se limitam ao contexto literário e, ao ampliar as fronteiras, incluem também a esfera da interação discursiva, que ocorre por meios de gêneros.

Corroborando a perspectiva sobre o passo largo empreendido pelo Círculo de Bakhtin, no que concerne ao entendimento dos gêneros, Rojo (2008, p. 95) pontua que

[...] o deslocamento sucessivo dos gêneros literários para os gêneros linguísticos (Bakhtin/Voloshinov, 1929:43) e, finalmente, para os gêneros do discurso (Bakhtin, 1952:53), opera a extensão do conceito para todas as formas de discurso da vida e da atividade humana e recoloca-o, de forma sociossituada, no fluxo das mais variadas formas de relação social (esferas ou campos de atividade humana). (ROJO, 2008, p. 95).

Ainda pautando-nos na referência à excedência teórica sobre os gêneros, postulados pela TDL, Machado (2020) aponta:

A partir dos estudos de Bakhtin, foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros: além das formações poéticas, Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado não apenas da retórica, mas, sobretudo, das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso, oferecendo-o como manifestação de pluralidade. Este é o núcleo conceitual a partir do qual as formulações sobre os gêneros discursivos distanciam-se do universo teórico da teoria clássica criando um lugar para manifestações discursivas da heteroglossia, isto é, das diversas condições não restritas à palavra. (MACHADO, 2020, p. 152).

Tais asserções validam a transcendência teórica difundida pela TDL, ao passo em que se passa a considerar os gêneros vinculados às diversas esferas de comunicação discursiva, admitindo todas as atuações linguísticas praticadas pelos sujeitos em circunstâncias situadas de interação. Essa amplificação de limites se explica, pois, o estudo do Círculo não se encontra permeado pela ótica classificatória dos gêneros, mas sim, pela dinâmica da interação ininterrupta no processo de comunicação discursiva. Logo, o princípio que passa a configurar os pressupostos da TDL finca-se na noção de que toda e qualquer comunicação, desde a mais informal a mais formal, se efetua através de enunciados concretos que, por preservarem particularidades, fundem formas-padrões as quais resultam em gêneros discursivos.

É por essa razão que, de acordo com Bakhtin (2016 [1952-1953]), p. 12), os gêneros, agora discursivos, são “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados [...]”, plasmados por determinados padrões de organização interna que conservam alguns aspectos constitutivos. Para o autor, os gêneros nos são ofertados quase da mesma maneira como nos é dada a língua materna. Isto implica na concepção de que estamos vinculados aos gêneros por meio do princípio de nossa atuação com a linguagem, de tal modo que, se eles não existissem e não tivéssemos o seu domínio, precisando criá-los em cada processo da fala, a comunicação verbal seria quase impossível.

É, pois, por essa razão que Bakhtin é enfático ao defender que

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. [...] Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 300).

Em vista desse postulado, podemos compreender que somos sensíveis ao gênero, ao ponto de ignorarmos sua existência teórica e, mesmo assim, fazer o seu uso. Tal fundamento se explica, pois estamos diante de uma concepção que está filiada a uma noção de gênero enquanto processo, não limitada aos aspectos estruturais que tangenciam o formalismo. É no fluxo da interação discursiva que moldamos nosso discurso às formas do gênero e pressentimos o gênero no dizer do outro.

Para Bakhtin, os gêneros discursivos são situados socio-historicamente e encontram-se imersos no fluxo das esferas da atividade humana, estando à disposição das necessidades específicas e imediatas dos falantes. Assim, sendo diferentes as necessidades do sujeito, bem como inúmeros os campos da atividade humana, eis que deparamo-nos com um repertório de gêneros imensurável.

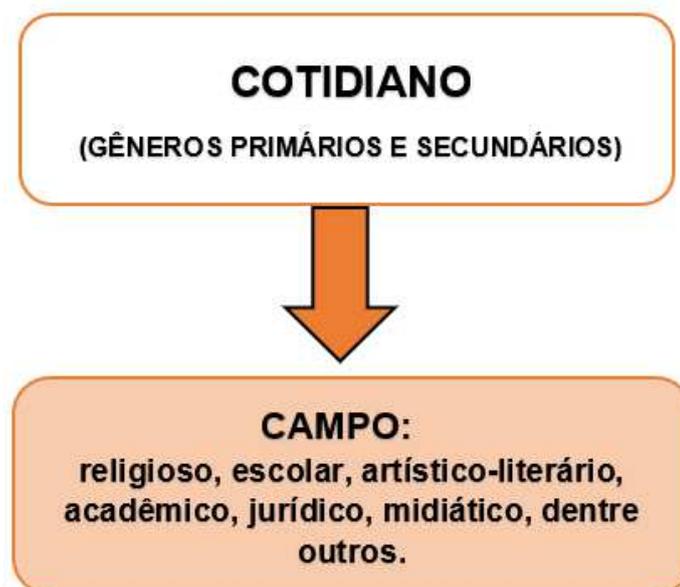
Sobre este repertório, Bakhtin elucida que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2016 [1953-1953], p. 12).

Como Bakhtin nos apresenta, cada campo social suscita um gênero discursivo, com aspectos que lhe são peculiares. Isso acaba por culminar na extrema heterogeneidade dos gêneros, conseqüente à complexidade e diversidade de cada esfera da atividade humana, a qual abaliza necessidades discursivas específicas. Tal ocorrência convoca para o cerne da questão o caráter volúvel dos gêneros discursivos, dada a sua capacidade de (re)criação e adequação às situações de produção e circulação frente às demandas em fluxo.

Assim sendo, eis que nos defrontamos com uma perspectiva de gênero que coaduna com a percepção de linguagem viva, haja vista que os gêneros não são inertes, cristalizados, imutáveis, homogêneos, mas sim, dinâmicos, heterogêneos, acompanhando as transformações sócio-históricas nas quais estão inseridas, logo, sofrendo modificações implicadas pelo caráter dialógico e social da linguagem. Na expectativa de ilustrar a heterogeneidade dos gêneros em virtude dos diversificados campos da atividade humana, apresentamos a figura a seguir:

**Figura 3** - Gêneros do Discurso e os campos da comunicação discursiva



Fonte: Elaborada pela autora

Em *Gêneros do Discurso* (2016 [1952-1953]), ensaio em que Bakhtin se atém a um estudo das especificidades do gênero, o estudioso preconiza que jamais devemos minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade de definição dela advinda. Diante dessa conjuntura, o autor convoca-nos a uma importante e essencial distinção que não se trata de uma diferenciação de cunho funcional, mas sim, que dimensiona os campos de uso da linguagem no dinamismo dialógico-interativo. Concebem-se, assim, os gêneros primários e os gêneros secundários.

Os gêneros primários referem-se àqueles gêneros dos quais temos uma compreensão intuitiva, isso porque se tratam daqueles constituídos pela vida cotidiana, pelas situações comunicativas não elaboradas, espontâneas, informais, sendo criados e adquiridos pela comunicação imediata do dia a dia. Podemos, portanto, pensar no diálogo, no bilhete. Os secundários, por sua vez, aludem aos gêneros do discurso que repousam sobre instituições sociais desenvolvidas e organizadas, desse modo, surgindo de uma troca cultural mais elaborada e complexa. Esses gêneros são, normalmente, mediados pela escrita. Para efeito de exemplificação, citamos o romance, a tese científica, os gêneros publicísticos etc.

Diante do cenário em que fomos confrontados com as particularidades diferenciais entre o gênero primário e o secundário, é de extrema valia a ressalva de que o fundamento dos gêneros é o mesmo. Ambos estão alicerçados em um princípio de mesma essência — o enunciado concreto. É nele e a partir dele que o gênero, seja qual for, se projeta e atinge vivacidade no contexto das relações dialógicas. Assim, como já contemplado, o ponto de contraste entre gêneros primários e secundários situa-se no nível de complexidade apresentado, ainda que haja uma espécie de interdependência entre eles. É o que nos aponta Bakhtin (2016 [1952-1953]), quando nos evidencia que no processo de formação do gênero secundário ocorre uma espécie de recuperação e reelaboração do discurso primário, que passa, então, a perder o vínculo direto com o real e atinge o plano cultural mais elaborado.

Na esteira da discussão no que tange aos aspectos dos gêneros discursivos, é possível evidenciar alguns pormenores inscritos por Bakhtin. Ora, ainda que suscetível à dinamicidade, como discutido no cenário apresentado nesse trabalho, a percepção de gênero compreendida por Bakhtin certifica a ele uma certa estabilidade, não é à toa que a passagem mais clássica do filósofo russo sobre a

formulação do conceito de gênero atribui a percepção de que se trata de tipos **relativamente estáveis** de enunciados. Tal fato se explica porque os gêneros comportam aspectos basilares que os organizam internamente. Diante desses aspectos, podemos citar, como postulado por Bakhtin (2016 [1952-1953]): a forma composicional, o estilo e o tema.

De acordo com Bakhtin, a forma composicional trata-se das formas relativamente típicas de organização e de acabamento do todo do enunciado. Como o próprio nome sugere, é a composição do gênero. O estilo trata-se do modo de dizer do autor. É como ele situa as suas escolhas linguísticas, lexicais, estruturais, para dizer, interpelar, valorar, enunciar o que quer enunciar em vista de uma geração de sentido desejado. O estilo coincide com o domínio da entonação expressiva do autor, ao passo em que sua subjetividade diante de um objeto discursivo é emanada. O tema, por sua vez, está para além do mero assunto apregoadado no gênero, isso porque o tema se trata do conteúdo cujo enfoque está situado no acento valorativo, na apreciação de valor que o sujeito convoca no momento de produção, logo, estando seu cerne situado nas dimensões extraverbais de comunicação. É, pois, no tema que a ideologia se circunscreve. Diante desse panorama classificatório, é imprescindível considerar que todas essas especificidades do gênero se encontram vinculadas entre si e são condicionadas em virtude das finalidades específicas das esferas de comunicação.

Em vista desse cenário, torna-se oportuno compreender que os gêneros se organizam mediante ao que os sujeitos discursivos fazem deles frente aos mais diversificados campos da atividade humana. É, pois, o motivo pelo qual os gêneros discursivos se edificam enquanto “[...] correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 20). Desse modo, os gêneros discursivos enquanto materialidades que representam características sociais comunicativas definidas, alicerçado em apreciações, em ideologia, podem ser lidos enquanto modos de atuação do sujeito ante à conjuntura social na qual está inserido.

Por fim, empreendidas as discussões aqui apresentadas, convocamos o capítulo vindouro, o qual aborda as redes sociais digitais enquanto espaços de interação discursiva a partir da circulação dos gêneros discursivos meme e comentário *on-line*.

### **3 AS REDES SOCIAIS DIGITAIS ENQUANTO ESPAÇOS DE INTERAÇÃO DISCURSIVA**

Neste capítulo, continuamos a apresentar o aporte teórico que sustenta esta pesquisa, voltando-nos, especificamente, para as redes sociais digitais enquanto espaços de interação discursiva. Para tal feito, delineamos três eixos:

O tópico 3.1, intitulado de *O digital como vetor de cultura*, denotamos como o advento da tecnologia fomentou evidentes modificações nas formas de relações entre os sujeitos, incidindo diretamente na cultura. Assim, acarretando a eclosão de um novo contexto cultural: a cibercultura.

Em 3.2 *As redes sociais digitais*, explanamos como o avanço tecnológico consolidou a irrupção das redes sociais digitais enquanto espaços decorrentes de processos mútuos de interação entre sujeitos imersos no ciberespaço.

No tópico 3.3 *As redes sociais enquanto espaços de circulação de gêneros discursivos: atentando para o meme e para o comentário on-line*, erigimos uma reflexão sobre as peculiaridades dos gêneros meme e comentário *on-line*, abalizando uma percepção de que neles são refletidas e refratadas percepções de mundo, pontos de vista, acerca dos mais diferentes acontecimentos enunciativos. Segue a discussão teórica empreendida neste capítulo.

#### **3.1 O digital como vetor de cultura**

Estabelecer limites precisos sobre a definição conceitual de cultura é e sempre foi uma tarefa difícil, dada à compreensão flutuante e plural de sua significação. Ao recorrermos à origem etimológica dessa palavra, deparamo-nos que seu alicerce se finca na língua latina, mais precisamente no verbo *Colere*, cujo significado é “cultivar”. À época, o seu sentido limitava-se estritamente à laboração agrícola. No entanto, na virada do século XVIII, a palavra “cultura” ganh novos contornos, agora com um caráter mais metafórico.

Em *A ideia de Cultura* (2011), obra que vislumbra o cenário dos modernos discursos culturais, Terry Eagleton se atém a denotar justamente as adversidades semânticas e complexidades analíticas que regem o termo cultura. O autor supramencionado discute um conceito que transita entre à noção de cultivo agropecuário, a um bem comum de um povo. É nessa virada dialética que emerge

uma percepção de cultura voltada às experiências estéticas e ao intelecto. Por esse viés, fica evidente que “[...] a palavra cultura assim mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana.” (EAGLETON, 2011, p. 12). Logo, a significação de cultura suplanta-se à proporção que acompanha as transformações históricas e sociais.

De acordo com Eagleton (2011), a transição histórico-social da humanidade, que induz esse desdobramento semântico da palavra cultura, traz à tona a noção de civilização, erudição e modos de vida atrelada a tal palavra, podendo passar a designar - de acordo com as díspares perspectivas - o requinte moral, intelectual, artístico, material e espiritual de um indivíduo e/ou de uma coletividade. Na esteira desse raciocínio, as concepções atribuídas à cultura encontram-se interligadas às questões que envolvem o nacionalismo, a estética, o elitismo, a lógica de consumo, etc..

Diante desse panorama, como se pode compreender, a percepção conceitual sobre cultura não é unânime. No entanto, conforme alega Ferreira (2014), embora definir tal termo não seja simples, uma proposição quase consensual nos campos das discussões é que a cultura envolve um processo dinâmico de transformações. Por essa via de interpretação, consideramos que pensar em cultura é atentar para um conceito multifacetado, histórico e em movimento, assim como o faz Eagleton (2011) quando não encerra uma conceituação de cultura estanque e fechada, mas, como afirma De Paula (2016, p. 488), a perspectiva de cultura apresentada por Eagleton “[...] propõe uma análise de processo histórico de modo que se perceba a mudança histórica e, com ela, a mudança de significado que os fatos possuem para os sujeitos que os vivenciam em cada período.”

Frente a esse panorama, nossa intenção com a discussão supracitada não implica em atentar para as divergências pontuais entre as concepções conflitantes sobre o entendimento de cultura, mas ter em mente, como percebe Eagleton (2011), um entendimento de cultura vislumbrada em seu perpétuo devir, acompanhando o fluxo da vida do sujeito no contexto histórico-social. Assim sendo, ao compreendermos o caráter de dinamicidade atrelado à cultura, logo, ao pensá-la como um reflexo e construto da ação humana na sociedade, torna-se oportuno pensar, diante de uma sociedade que é acometida incisivamente pela repercussão da tecnologia, na irrupção de uma cultura intrinsecamente interligada às relações digitais.

Adjacente à eclosão e massificação dos recursos operacionais ofertados pela tecnologia digital, tais como as redes de computadores e outros suportes tecnológicos, eis que vislumbramos transformações nos mais diversos setores da vida cotidiana, como a interação social e a geração e o consumo da cultura. Adicionado ao termo “cultura”, a palavra “digital” agrega o sentido referente à tecnologia. A interligação de tais termos sugere uma percepção atual e emergente ao evocar a manifestação do vínculo simbiótico entre a humanidade e os meios digitais, integralizando concepções ligadas às inovações e ações na sociedade mediadas pelo uso da tecnologia.

Na esteira desse raciocínio, Reis (2014, p. 19) assente que

o conceito de cultura digital é um termo “novo”, que vem sendo incorporado às perspectivas dos impactos das tecnologias digitais, a comunicação em rede, às interações que os sujeitos executam de forma coletiva. Suas características da cultura digital estão ligadas ao poder que as pessoas têm atualmente de se comunicar, fomentando sua participação em processos coletivos que transformam uma construção coletiva e colaborativa com o outro, com seu grupo, formando construções através de grupos sociais de acordo com seus interesses, necessidades e características.

Uma força motriz no fomento à participação e colaboração entre grupos sociais, expressa pela autora, é a internet. Ela institui-se como aspecto crucial na aderência da tecnologia no cotidiano, manifestando-se como um poderoso componente produtor de integração social e comunicação. Um destaque apontado por Lévy (2015) é que a internet é um espaço em que tudo se agrega.

Nas palavras desse autor,

A Internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual, nada é excluído, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A Internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. (LÉVY, 2015, p. 13).

Diante desse cenário, a internet erige-se a partir do vínculo entre a humanidade ao apresentar-se como um espaço que não é excludente, mas agregador de sujeitos, culturas e expressões, edificando e entrelaçando pluralidades de relacionamentos interpessoais. A importância dela é tamanha que erigiu o

surgimento de um novo espaço, denominado de “ciberespaço”. Pierre Levy (2010), ao ater-se ao conceito de ciberespaço, o definiu como o novo meio de comunicação que eclode da intercomunicação mundial dos computadores. Logo, estamos frente a um ambiente autêntico originário da virtualidade, ditado pela internet e por recursos tecnológicos, a exemplo do computador.

Como consequência do ciberespaço, circunscreve-se a cibercultura. A cibercultura institui-se como uma série de transformações que acontece na cultura e que se fundamenta no desdobramento do ciberespaço, apresentando-se interdependente. Nas palavras de Lemos (2015, p. 15-16, grifo nosso),

[...] a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma *nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura*. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob nossos olhos, alimentada pelas tecnologias digitais do ciberespaço.

Na esteira desse raciocínio, a cibercultura entretece-se a partir do vínculo simbiótico entre sociedade, cultura e tecnologia. Uma ressalva apontada por Lévy (2015) é que a cibercultura refere-se ao conjunto de técnicas materiais e intelectuais de práticas de atitudes, de valores, de pensamentos que se desenvolve no ciberespaço. Frente a tais pressupostos, consideramos oportuno atentar para o fato de que a cibercultura não se encontra condicionada à representação de uma cultura em específica circunscrita por homogeneidade. Ao contrário: ela interliga sujeitos de várias culturas, diversos valores, diferentes ideologias, suscitando confrontos, estranhamentos e a constituição (ou não) de novas perspectivas. Para ilustrar essa heterogeneidade promovida mediante a integralização de diversos sujeitos oportunizada pela cibercultura, apresentamos a imagem a seguir que convoca sentidos que traduzem a relação da sociedade com as tecnologias:

**Figura 4** - Sociedade imersa na cibercultura



Fonte: <<https://portaldobrejo.com.br/o-impacto-nas-redes-sociais-na-sociedade-por-ronaldo-sousa/>>

Acesso em 04/09/2021

Por esse percurso de pensamento, vê-se que se torna constitutivo da cibercultura o seu caráter de pluralidade cultural, isto porque ela se consolida a partir da integração de diversas culturas, condicionada pelo uso das ferramentas tecnológicas e possibilitada a partir da conexão e interação entre sujeitos provindos de divergentes espaços, grupos, etnias etc.. Desse modo, torna-se oportuno vislumbrar que com a irrupção da cibercultura, os sujeitos imersos no ciberespaço não estão isolados, mas sim entretecidos por culturas, enredados por discursos, por significações que os interpelam e os constituem enquanto sujeitos sócio-historicamente situados. Nesse enquadramento, estão estabelecidas as redes sociais digitais enquanto espaços propícios para a conexão entre os sujeitos no ciberespaço, como veremos no tópico a seguir.

### **3.2 As redes sociais digitais**

Para tratarmos sobre as redes sociais digitais, convocamos as palavras de Recuero (2014, p. 128) para quem as redes

[...] são percebidas como representações, onde as interações entre os indivíduos são apontadas como representativas também das conexões entre estes. Assim, as redes sociais ficam explícitas no ambiente do ciberespaço através das integrações que são

construídas e negociadas entre os integrantes. (RECUERO, 2014, p. 128).

Como ressaltado na discussão supracitada, o advento da tecnologia da informação e da comunicação - agenciado por celulares, computadores, tablets - culminou em novos modos de relação e de comunicação entre os sujeitos. Nesse cenário circunscrito pela virtualidade, situam-se as redes sociais digitais enquanto possibilidade (ousamos dizer ser a principal) de inter-relação e interação entre os sujeitos imersos no ciberespaço. A efervescência das redes sociais digitais, agregada ao avanço tecnológico que se desprende dos fios e adere à conectividade móvel, vem agregando, cada vez mais, adeptos que de modo ágil, instantâneo e em tempo real, conseguem estabelecer conexão com os de perto e com os de longe, favorecendo nas inúmeras esferas discursivas a troca de mensagens e informações entre os seus atores, superando, assim,

[...] questões que outrora eram obstáculos, como o envio de cartas e, principalmente, o recebimento de respostas a essas cartas, que dependia muito de fatores de tempo (às vezes semanas e meses para acesso à resposta) e de geografia (distâncias espaciais), o que nos faz perceber o efeito de minimização de limites; e questões de que, com a cultura digital, tais obstáculos não mais se constituem, de fato, como impedimentos, uma vez que hoje o envio e o recebimento de mensagens são síncronos (em tempo real) e assíncronos (não, necessariamente, a interação ocorre em tempo real, mas não corresponde à distância, anteriormente, citada no envio de correspondências), o que nos faz perceber o efeito de maximização de possibilidades de interação. (XAVIER; SERAFIM, 2020 *apud* XAVIER, 2023, no prelo).

Observa-se, assim, que o avanço tecnológico consolidou a irrupção das redes sociais digitais enquanto meios comunicativos flexíveis e interativos, ao passo em que se é desvencilhado dos obstáculos advindos com as limitações espaço-temporais. Tal fato decorre, pois basta um clique para que os sujeitos usuários das redes sociais digitais acessem conteúdos, informações e interajam, mantendo contato com pessoas de qualquer lugar do mundo. À guisa desse parecer, eis que somos confrontados com a natureza interativa das redes, pois, como vimos e utilizando-nos das palavras de Primo (2007, p. 21), uma rede social “[...] trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através da interação entre os envolvidos.” Nesse cenário, as redes sociais digitais se consolidam a partir do

vínculo interativo entre os sujeitos usuários e sem esse processo perde sua essência, a sua funcionalidade.

Muito se fala nesse fenômeno que minimizou fronteiras e instituiu a interação, mas, o que seria então as redes sociais digitais? Imersas no ciberespaço, as redes sociais digitais são, conforme Torres (2009, p. 113), “[...] sites na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação.” Frente ao exposto, no intuito de ilustrarmos tal conceito para fins de discussão, convocamos a figura a seguir que delinea o comportamento dos usuários nas redes sociais:

**Figura 5 - Prosumidores nas redes sociais digitais**



Fonte: <<https://comuniquec.wordpress.com/tag/redes-sociais/>> Acesso em 26/07/2021

Podemos ler na Figura 5 a conduta dos sujeitos usuários que acaba por ir ao encontro da defesa de Torres (2009) quando mobiliza um conceito do que se entende por rede social digital. Diferentemente de um telespectador televisivo que, por natureza, detém um poder de interferência mais limitada, uma vez que pouco ou nada pode intervir diretamente no conteúdo consumido, os usuários da internet assumem uma postura mais autônoma, mais ativa. Ora, como assumido por Torres (2009), as redes sociais digitais são sites situados na web que impelem os

indivíduos a serem consumidores e, ao mesmo tempo, produtores de conteúdos na rede (prosumidores<sup>4</sup>). Isso é o que podemos ler na figura apresentada: o sujeito consome (*eu curto*) e produz (*eu posto*), lê (*eu leio*) e é lido (*eu escrevo*), diz (*eu twitto*) e tem seus dizeres replicados (*eu retwitto*), assume uma postura que convoca o outro, conferindo a possibilidade de ter o seu ponto de vista lido, percebido, acatado/contrariado. Na trama desse cenário, o usuário deixa de ser passivo, gerenciando atividades, criando voz.

Emergem, assim, as redes sociais enquanto espaços de relacionamentos, de convocação, de consumo e de produção, em suma, um âmbito instituído pela interação entre os usuários. Convém destacar que tais comportamentos são permitidos pelas redes sociais digitais através e recursos que tipificam e engendram esse espaço, como o: criar, receber, compartilhar, enviar, responder, comentar. Logo, os movimentos atitudinais na rede social se projetam na interação mediada pela produção e pela troca que acontecem de forma mútua e dinâmica.

Mediante essa projeção que vislumbra as redes sociais digitais enquanto espaços decorrentes de processos mútuos de interação entre os sujeitos permeada no ciberespaço, Vicente (2014) afirma que as redes sociais podem ser comparadas a um clube, a um bar, a uma praça, a espaços em que os indivíduos trocam informações sobre a vida, compartilham novidades e acontecimentos cotidianos igualmente como ocorre na vida social, no entanto, sem contato físico, uma vez que ocorre de modo *on-line*. Tal perspectiva se alinha ao entendimento que centraliza o caráter interativo das redes sociais digitais, ao passo em que se pensa em processos de diálogo, de compartilhamento, de trocas entre sujeitos que se engajam em atitudes de colaboração, entrosamento e conexão.

Recuero (2014) oferece-nos contribuições ao definir a rede social como um conjunto de dois componentes: atores (pessoas, grupos; os nós da rede) e conexões (interações ou laços sociais). O primeiro diz respeito aos sujeitos imersos nas redes, cuja integralização como parte do sistema se valida a partir da atuação realizada por via da interação. O segundo componente, por sua vez, concerne às conexões na rede social, constituídas mediante os laços sociais construídos pela interatividade

---

<sup>4</sup> “Prosumer” - em português “Prosumidor” - é um termo criado pelo autor, considerado futurista, Alvin Tofler, no seu livro “The Third Wave” (1980). A palavra é um neologismo originário da união dos termos “producer” e “consumer” (produtor e consumidor, respectivamente), a qual alcunha sujeitos ativos que não só consomem conteúdos, mas também os produzem.

entre esses atores. Diante desse pressuposto, é possível aferir que a rede social é plasmada pela conexão efetivada entre autores, ou seja, entre pessoas e/ou grupos ativos que, por seu turno, estão imbuídos em histórias, culturas, valores etc..

Sabendo disso, salientamos que as redes sociais digitais materializam os mais diversos discursos. Nelas, os sujeitos autores projetam a circulação de crenças, culturas, convicções e ideologias. Isso se explica, pois, os usuários imersos nas redes sociais dispõem da autonomia e da liberdade para exporem suas opiniões, reivindicações, publicarem seus saberes e suas produções. Logo, estamos diante de um espaço democrático que possibilita a autonomia de expressão dos sujeitos usuários.

Frente a esse cenário, chamamos atenção para o fato de que, diante esse repertório infindável de perspectivas materializadas em discursos circulados nas redes sociais, os relacionamentos permeados nesse espaço podem mapear em seu desdobramento a confluência de interesses em comum. Isso explica a presença das diferentes comunidades virtuais, fóruns e grupos que reúnem sujeitos envolvidos por pensamentos, gostos, crenças e ideologias semelhantes; essa relação vai ao encontro da colaboração como um processo que influencia a rede social (RECUERO, 2014).

Por outro lado, é preciso perceber que as redes sociais não se estabelecem apenas a partir de relações harmônicas, concordantes. Diferentemente, esse cenário de livres e descentralizadas posições consequente da conexão que entrelaça diferentes povos, cuja individualidade se consolida através das divergentes formas de pensar e agir, traz à tona um ambiente que não se erige apenas a partir de confluência/colaboração, mas também mediante embates.

Assim, estamos diante da outra faceta das redes sociais, a que nos revela a competição e o conflito (RECUERO, 2014). Nessa conjuntura, deparamo-nos com um espaço de luta entre vozes sociais, determinado a partir das contradições transpassadas em uma sociedade fracionada por grupos sociais de interesses multiformes. Sendo assim, as redes sociais são, também, espaços que se figuram enquanto um ringue de lutas e disputas discursivas.

Neste trabalho, então, compreendemos que as redes sociais digitais são erigidas a partir da comunicação interativa, o que implica dizer que elas se instituem como espaços propulsores de audiências participativas permeadas por sujeitos que se colocam, que leem e que são lidos. Por corporificarem-se por meio da integração

de diferentes sujeitos, cujas culturas, ideologias e crenças são plurais, os sujeitos imersos nas redes sociais se conectam com outros pensamentos, se defrontando e, por conseguinte, instituindo confluências ou conflitos. Por esse viés, torna-se claro que as redes sociais digitais são espaços que extrapolam os limites da relação harmônica, uma vez que os processos de interação que se estabelecem mediante as trocas discursivas, culturais e axiológicas, polarizam os valores que transpassam as redes sociais digitais.

Vicente (2014) faculta a percepção de que pensar em rede é compreendê-la em sua abertura, isso porque nela inexistem níveis hierárquicos (como em uma pirâmide), havendo sempre espaço para a entrada de mais sujeitos. Desse modo, as redes sociais digitais apresentam-se enquanto um espaço que não é unilateral, mas colaborativo, o que resulta na inclusão de diferentes pessoas, como já explanamos anteriormente.

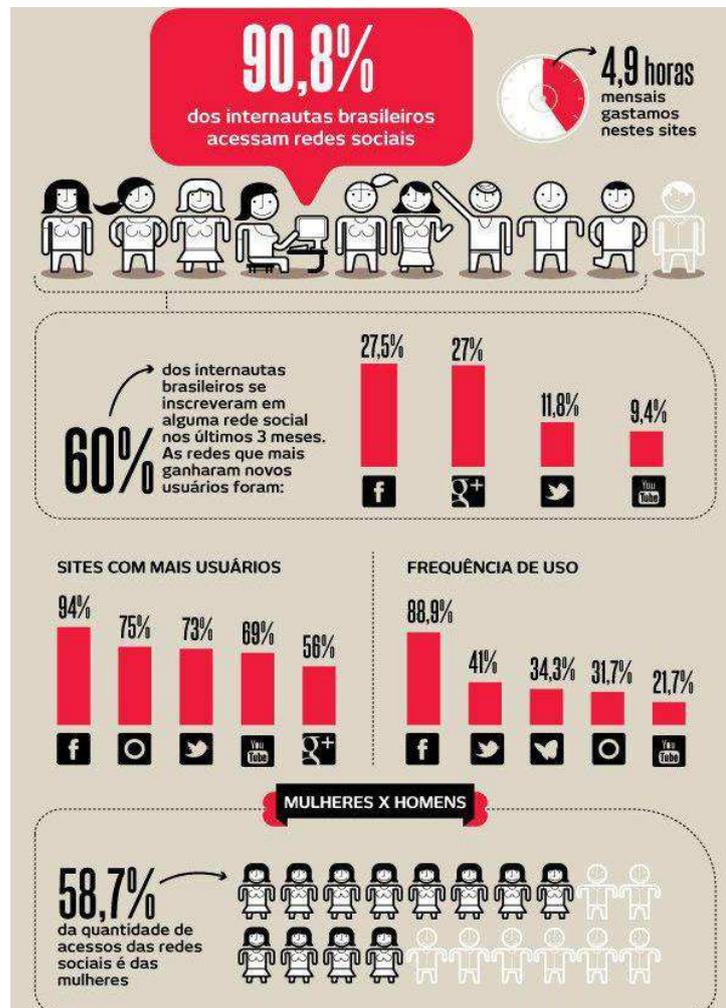
Indo ao encontro dessa perspectiva, a plataforma internacional *Oberlo*<sup>5</sup>, ao mostrar-nos que as redes sociais digitais vêm crescendo exponencialmente desde 2004, justifica tal expansão devido às tecnologias mais acessíveis, às conexões mais disponíveis e aos dispositivos eletrônicos mais baratos. Fatos esses que abalizam, de acordo com a plataforma supramencionada, as redes sociais digitais enquanto espaço de superação, não só de barreiras geográficas, mas também de barreiras sociais. Tal acessibilidade pode ser compreendida enquanto causa do expressivo quantitativo de sujeitos que estão imersos nesses espaços.

Em nível nacional, vejamos os números expressos no infográfico a seguir:

---

<sup>5</sup> Link para acesso: <<https://www.oberlo.com.br/blog/redes-sociais-estatisticas>>. Acesso em 26/07/2021.

**Figura 6** - Usuários brasileiros nas redes sociais



Fonte: <<https://www.converte.com.br/presenc%CC%A7a-dos-internautas-brasileiros-nas-redes-sociais/>> Acesso em 26/07/2021

De acordo com a Figura 6, 90,8% dos internautas brasileiros têm acesso às redes sociais, consumindo-as 4,9 horas mensais. Os valores expressos pela pesquisa mostram-nos que as mulheres lideram o uso das redes sociais, com um quantitativo não tão distante dos homens. Ademais, podemos observar que mais da metade dos internautas do Brasil, totalizando 60%, se inscreveram em alguma rede social nos últimos 3 meses. Tais dados expressos nos ofertam condições de inferir que:

1) as redes sociais digitais atingem 90 usuários entre 100, ou seja, é um fenômeno que se faz presente na realidade de praticamente quase todos os sujeitos brasileiros que estão imersos na internet, desse modo, apresentando-se como um meio de comunicação relevante no que tange o intercâmbio da vida verbal;

2) o tempo dedicado ao uso das redes sociais digitais impulsiona-nos a observar o investimento em práticas de linguagem que ocorrem na e pelas redes, isso porque as redes sociais digitais agenciam vivências de linguagens, suscitando a participação social a partir da interação ocorridas nas redes; e

3) a adesão das redes sociais digitais pelos internautas brasileiros é alta e constante, o que nos incute a perceber que a cada dia mais inscritos são agregados nesses espaços. Logo, compreendendo esses usuários enquanto sujeitos discursivos engajados na vida verboideológica, as redes sociais digitais é um âmbito de circulação de diversos pontos de vistas e valorações, dessa maneira, podendo e devendo ser pensadas enquanto ponto de (des)encontros de mundos.

A partir da leitura do infográfico, podemos observar quais são os *sites* mais utilizados pelos internautas brasileiros. Tal fato recai na percepção de que tratar de rede social digital é considerar sua variabilidade, isso porque a gama das redes sociais digitais é vasta. Dentre as redes apontadas como as que detêm mais usuários brasileiros, temos: Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e Google+. Interessa-nos, aqui, versar sobre aquela que institui relevância para o presente trabalho, uma vez que nela estão contidos todos os dados a serem analisados no capítulo vindouro. Portanto, conheçamos brevemente a rede social digital Instagram.

O Instagram é uma rede social disponibilizada para o público em 6 de outubro de 2010, cujos idealizadores são o norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. De acordo com os responsáveis, a intenção de criar o Instagram se deu na tentativa de resgatar a instantaneidade de fotos reveladas no ato do disparo, assim como o era com as polaroids. Dá-se, pois, o motivo pelo qual o intuito primordial do Instagram situa-se na publicação e no compartilhamento instantâneo de fotos e vídeos.

Instituindo-se como um aplicativo gratuito, basta o uso de um *smartphone* ou *tablets* com sistema Android ou iOS para acessá-lo. Suas funções são descomplicadas e bastante intuitivas, bastando um clique para publicar vídeos e fotografias. Dispondo de inúmeros filtros digitais que, aplicados diretamente às fotos, modificam a imagem, o Instagram tem agregado serviços que permitem compartilhar as imagens produzidas em distintos serviços de redes sociais, como o Facebook, o Tumbler, o Twitter, dentre outros.

Mais do que publicar fotos e vídeos, a premissa do Instagram situa-se na possibilidade de interagir com os demais usuários localizados nessa rede. É o que

nos alega Silva, Castro Filho e Freire (2018, p. 908) ao demarcarem as diferentes ferramentas para interação entre os usuários, a exemplo das postagens, curtidas, transmissões ao vivo, *stories* e comentários. Ainda acrescentamos a possibilidade de interação mediante caixas de perguntas, enquetes e as mensagens via *direct*.

À guisa desse parecer, arrematamos nossa breve apresentação adotando as palavras de Xavier (2023, no prelo), para quem o Instagram

Trata-se de uma rede social digital que oportuniza a publicação e a gestão de textos, podendo envolver atividades de leitura e de escrita, bem a produção de textos orais. Nesses termos, congrega o exercício de textos multissemióticos, permitindo interação e, de forma conseqüente, a circulação e a expansão de sentidos a partir de *stories* que permitem práticas colaborativas de trocas de conhecimentos.

Desse modo, o ponto crucial é perceber o Instagram enquanto essa rede social digital de fácil acesso, cujo sustentáculo se firma na publicação instantânea de fotos e vídeos, passíveis de interação. E, para além disso, compreender que a partir dos recursos disponibilizados como o criar, compartilhar, publicar, comentar são abalizadas práticas de produção e circulação de textos multissemióticos que culminam em atos de significações e interação em rede. É o que podemos observar, por exemplo, em publicações de memes e comentários *on-line* no Instagram. É, pois, sobre isso que trataremos a seguir.

### **3.3 As redes sociais enquanto espaços de circulação de gêneros discursivos: atentando para o meme e para o comentário *on-line***

Retomando brevemente a discussão empreendida neste trabalho, no tocante aos gêneros do discurso, pontuamos como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”, plasmados por determinados padrões de organização interna que conserva alguns aspectos constitutivos, a saber: conteúdo temático, estilo e a construção composicional. Conforme Bakhtin (2016 [1952-1953]), os gêneros discursivos não podem ser estudados fora do contexto social, pois são sociossituados e encontram-se imersos no fluxo das esferas da atividade humana, estando à disposição das necessidades específicas e imediatas dos falantes. Assim, sendo diferentes as necessidades dos sujeitos, bem como inúmeros os campos da atividade humana, eis que nos deparamos com um repertório de gêneros

imensurável, isso porque a cada campo da atividade humana é integral o repertório de gêneros que cresce e se diferencia à proporção em que um determinado campo se desenvolve e se complexifica (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]).

Diante dessa premissa, torna-se possível observar o caráter volúvel dos gêneros discursivos, dada a sua capacidade de transformação e adequação às situações de produção e circulação frente às demandas em fluxo, assim, atendendo o dinamismo da vida em sociedade. É, portanto, diante dessa percepção de gênero passível de flexibilidade, vinculada à realidade social, que se torna possível contemplar como uma sociedade que sofre incessantemente os impactos da era tecnológica irrompe o surgimento de novos gêneros discursivos nativos do meio digital, dentre os quais destacamos o meme e o comentário *on-line*.

Embora nos pareça contemporâneo, o termo meme foi utilizado pela primeira vez em 1976, na obra *O gene egoísta*, do britânico Richard Dawkins, quando o autor buscava explicitar a questão referente à transformação e a réplica de ideias entre os sujeitos. Embasado na teoria evolucionista das espécies, de maneira análoga à evolução genética, Dawkins propõe a evolução cultural. Para ele, enquanto os genes se direcionam a réplica de informações que sentenciam os aspectos dos seres, o meme é compreendido como um replicador cultural propagado mediante os sujeitos, “[...] para jogar com as palavras, o meme seria parte do DNA da cultura.” (MARTINO, 2015, p. 175).

Sob essa compreensão, o meme insere-se como um fenômeno capaz de difundir uma ideia, uma concepção, de um indivíduo a outro, logo, corporificando-se enquanto um gene cultural por ser difundido pelas e para pessoas inseridas no contexto social. Assim, em prol de uma proposta teórica que pensa o meme enquanto tudo que pudesse ser replicado e transmitido socialmente, Dawkins reduz a duas sílabas o termo do grego *mimeme* (imitação) para que soasse semelhantemente a “gene”. Desse modo, sob a ótica do seu criador, o termo meme se justifica, pois

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada à “memória”, ou à palavra francesa mème. (DAWKINS, 2001, p. 214).

À guisa dessa circunstância, sob o prisma do espaço virtual foi instaurada a utilização do termo meme para nomear “[...] tudo que se propaga ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede – em especial – fragmentos com algum conteúdo humorístico.” (SOUZA, 2013, p. 129). Assim, nesse cenário, os memes se apresentam como conteúdos prolíficos na internet, erigidos a partir de *gifs*, vídeos, imagens estáticas ou em movimentos (de celebridades e/ou pessoas comuns, bonecas, animais, objetos, personagens etc.), com frases curtas cujo teor repercute o sarcasmo, a ironia sobre diferentes pautas sociais.

Dessa maneira, de um modo geral, os memes acabam por se erguer, parodiando acontecimentos desde os tidos como mais banais (do cotidiano) até os mais complexos (da esfera política, cultural), podendo transpor consigo rigorosas críticas sociais. É, pois, por essa razão que contemplar o meme é compreender a ordem da replicação e da transmissão de ideias. Cabe, portanto, atentar para o fato de que falar em replicação não implica enquadrá-lo à imitação. Estamos, pois, tratando de um fenômeno de propagação no qual são refletidas e refratadas percepções de mundos, pontos de vistas, erguendo a natureza dialógica da linguagem.

Agregando à contextualização supracitada sobre o meme, em uma definição precisa sobre esse gênero discursivo, Melo (2018, p. 58) alega:

A função principal dos memes é divertir, disseminar, de forma humorística, histórias engraçadas e, com isso, comentar a realidade por meio de frases curtas agregadas às fotografias, desenhos, figuras. Quanto à estruturação, são formadas com frases curtas, geralmente sem pontuação, pois querem propagar uma ideia ou um conceito de forma fácil e acessível. Para tanto, aparecem na rede prototipicamente formulada a partir de imagens, *hashtag*, *emoticons*, GIF, entre outras.

Assim, como se pôde perceber com a discussão empreendida e com as palavras de Melo (2018), para atingir os propósitos comunicacionais que lhes são incumbidos, esse gênero discursivo se pauta na multimodalidade, erigindo-se da combinação de enunciados verbais e não-verbais que acionam, a partir de trocadilhos, ambiguidades e metáforas, a tessitura de comentários e/ou críticas sobre as mais diversas situações, podendo se referir a qualquer tema que a mente humana queira explicitar, como problemas sociais/políticos/culturais, relações interpessoais, fatos do cotidiano, assuntos polêmicos que tenham caído no gosto

popular, etc.. Isso nos induz a perceber que os memes agenciam efeitos de sentidos que recaem na sua potencialidade de representação dos mais diferentes eventos sociais.

Por esse viés, ancorando-se nas mais diversificadas pautas do cotidiano, o meme funciona, conforme alegam Guerra e Botta (2018), como um indicador das opiniões da população, pois quando acontece alguma circunstância de repercussão nacional, logo se espera a ampla difusão de memes sobre o assunto. Assim, em vista da potencialidade de representação social, cultural e histórica, o meme tornou-se um aparato consistente em manifestar as convicções dos usuários. Desse modo, os discursos presentes nos memes promovem a representação de eventos sociais e discursivos que incidem nos tons axiológicos dos sujeitos, uma vez que a motivação dos internautas em corroborar ou não o conteúdo que nele se insere está relacionada a uma posição sócio-histórica, a um valor de grupo.

Na esteira dessa discussão, torna-se inegável que a esfera digital redirecionou e estimulou a produção de um gênero com características que demarcam sua essencialidade, o qual vem denotar, através do humor, da criticidade, elementos sociais, ideológicos, culturais, em processo de replicação e disseminação de ideias, o que vai ao encontro do que já vínhamos discutindo no decorrer desse trabalho. Os gêneros surgem e se diferenciam mediante as diferentes esferas da atividade humana e tal diversidade reflete tanto na formulação quanto na utilização e funcionalidade dos gêneros discursivos.

Dito isto, o que queremos chamar atenção neste momento é para o fato de que, apesar dessa aptidão em adequar-se às diferentes situações de interação discursiva, os gêneros dispõem de características essenciais que evidenciam sua identidade diante dos interlocutores, como estamos notabilizando, nesse momento, as tessituras do gênero discursivo meme.

Nessas circunstâncias, embora os memes não sigam um padrão formal rígido, eles apresentam uma estrutura mais ou menos fixa, unindo alguns elementos que culminam em sua projeção, como já explicitamos anteriormente. Sendo assim, podem e devem ser compreendidos enquanto um gênero discursivo. Para ilustrar nossa asserção, para fins de entendimento do que estamos discutindo até então, convocamos o meme a seguir, retirado da Revista Veja:

Figura 7 - Meme “O país na lama”



Fonte: <<https://veja.abril.com.br/blog/virou-viral/barbie-militante-entenda-o-meme-sobre-politica-que-viralizou/>> Acesso em 06/09/2021

Em vista disso, à luz das contribuições teóricas da TDL, lemos os memes enquanto gêneros discursivos ao verificarmos que eles: 1) são frutos da relação entre os sujeitos e a sua esfera de comunicação (logo, o ambiente virtual); 2) erigem-se a partir de enunciados (verbais e não verbais) relativamente estáveis, os quais facultam o uso da linguagem em situações reais de uso; 3) apresentam um projeto de dizer; e 4) congregam os elementos fundamentais de um gênero discursivo (construção composicional, conteúdo e estilo).

Como dito, a falta de rigidez na projeção do gênero meme não incide na sua falta de reconhecimento, sendo facilmente identificável entre os internautas. Tal fato se deve, sobretudo, aos três elementos citados acima: construção composicional, conteúdo e estilo. No que se refere à composição do meme, como visto na Figura 7, trata-se de um gênero empreendido por uma imagem centralizada (de pessoas, bonecos, objetos etc.) e enunciados verbais dispostos acima e/ou abaixo da figura, muitas vezes tratando-se de bordões. O conteúdo do meme corresponde, de modo mais enfático, à apreciação/crítica sobre acontecimentos diversos, tanto de cunho social, quanto de natureza econômica/política/cultural, articulada pelo enunciado verbal e/ou não verbal empregado. No que diz respeito ao estilo, o meme recai no predomínio de uma linguagem informal, menos preocupada com regras gramaticais.

Desse modo, frente ao exposto, entendemos que se tratando de um gênero discursivo, os memes comportam enunciados vivos, reais, ideológicos, estabelecendo uma conexão intrínseca com o contexto sócio-histórico no cerne de sua enunciação.

Nas redes sociais, a disseminação do gênero discursivo meme é realizada em grande escala, facultado, principalmente, a partir dos recursos “curtir” e “compartilhar”. Essa velocidade e alcance o torna um fenômeno social e cultural, pois, segundo Martino (2015, p. 178), a “[...] relação entre o nível micro do compartilhamento individual e o nível macro do alcance social tornam os memes particularmente importantes para se entender a cultura contemporânea”, isso porque refutam ou comportam valores culturais/ideológicos.

Diante desse panorama, além dos recursos supramencionados, outra ferramenta importante que extrapola o limite da propagação do meme é a inserção de comentários, isso porque, para além do ato de compartilhar, as redes sociais fundamentam-se na premissa da interatividade. Enviesados por esse pensamento, Bertucci e Nunes (2017) vão afirmar que o comentário institui-se como o ato mais profundo de interação dos usuários frente às publicações dispostas nas redes.

De acordo com Melo (2003), o comentário *on-line* emerge com o surgimento da internet, tendo como pontapé o gênero comentário advindo da esfera jornalística em meados da década de 1960. Sob essa ótica, desencadeia-se o redirecionamento da atuação do sujeito na sociedade em decorrência da eclosão das tecnologias da computação, erodindo um âmbito que fomenta e assegura aos sujeitos internautas o direito a réplica, a participação. Isso explica, pois, o gênero comentário *on-line* ser um espaço do meio virtual cujo sustentáculo firma-se na prática da interação, estando disponível em *sites* de jornais *on-line*, em *blogs*, *vlogs* etc., bem como nas mais diferentes redes sociais digitais, como: Facebook, Twitter, Instagram, etc.

Dentro dessa perspectiva, o comentário *on-line* figura-se como uma mensagem alocada em uma publicação fonte, circulada em *sites* e em redes sociais digitais, sendo notória tanto pelo autor da postagem, quanto pelos demais internautas. Por essa razão, Recuero (2014) vai reconhecer esse gênero como a prática conversacional mais explícita. Nele, o internauta encontra espaço para discussão pública, podendo engajar-se, debater, aderir e/ou refutar a posicionamentos, mobilizando para o cerne da ação a possibilidade de inter-relacionar-se com o criador da publicação e com outros comentaristas. Desse modo,

evocando o princípio da interação discursiva como consequência da linguagem em situações reais de uso.

Conforme nos indica a autora supramencionada, o comentário *on-line* não demarca apenas a participação, mas traz uma contribuição efetiva na prática da conversação. No nosso ponto de vista, isso se explica, pois, esse gênero comporta a expansão de sentidos, promovida mediante o delineamento da apreciação valorativa do comentador face ao conteúdo exposto na publicação fonte, motivada e permeada pela vivência ideológica do sujeito. Desse modo, o comentário *on-line* eclode na cadeia de enunciados, manifestando-se como uma reação, como um enunciado-resposta, instaurando-se, assim, enquanto uma materialização dialógica que reflete os fatos ocorridos nas mais diferentes esferas da atividade humana, cujo enfoque recai no posicionamento axiológico-dialógico do sujeito comentador. Por essa via de compreensão, corroboramos as palavras de Cunha (2012, p. 28) quando defende que o comentário é

uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu PDV<sup>6</sup>.

Na esteira desse raciocínio, o comentário *on-line* é, pois, caracterizado como uma prática conversacional cooperativa, dinâmica e, sobretudo, apreciativa. Isso impele a natureza de ordem opinativa atribuída a esse gênero discursivo, haja vista que o sujeito faz o seu uso para avaliar, manifestar um ponto de vista, uma opinião, acerca de um determinado assunto publicado na internet. Por esse aspecto, ele é vislumbrado enquanto espaço passível de debates sobre assuntos de diferentes projeções (sociais, culturais, políticas etc.), por abalizar a tessitura de interpretações e posicionamentos defronte questões referentes aos mais diversos campos da atuação humana.

No endossar desse pensamento, Santos e Alves Filho (2014) ressaltam que

O gênero comentário *online* é fortemente marcado por uma escrita espontânea. O usuário vê esse gênero como espaço para a expressão de opinião, lugar de autoexpressão. Essa liberdade de expressão dada ao comentador e a espontaneidade das relações de

---

<sup>6</sup> Abreviação de “ponto de vista”.

interação influenciam a organização das relações dialógicas no gênero comentário *online*. (SANTOS; ALVES FILHO, 2014, p. 315).

A asserção de Santos e Alves Filho (2014) coaduna com a discussão que empreendemos até então no que concerne à compreensão do comentário *on-line* enquanto âmbito de interação, de autoexpressão dos sujeitos internautas, mas, para além disso, faz reluzir aspectos interessantes a serem percebidos. Ora, assim como todo gênero discursivo, o comentário *on-line* dispõe de peculiaridades que imprimem o seu caráter. No destrinchar dos aspectos referentes a ele, impelidos pelo apontamento supramencionado, culmina em nosso entendimento a compreensão de ser o comentário *on-line* erigido da realização de uma escrita espontânea, da subjetividade do leitor e da liberdade de expressão (embora haja casos em que possam ocorrer filtragens). Ademais, conforme nos aponta Araújo (2017), esse é um gênero que funciona como um diálogo cotidiano, demarcado pela alteridade enunciativa, ao passo em que aponta para diversas vozes sobre um mesmo assunto. Corroborando a essa perspectiva, Cunha (2012) aponta a semelhança do comentário com o diálogo face a face, incidindo em uma incessante dialogização entre enunciados.

Face ao panorama aqui apresentado, eis que somos expostos as características do comentário *on-line* que muito nos interessa nesse trabalho: o caráter dialógico, responsivo, valorativo, fazendo jus às propriedades de todo e qualquer gênero discursivo. À guisa dessas ponderações, considerando a especificidade do campo de comunicação ao qual o comentário *on-line*, em específico, pertence, torna-se inegável ser ele demarcado enquanto um espaço de réplica, de expressão que abriga a percepção avaliativa de sujeitos envolvidos na esfera da internet. É nele e por ele que é posto em cena a subjetividade dos sujeitos que ali se engajam e, conseqüentemente, expandem sentidos mediante uma interação mais ou menos acalorada, polêmica.

Tal recepção ativa encontra às palavras de Volóchinov (2019 [1930]), quando explicita que toda comunicação discursiva é instituída por dois momentos: o enunciado do falante edificado a partir do seu ponto de vista e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte (compreensão essa que contém elementos de uma resposta, seja a concordância ou a refutação). Assim sendo, os comentários *on-line* acabam por transportar consigo a entonação expressiva, os valores, a posição dos sujeitos comentadores a partir do dialogismo interlocutivo.

Diante do exposto, para fins de arremate, defendemos o comentário *on-line* enquanto gênero discursivo por compreendê-lo como forma de atuação social de práticas discursivas de linguagem. Para validar nossa defesa e reafirmá-lo enquanto tal, sumaremos os aspectos denotados, lançando mão das três dimensões de um gênero discursivo apontados por Bakhtin (2016 [1952-1953]). Quanto à *construção composicional*, o comentário *on-line* desvela as transformações históricas no uso da linguagem perpassadas nos últimos decênios, delineando a marcação de opiniões sobre assuntos e/ou acontecimentos circulados em rede. Isso implica dizer que, esse é um gênero discursivo que manifesta um ponto de vista a respeito de uma certa circunstância publicada na *web*, explicitando uma crítica, uma aprovação, uma contradição, etc. Logo, o *conteúdo temático* do comentário *on-line* é de base argumentativa, ou seja, aprecia, avalia, pondera, julga uma publicação fonte, delineando, assim, enunciados de cunho valorativo. No que tange ao *estilo*, trata-se de um gênero de escrita espontânea e de livre expressão, culminando na individualidade/na subjetividade do sujeito enunciatador, desse modo, instaurando-se enquanto um reflexo da particularidade do falante.

Sob a ótica dessas considerações, o comentário *on-line* é um gênero discursivo por nós compreendidos enquanto um lugar de engajamento dos sujeitos imersos nas redes, pois promovem a audiência participativa, oportunizando trocas e pondo em funcionamento um fenômeno caro ao nosso trabalho: a interação. Inserem-se, pois, como reflexo da subjetividade do falante, instituindo atitudes responsivas que culminam em pontos de vista plasmados de tonalidades valorativas acerca dos acontecimentos de diversos campos discursivos.

Desse modo, frente ao exposto, torna-se possível atentar para o fato de que o meme e o comentário *on-line* apresentam-se como aparatos de potencialidade de representação social e axiológica dos sujeitos envolvidos, uma vez que tais gêneros impelem a construção de sentidos a partir de discursos que se instauram dialogicamente na cadeia da comunicação discursiva. Sendo assim, as redes sociais digitais manifestam-se como espaços que abrigam materialidades profícuas para os estudos dialógico-discursivos, como é o caso dos gêneros aqui delineados.

Perante o exposto, tecidas as noções teóricas fundamentais para esta pesquisa, convocamos o capítulo a seguir, intitulado de **Percorso metodológico da pesquisa**, o qual contempla as discussões metodológicas que sustentam o empreender desta investigação.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos o percurso empreendido nesta pesquisa. Para tanto, delineamos três eixos que apontam para os aspectos metodológicos de nossa investigação, são eles: *4.1 Perspectiva metodológica para a TDL*, *4.2 A natureza da pesquisa* e *4.3 Caracterização do corpus*.

Em *4.1 Perspectiva metodológica para a TDL*, discutimos sobre as pesquisas no âmbito das Ciências Humanas sob a ótica do Círculo de Bakhtin. No tópico *4.2 A natureza da pesquisa*, delineamos o tipo da pesquisa e as abordagens assumidas neste trabalho científico. Por fim, em *4.3 Caracterização do corpus*, apresentamos considerações sobre o *corpus* que constituiu esta pesquisa.

Vejamos a seguir.

### 4.1 Perspectiva metodológica para a TDL

Como mote da discussão do presente tópico, iniciamos convocando uma célebre passagem de Bakhtin, a qual vem nortear entendimentos precisos e necessários para a compreensão da pesquisa científica desempenhada no domínio das Ciências Humanas, mais precisamente na interface da TDL, a saber:

O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo* e *falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado. [...] por isso o conhecimento aqui não nos pode dar nada nem garantir, por exemplo, a imortalidade como fato estabelecido com precisão e dotado de importância prática para a nossa vida. (BAKHTIN, 2017 [1974], p. 59, grifos do autor).

Diante do exposto, eis que nos confrontamos com a máxima bakhtiniana no que tange à epistemologia das Ciências Humanas, alicerçada em sua filosofia da linguagem. Vê-se, pois, uma perspectiva que aloca os pensamentos de Bakhtin frente ao seu tempo, ao romper com a percepção positivista das ciências por compreender o sujeito para além das percepções estáticas, criando, assim, uma nova possibilidade de se pensar e de se produzir conhecimentos.

À guisa dessa circunstância, Bakhtin (2017 [1974]) convoca para o cerne da questão um elemento central nas pesquisas no âmbito das Ciências Humanas, ou seja, denota como objetivo de investigação o sujeito, lendo-o como ser *expressivo* e

*falante*. Diante dessa dimensão, reluz uma orientação metodológica alicerçada no plano da interação permeada pelo uso da linguagem, vislumbrando, assim, as enunciações, os atos, os projetos enunciativos desse ser expressivo. Sob a ótica desse entendimento, considera-se o sujeito não mais como objeto, mas como ser humano, contemplando a humanidade do homem-sujeito na pesquisa. Nesse sentido, concordamos com Freitas (2002, p. 24-25, grifos do autor) quando defende que:

Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma interação *sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica*. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação. O homem não pode ser apenas objeto de uma *explicação*, produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve também ser *compreendido*, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico.

Nesse cenário, o sujeito não deve ser entendido como coisa, limitado a um ato unicamente contemplativo, assim como o faz a percepção monológica de ciência que vislumbra os objetos mudos. Diferentemente, vemos em Bakhtin (2017 [1974]) emergir uma proposta dialógica que nos convida a perceber o indivíduo como um ser que tem voz, como um sujeito inserido na vida em constante devir, que é histórico, ideológico, proveniente de uma rede complexa de conexões sociais, tecido e emaranhado pelos seus entornos. Tendo isso em vista, busca-se, assim, estabelecer diálogos com esse sujeito em um processo de interação via linguagem, a fim de obter compreensões. Em consequência dessa feitura, circunscreve-se uma orientação metodológica que contempla os processos de significações advindos das compreensões responsivo-ativas entre interlocutores, entre duas consciências que se engendram no e pelo social – de modo lato – entre enunciados, entre discursos, entre projetos de dizer.

Na esteira desse raciocínio, pensar no fazer científico sob os moldes da compreensão bakhtiniana é considerar a pesquisa enquanto intercâmbio entre pesquisador-objeto pesquisado, isso porque, conforme nos alega Bakhtin (2003 [1979], p. 308), “[...] estamos interessados na especificidade das Ciências Humanas, voltado para pensamentos, sentidos, e significados dos outros, etc.” Logo, mediante esse prisma, é proporcionado ao analista do discurso, permeado pelo vínculo ininterrupto das relações dialógicas, contracenar enunciados que convocam

posições axiológicas, os quais se instauram em relações mais ou menos tensas. Logo, a neutralidade torna-se um fator infactível. É, pois, engajados na compreensão aqui exposta que coadunamos com as palavras de Amorim (2001) quando defende que a construção de conhecimento ocorre no espaço de confrontação entre o Eu e o Tu, isso porque partimos do pressuposto de que a produção do conhecimento é facultada mediante a interação entre interlocutores em contextos de atuação discursiva. Contextos esses que, sobretudo, são sociais, singulares, irrepetíveis.

Cientes de que a ótica bakhtiniana faz insurgir um fazer científico imbricado a partir de relações alteritárias entre sujeitos/enunciados imersos em um mundo valorado, impulsionados pelas relações dialógicas em contextos sociais, históricos, axiológicos, acrescentamos ainda as palavras de Xavier (2020), as quais chamam-nos atenção para o fato de que a relação entre o indivíduo e a linguagem é, genuinamente, complexa, heterogênea, não podendo oferecer-nos resultados precisos, tais como os das ciências exatas, oriundos de experimentos laboratoriais.

Portanto, culmina-se a percepção de que nas Ciências Humanas nada é absoluto. No entanto, não por isso deixa de ser viável. É o que nos acrescenta o referido autor ao defender que essa área do conhecimento não se volta para a busca de respostas definitivas, não oferece garantias, mas evoca questionamentos, observações, recaindo em um saber relativamente estável, contingente, oportunizando reflexões sobre a importância prática de seus saberes para a vida pessoal e social, inserindo, assim, as Ciências Humanas em uma condição que não se atém ao rigor, às fórmulas. Contudo, isso não implica dizer que não há procedimentos e métodos nessa área do conhecimento, mas, passa-se a abalizá-los em processos não endógenos, fechados e sim orientados para o contextual. Sabendo disso, passemos, a seguir, a apresentar, de maneira mais pontual, o percurso metodológico que foi instaurado em nossa pesquisa.

## **4.2 A natureza da pesquisa**

A presente pesquisa é norteada pela pretensão de analisar enunciados concretos e ideológicos em circulação na rede social digital Instagram. Para tanto, ancora-se nas contribuições teóricas advindas do Círculo de Bakhtin.

Como visto, ao atentar para a “Metodologia das Ciências Humanas”, Bakhtin (2017 [1974]) defende que o elemento central das investigações das Ciências

Humanas deve ser o sujeito e seu discurso. Assim, do ponto de vista analítico, esta pesquisa se institui a partir de leituras dialógico-discursivas de memes e das interações deles providas através dos comentários *on-line* produzidos pelos sujeitos imersos na página do Instagram @barbiefascista\_: dialógico por confrontar textos, vozes; e discursivas por filiar-se a fios ideológicos, pelas historicidades implicadas.

Assim sendo, ao encontrar-se alicerçada em uma atividade de leituras dialógico-discursivas em materialidades em rede social digital, essa pesquisa ampara-se na finalidade não de quantificar resultados, mas de descrever, analisar e interpretar os dados. Por isso, ela é qualitativa, pois, conforme defende Minayo (2002, p. 21-22), a pesquisa qualitativa opera com um universo de significados, aspirações, valores, que se referem a um espaço mais profundo dos fenômenos que não podem ser sintetizados à operacionalização de variáveis.

Na esteira desse raciocínio, assumimos essa abordagem, uma vez que ela abrange a complexidade das problemáticas que não se solucionam com procedimentos operacionais, assim, englobando os problemas, os entornos, os contextos, as subjetividades, em prol da compreensão dos fenômenos através da descrição e da interpretação dos dados. Desse modo, compactuamos com Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) ao elucidar que a pesquisa sob o prisma qualitativo “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” Isso vai ao encontro da perspectiva de Teixeira (2012, p. 140) quando defende que, na abordagem qualitativa, “[...] o social é visto como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos autores sociais e suas práticas em matérias-primas dessa abordagem.”

À guisa desse parecer, ratificamos que nos preocupamos em compreender, em explicar e denotar o que significam os nossos dados, portanto, fundamentamos em uma atividade situada no processo de descrevê-los, analisá-los e interpretá-los. Nesse sentido, essa é uma investigação que demanda um estudo situacional, singular e interpretativo. Logo, essa pesquisa se valida enquanto qualitativo-interpretativista, visto que buscamos interpretar dialogicamente as produções de sentidos veiculados em enunciados concretos de comentários *on-line* em circulação na internet, mais especificamente no Instagram.

Diante desse panorama, estando nosso objeto de pesquisa situado na internet, justificamos nossa escolha por esse campo de pesquisa, pois, conforme

nos apontam Freitas, Janissek-Muniz e Moscarola (2004), a internet possibilita uma forma de geração nunca antes possível de ser realizada, pois, com ela, o pesquisador não se limita às restrições da distância, do custo e do tempo, dispondo de um acesso instantâneo. Ademais, os autores supramencionados ainda nos indicam que a acessibilidade universal da internet consente a heterogeneidade dos usuários, validando um espaço que pode ser rico no que se refere às características e às experiências, assim, refletindo nos retornos. Desse modo, a internet institui-se como um campo de pesquisa que se caracteriza enquanto uma interface com potencial de extrapolar os moldes tradicionais, encurtando as barreiras geográficas e temporais, acompanhando o dinamismo do ciberespaço e o fluxo veloz das informações.

Estando nosso objeto de investigação localizado na internet, adotamos uma metodologia de pesquisa *on-line*, por isso ela é netnográfica. De acordo com Kozinets (2014), a netnografia configura-se como uma metodologia de pesquisa que adapta técnicas de pesquisa etnográfica para estudar as peculiaridades da interação mediada por computadores. Em virtude desse vínculo adaptativo, esse método pode apresentar várias terminologias, como *etnografia virtual*, *etnografia digital*, *webnografia*, *ciberantropologia*, *ciber-etnografia*, dentre outros. No entanto, nessa pesquisa, adotamos o termo defendido e difundido por Kozinets (2014).

Dito isso, filiamo-nos à netnografia, pois ela se insere enquanto uma tipologia de pesquisa alicerçada na análise do comportamento dos sujeitos e de grupos sociais na internet. Na esteira desse raciocínio, Corrêa e Rozados (2017) vão situar a netnografia, explicando-a como “[...] um método de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo *online*, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador.” (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 3). Ainda conforme Amaral, Natal e Viana (2008), através dessa mediação, o pesquisador pode realizar investigações sobre práticas culturais de comunicação, permitindo-o lançar um olhar sobre o comportamento de uma comunidade.

A metodologia netnográfica de pesquisa requer etapas de procedimentos organizados por Kozinets (2014) da seguinte maneira: (1) planejamento do estudo e a identificação da comunidade virtual a ser investigada; (2) entrada em campo; (3) coleta de dados<sup>7</sup>; (4) análise e interpretação dos dados produzidos; e (5) redação e

---

<sup>7</sup> Nesta pesquisa, compreendemos “coleta” como “geração de dados”.

apresentação dos resultados, atrelada à teoria. Por esse viés, alguns critérios podem ser adotados para a seleção de comunidades virtuais pertinentes à investigação, tais como a relevância, a diversidade de usuários, regularidade de acessos e de interação. Nesse contexto, redes sociais digitais, *sites*, homepages, comunidades *on-line*, salas de bate-papo, etc. podem instituir-se como fontes objetivas de informação (KOZINETS, 2014).

Para Amaral, Natal e Viana (2008), uma característica significativa da netnografia corresponde às baixas despesas. Corroborando essa perspectiva, Konizets (2014) indica que pesquisas filiadas a essa tipologia de pesquisa científica economizam tempo e têm custos menores em relação a outros métodos. Em nosso caso, para o acesso à informação, não são requeridos custos, uma vez que é gratuito o *login* na rede social em estudo. Para um acesso amplo à página, fez-se necessária, apenas, uma conta a ser utilizada pelo pesquisador, somando-se à necessidade de internet e de recursos tecnológicos, como o *smartphone*. Dito isto, cientes dessa realidade, vejamos a caracterização do *corpus* que constituiu esta pesquisa.

### **4.3 Caracterização do *corpus***

Esta pesquisa investigou uma página da rede social digital Instagram. A opção por essa rede deu-se em virtude de sua popularidade e do seu grande alcance entre os internautas. Um exemplo saliente que nos permite comprovar tal afirmação corresponde à quantidade de *downloads* disposta no *Google Play Store* (<https://play.google.com/>), que já ultrapassa o marco de um bilhão. Esse número nos conduz a perceber que é elevada a porção de sujeitos, logo, de discursos que circulam nesse meio: fato que prontamente nos indica a relevância desse espaço para os estudos discursivos.

A versatilidade e o fácil acesso a essa rede social digital fazem jus ao exponencial quantitativo de usuários nela imersa. São necessários apenas alguns recursos comuns como internet, aparelho eletrônico (celular, computador, *tablets*, etc.) e o *app* em questão para que os sujeitos inseridos nesse espaço, após um cadastro básico, estejam habilitados a divulgarem suas cenas a partir da captura e compartilhamento de imagens/vídeos, como também estejam aptos a contemplar as publicações dos outros. É, pois, por essa razão, que Silva (2012, p. 6) vem nos

mostrar que “[...] o Instagram está na moda expondo consigo o ponto de vista da intimidade, das relações de consumo, das experiências do sujeito.”

Nessa rede social digital são publicados conteúdos diversos, desde cunho pessoal (comuns aos perfis pessoais), até ao teor público (a exemplo de contas de empresas, lojas, veículos de notícias, etc.). Esses conteúdos são divulgados com a presença de imagens e/ou vídeos que podem passar por aplicações de filtros e edições disponíveis na própria plataforma digital. A base de relacionamento interpessoal nesse espaço ocorre mediante ao que se chama de “seguidores”. É possível acompanhar continuamente as atualizações e os conteúdos produzidos por determinada conta caso o sujeito se vincule a ela como um seguidor ou, sendo o caso de um perfil aberto/não privado, o indivíduo ocupe a posição de visitante, podendo contemplar e interagir com as publicações expostas.

Diante das publicações no Instagram, é oferecida aos usuários a possibilidade de salvar, enviar para seus seguidores, encaminhar para grupos ou até mesmo para outras redes sociais, ou seja, pautam-se em atividades que decorrem a partir da interatividade dos sujeitos mediante os *posts* que circulam nessa rede. Dentre as ferramentas viáveis que possibilitam interagir, uma muito comum e recorrente é o “curtir”, o famoso “*like*”. Mas, para além dessa ação, é possível empreender uma interação mais profunda através do compartilhar e do comentar.

Quanto ao “compartilhar”, o Instagram possibilita o compartilhamento de conteúdos produzidos via *IgTV*, que aloca vídeos de mais 1’00”; mediante *stories*, que compartilham fotos, vídeos e memes que ficam disponíveis durante 24h; e o *feed*, cujo espaço contempla todos os conteúdos que são publicados pelas contas, sem limites de duração para a exposição dos *posts*. Todas as publicações compartilhadas no *feed* ficam alocadas no perfil do usuário enumeradas por ordenação cronológica e podem ser acessadas pelos usuários a qualquer momento, caso a publicação não seja deletada ou arquivada pelo responsável da conta.

Quando compartilhadas no *feed*, caso seja interesse do divulgador, abre-se um espaço para inserção de comentários, que funcionam como um *chat on-line*. Os comentários ficam dispostos numa ordem gerada mediante dois fatores: pela quantidade de curtidas e respostas (uma vez que é possível estabelecer réplicas a comentários), as quais indicam a receptividade favorável ou não em relação ao enunciado em circulação no comentário; também pela atitude do divulgador em

“fixar” os comentários que estejam alinhados ao seu ponto de vista e/ou aos objetivos da página.

No Instagram se circunscrevem contas com os mais diferentes propósitos comunicacionais. Como já citado, há aqueles perfis que se voltam para publicações sobre a vida pessoal, existem lojas/empresas que adotam essa plataforma para divulgar e comercializar seus produtos etc.. Desse modo, diante dos múltiplos segmentos de perfis e em consonância com os procedimentos apontados por Kozinets (2014), os quais alvitram que após o planejamento do estudo deve-se identificar e adentrar na comunidade virtual a ser investigada, atentamos para aqueles perfis que aqui nos interessaram: os que produziram e compartilharam memes, a fim de buscar materialidades que discursaram sobre a pandemia da COVID-19<sup>8</sup> no intento de vislumbrar os sentidos deles provindos, bem como a recepção dos sujeitos comentadores, na intenção de ler como são valorados aqueles enunciados concretos.

Assim sendo, dentre as contas dessa natureza no Instagram, elegemos a @bahrealista, outrora nomeada de @barbiefascista\_<sup>9</sup>. Nossa escolha por esse perfil reside no seu teor conteudístico, uma vez que as publicações dele se voltaram para questões sociais e políticas, estando o isolamento social entre as pautas difundidas. Para além disso, outra razão se refere à regularidade de postagens (contabilizam-se, até o momento, 1.331 *posts*<sup>10</sup>) e a seu significativo alcance entre os internautas, mensurados pela quantidade de seguidores do perfil.

Tal quantitativo vem crescendo demasiadamente, percebido no contraste entre os números expostos em nosso projeto (o qual totalizava 78,3 mil) até a redação dessa dissertação, visto que atualmente o perfil contabiliza 123 mil seguidores<sup>11</sup>, fato que nos indica a gradativa adesão à página, fazendo-nos observar um crescente interesse pelos conteúdos desta conta. Nesses termos, isso nos faz ver que é grande a porção de usuários vinculados a essa página, acabando por refletir em uma expressiva troca interacional entre os sujeitos nesse espaço, conseqüentemente, promovendo a circulação de inúmeros comentários *on-line*.

Sobre esses dados, vejamos a sua representatividade na figura que segue:

---

<sup>8</sup> Sobre a COVID-19, apresentaremos uma discussão mais adiante.

<sup>9</sup> Posteriormente, traremos mais detalhes sobre o ocorrido.

<sup>10</sup> O quantitativo expresso pode sofrer variação, pois publicações são postadas/deletadas diariamente.

<sup>11</sup> Esses números são mutáveis, uma vez que, constantemente, as páginas ganham/perdem seguidores.

**Figura 8** - Perfil @bahrealista



Fonte: <<https://www.instagram.com/bahrealista/>> Acesso em 17/10/2021

Como dito anteriormente, a página que até meados de setembro de 2021 se chamava @barbiefascista\_ foi impedida pelo Instagram de prosseguir com esse *username*, sendo levada a substituir pelo que veio a ser chamado de @bahrealista. O motivo é decorrente de represálias que essa conta vem sofrendo pelo teor de suas publicações, as quais receberam diversas denúncias, fazendo com que o Instagram suspendesse a conta, retirando-a da plataforma durante duas vezes em um curto intervalo de tempo. A primeira, no final de setembro de 2021; a segunda, no início de outubro do mesmo ano.

Além da suspensão temporária, após a devolução da conta em um momento posterior ao período de inatividade, o Instagram emitiu para ela uma advertência (cf. Figura 9) de uma possível exclusão permanente, com a justificativa de que as publicações da página violam as diretrizes da rede por propagar discurso de ódio.

A censura sofrida é resultado da tentativa de silenciamento provinda de um grupo que confronta os posicionamentos político-ideológicos da página em questão. Contudo, como ato de resistência a esses ataques, o criador do perfil criou uma conta reserva, no caso de a página ser, de fato, retirada do ar.

Figura 9 - Advertência da página @barbiefascista\_

The image shows a screenshot of an Instagram post. On the left, there is a warning message from Instagram: "Sua publicação vai contra nossas Diretrizes da Comunidade" (Your post goes against our Community Guidelines). The message explains that the post was removed for violating guidelines regarding symbols or hate speech. It states that future violations could lead to account suspension. Below this, it says "Publicação removido(a) por símbolos ou discurso de ódio" (Post removed for symbols or hate speech) and "Publicado em 24 de set. de 2021 08:11:37". At the bottom left, there is a link to "Diretrizes sobre simbologia ou discurso de ódio".

On the right, the post is from user 'bahrealista', who is being followed. The user's profile picture is visible. The caption reads: "Pessoal, na última sexta-feira este perfil 'Barbie Facista' recebeu diversas denúncias e a conta acabou sendo suspensa por um tempo. Já previa que o perfil sofresse este tipo de censura, principalmente por se tratar de política e por ter um grande alcance. Voltarei a fazer as publicações e me posicionar, mas temo que o perfil venha ser desativado pelo Instagram. Decidi criar uma conta reserva caso isso aconteça. Agradeço o apoio de todos que apoiam e conseguem ter a ciência do humor crítico da página. 😊 compartilhem, por favor! Conta reserva: @barbiereservada". The post was made 3 weeks ago.

At the bottom of the post, there are icons for liking, commenting, and sharing. It shows "Curtido por" (Liked by) and "e outras pessoas" (and other people). The date "27 DE SETEMBRO" is visible. There is a text input field for a comment: "Adicione um comentário..." and a "Publicar" (Post) button.

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CUVyTYXLdLB/>> Acesso em 17/10/2021

Diante do exposto, embora haja essa mudança de *username*, facultada pela censura sofrida em razão das denúncias ocorridas na página, elucidamos que nesta pesquisa assumiremos a nomeação @barbiefascista\_. Nossa opção decorre em razão de considerarmos que essa denominação repercute, com mais inteligibilidade, a essência da conta e os conteúdos dela provindos. Justificada tal escolha, continuemos a avistar considerações acerca da natureza dessa página, a partir da qual selecionamos os comentários *on-line* aqui analisados.

Conforme já explicitado, o teor dos conteúdos da página se alicerça em questões sociais e políticas. Os memes publicados nessa conta apresentam como figura central a popular boneca da marca Mattel: a Barbie.

A personagem loira, heterossexual, branca, dos olhos azuis, sempre bem produzida e em cenários que ostentam carros de luxo apresenta-se opinando sobre assuntos políticos, históricos e sociais, como, por exemplo, o direito dos trabalhadores, privatização, cotas, racismo etc.. O tom dos enunciados desses memes é demarcado pelo proselitismo da direita, logo, com um escárnio aguçado, a

página apodera-se da simbologia da boneca Barbie e do que ela representa para ironizar o elitismo e a falsa ideia de igualdade.

Dentre as pautas difundidas pela página em questão, destacamos uma específica – a pandemia da COVID-19. Sabe-se que a COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus. Apresentando-se como um surto de escala global, algumas providências radicais tiveram que ser tomadas para a contenção do vírus. As medidas de prevenção não tiveram e ainda não têm uma recepção unânime por parte da população e das autoridades. Há quem seja contra, há quem seja a favor; e as justificativas transitam entre os mais diversos argumentos.

Uma figura crucial nesse cenário pandêmico se faz na pessoa do Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, uma vez que ele é o representante máximo da nação. Estando sob sua competência o direcionamento do nosso país, o presidente se posiciona com indiferença ante à gravidade da doença, incitando, à época auge da pandemia, a população a voltar para a normalidade, assim, acabando por confrontar as medidas instauradas pela OMS e os números alarmantes que indicam o total de óbito no nosso país. Nessas condições, como se pode perceber, essa é, de fato, uma pauta que gera conflitos, tanto entre a população, quanto entre as forças que regem o país. Esse atrito é percebido mediante os diversos discursos que circulam nas esferas sociais.

Buscando, então, observar que os discursos não apenas coexistem a respeito da problemática supracitada, mas se embatem e se tencionam nas relações dialógicas, nesta pesquisa, realizamos um apanhado de memes da Barbie Fascista que abordam o contexto pandêmico, tendo em vista o intento de prestar uma breve contextualização sobre eles e, a partir dessas publicações, realizar um recorte de comentários *on-line* – constituintes efetivos do nosso *corpus*. Para tanto, com base no tratamento da nossa temática, fizemos uma delimitação cronológica, selecionando comentários *on-line* advindos de publicações de memes realizadas entre o período de março de 2020 e fevereiro de 2022, compreendendo, dessa forma, os dois anos iniciais da pandemia que, infelizmente, ainda hoje vivenciamos.

Nesse íterim, foram selecionados um total de 10 publicações de memes que discursavam sobre a pandemia da COVID-19 e 2.000 comentários *on-line*. Diante desse universo, para fins de análise, foi eleito o quantitativo de 6 memes, com seus respectivos comentários. Dentre essas réplicas dispostas nas postagens, por uma questão de relevância em função da questão e dos objetivos assumidos na

pesquisa, foram eleitos 15 comentários para composição do nosso *corpus*. No intuito de preservarmos a identidade dos internautas comentadores, camuflamos as imagens dos perfis e adotamos nomes fictícios ao nos reportarmos a esses sujeitos.

Diante dessa circunstância, quanto à geração dos dados, compreendemos a partir do prisma de Aparício (2014), ao considerá-la enquanto processo em que os dados são frutos do trabalho do pesquisador de selecionar, sistematizar e analisar/interpretar em virtude da abordagem qualitativa da investigação. Vale destacarmos que esse processo não é neutro, uma vez que o próprio pesquisador tem suas inclinações que vão ao encontro de respostas aos seus objetivos.

Para compor tal processo, como dito na discussão anterior, utilizamos a observação por meio da netnografia, como ressaltado por Corrêa e Rozados (2017). Por isso, adotamos o procedimento da captura de tela, também conhecido como *prints*. Essas capturas são significativas, tendo em vista que constantemente são compartilhados e deletados conteúdos nas redes sociais digitais.

Isto posto, o nosso interesse com esta pesquisa reside na necessidade de documentar a pandemia da COVID-19 – esse acontecimento discursivo completamente novo no século XXI – e, ao mesmo tempo, analisar discursos que circulam acerca dele a partir de comentários *on-line* publicados em postagens, uma vez que compreendemos que o recurso de comentar publicações propicia a expansão de sentidos a partir do estabelecimento de posicionamentos advindos da interação discursiva entre sujeitos, em nosso caso, empreendida na página do Instagram @barbiefascista\_.

#### **4.4 Categorias de análise**

Na intenção de responder a questão levantada nessa investigação e cumprir os objetivos assumidos, a análise de nossos dados se deu em função de duas categorias, a saber:

- 1) As relações dialógicas estabelecidas em comentários *on-line*; e
- 2) Os tons emotivo-volitivos convocados em comentários *on-line*.

Impelidos pela intenção em analisar as relações dialógicas manifestadas em comentários *on-line* em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_ no que concerne às publicações referentes à pandemia da COVID-19, erigimos a nossa

primeira categoria de análise, a qual se intitula *As relações dialógicas estabelecidas em comentários on-line*.

Nela, buscamos vislumbrar os comentários *on-line* enquanto espaço que suscita efeitos de sentidos situados na cadeia intrincada das relações dialógicas, em contextos de interação discursiva, denotando-as como constitutiva do discurso vivo. Nesse sentido, a primeira categoria teve como mote a leitura das vozes sociais que compõem os enunciados dos internautas, compreendendo, assim, os comentários numa perspectiva que traz à luz o extralinguístico, as suas orientações dialógicas, convocando as instâncias históricas, sociais, ideológicas que constituem o modo singular de compreender e de responder a enunciados tomados nesta pesquisa como concretos circulados sobre a pandemia da COVID-19.

A segunda categoria de análise, por sua vez, intitulada de *Os tons emotivo-volitivos convocados em comentários on-line*, alicerça-se na leitura do lugar valorativo dos sujeitos discursivos a partir de comentários *on-line* que apreciam, avaliam, valoram a respeito da pandemia da COVID-19, a fim de compreendermos os tons emotivo-volitivos assumidos nessas materialidades. Nesse sentido, nessa categoria, nossa atenção se voltou para os acentos de valores, para as posições assumidas nesses discursos. Assim sendo, enfatizamos a linguagem como um lugar social de apreciações, um espaço para a percepção e para a construção de pontos de vista.

Em ambas as categorias, a interação discursiva ganha um lugar fundamental no entendimento das redes sociais como ecossistemas comunicativos de interações discursivas que fazem circular pontos de vista, haja vista ser esse um espaço que induz, incita e convida os sujeitos à participação, ao engajamento, à responsividade, instaurando, assim, um âmbito de interação, de projeção e circulação de enunciados concretos que abrangem divergentes vozes e posicionamentos sobre os eventos discursivos que irrompem no social.

Dito isto, mediante a exposição das categorias de análise deste trabalho, convocamos, nesse instante, o capítulo da dissertação que tematiza os apontamentos analíticos da pesquisa.

## **5 TRAMAS DA INTERAÇÃO DISCURSIVA NA PÁGINA @barbiefascista\_ : RELAÇÕES DIALÓGICAS E TONS EMOTIVO-VOLITIVOS NA CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA EM COMENTÁRIOS *ON-LINE***

Este capítulo tem como fito apresentar a discussão analítica da investigação. Para tanto, é desenvolvido mediante a análise discursiva do *corpus* selecionado, visando responder a questão de pesquisa levantada e atingir os objetivos propostos.

Assim sendo, as ações aqui empreendidas fundamentam-se em um olhar ancorado na TDL. Por essa ótica, ocupamo-nos na leitura e na análise de comentários *on-line*, organizando-os em duas categorias: 1) As relações dialógicas estabelecidas em comentários *on-line*; e 2) Os tons emotivo-volitivos convocados em comentários *on-line*.

Vejamos, a seguir, a primeira categoria analítica.

### **5.1 As relações dialógicas estabelecidas em comentários *on-line***

A @barbiefascista\_ é uma página cujas publicações se direcionam para temáticas históricas, sociais e políticas, dentre as quais destacamos uma em específico: a pandemia da COVID-19 e seus reflexos no Brasil. Nessa conta do Instagram, encontramos memes que apresentam como personagem central a Barbie, famosa boneca do ramo dos brinquedos criada pela empresária estadunidense Ruth Handler. Sempre bem produzida e com características nórdicas, a boneca loira, de olhos azuis e corpo esbelto ostenta um alto padrão econômico, vislumbrado a partir de um estilo de vida que se constrói a partir de condições luxuosas: mansões, roupas de grife, ambientes requintados, carros de luxo etc..

A conta supramencionada apodera-se da representatividade sígnica da boneca, personificada como os sujeitos que se identificam com a conduta adotada pelo presidente Jair Messias Bolsonaro; e evidencia as aspirações evocadas nesse contexto pandêmico a partir de enunciados que demarcam o posicionamento da direita. Desse modo, a página abaliza críticas a esses discursos e, com um escárnio aguçado, ironiza o elitismo e a falsa ideia de igualdade.

Por esse viés, emerge, pois, um desígnio basilar face à circulação dessas materialidades: incitar os interlocutores a ponderarem sobre os discursos incorporados pela Barbie, a fim de que se depreenda a alusão negativa às posições do presidente e de seus apoiadores. Sendo assim, a proposta evocada com a

boneca, enquanto signo e símbolo, é remeter a essas vozes, condicionando, assim, a possibilidade de interação dos internautas via comentários *on-line*, uma vez que vemos esse espaço como um lugar de audiência participativa, um local de engajamentos de sujeitos inseridos em rede, o qual convoca relações dialógicas, tons emotivos, pontos de vistas, ou seja, discursos ideologicamente situados.

Frente a esse panorama, tecida uma breve apresentação da página e da representação ideológica da personagem central dos memes aqui denotados (conhecimento necessário para a construção de sentidos construídos nas análises), passemos para a contextualização situacional dessas materialidades, bem como para a análise dialógico-discursiva dos comentários *on-line* advindos das referidas publicações. Avaliamos como dialógico por compreendê-los enquanto um elo de uma cadeia complexa de enunciados e discursivo por encontrá-los alicerçada em fios ideológicos, arquitetados mediante horizontes valorativos. Dito isto, com a finalidade de lermos *as relações dialógicas estabelecidas em comentários on-line*, a seguir, apresentamos a Figura 10 e os comentários dele extraído.

**Figura 10** - Meme “Medidas contra o coronavírus”

"é curioso que, para definir as medidas contra o coronavírus, só se ouça a opinião de médicos infectologistas"



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>>. Acesso em: 20/12/2021

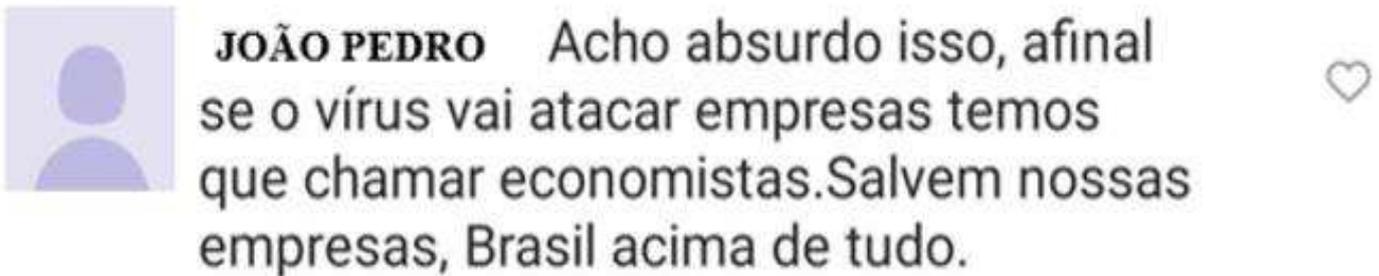
Desde que a pandemia da COVID-19 se instaurou medidas contra a proliferação do vírus foram alvitradas, na busca de coibir os danos à preservação da vida da população. Diante desse cenário de recomendações, vimos ascender pontos de vista contrastantes no que se refere ao aceite e à adesão das práticas preconizadas, condicionadas, sobretudo, pelos interesses político-ideológicos.

Ora, tratando-se de saúde, ninguém mais habilitado para abordá-la e zelá-la do que os profissionais da saúde. Desse modo, foi de competência do Órgão Mundial da Saúde, como força maior, e dos especialistas médicos atuarem instruindo, esclarecendo, conscientizando a população sobre as práticas de proteção ao contágio da doença. Contudo, estenderam-se forças contrárias ao consenso científico, a partir de vozes que desmerecem, desvalidam e renegam a ciência.

Nesse contexto de embates, surge o meme verbo-visual em destaque (vide Figura 10). Publicado em 07/04/2020, na página do Instagram @barbiefascista\_, a materialidade apresenta uma imagem frontal de uma boneca oriunda da coleção da Barbie, utilizando-se de uma máscara facial. No enunciado verbal do meme em questão, lemos “é curioso que, para definir as medidas contra o coronavírus, só se ouça a opinião de médicos infectologistas”, alfinetando, assim, o fato de que as recomendações oficiais contra a doença provenham “só” e exclusivamente de médicos cuja especialidade é a infectologia.

À guisa desse cenário, feita a breve explanação do panorama contrastante diante das medidas contra o coronavírus impostas pelos órgãos competentes, bem como a retratação e refração dessa realidade a partir do meme acima denotado, ressaltamos que no âmbito das redes sociais digitais, no nosso caso o Instagram, temos os comentários *on-line* enquanto agenciadores de pontos de vista que estão fundamentados em práticas de linguagem viva, abalizando na cena discursiva relações dialógicas. Sendo assim, passemos, nesse instante, à leitura das relações dialógicas estabelecidas em comentários *on-line*, os quais foram retirados no post do meme supramencionado.

**Figura 11** – Comentário I sobre o meme “Medidas contra o coronavírus”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>>. Acesso em: 20/12/2021

O comentário do internauta João Pedro suscita uma construção que escarnece o discurso manifestado no meme: o fato de ser curioso que só se ouçam médicos infectologistas para alvitar às medidas de prevenção contra o coronavírus. Para tanto, o enunciado da réplica supramencionada assume relações dialógicas na cadeia comunicativa, convocando um ponto de vista que manifesta uma crítica, sobretudo, à postura do presidente do país diante da crise sanitária e humanitária decorrente da pandemia.

Nesse sentido, o comentarista estabelece uma construção enunciativa na qual ele se utiliza das marcas discursivas de Jair Bolsonaro, mobilizando em sua réplica as axiologias incorporadas por esse sujeito em seus discursos no período pandêmico, os quais assumem a priorização da economia em detrimento da saúde e da vida da população, desprezando, assim, os postulados médicos no que concerne à gravidade da COVID-19 – circunstância que explicita o fato de o atual governo ser reconhecido, valorado enquanto negacionista.

Marques e Raimundo (2021, p. 68) esclarecem que

[...] o discurso negacionista questiona o valor histórico do conhecimento científico, dos argumentos racionais e da experiência adquirida ao longo dos anos, ao defender a ideia de que todas as opiniões têm o mesmo valor. Nesse sentido, vale-se de versões discursivas fragmentadas e anacrônicas para alavancar o antagonismo a fim de explicar qualquer fato, seja social ou natural, como tendo igual poder explicativo, pondo o senso comum, na maioria das vezes, como argumento de igual valor para contradizer o conhecimento científico.

O questionamento dos argumentos racionais se faz presente nos discursos do atual chefe de estado, vislumbrado a partir da aderência e da difusão de uma

conduta antagônica às diretrizes de prevenção/tratamento da doença e no manifestar de discursos e práticas anticientíficas<sup>12</sup>, alicerçadas no senso comum. Para efeito de exemplificação, basta rememorarmos o desprezo às vacinas e a recomendação de medicamentos comprovados cientificamente como ineficazes no tratamento da COVID-19, como é o caso da hidroxicloroquina e da ivermectina, articulando, dessa forma, o vilipêndio ao conhecimento científico. Assim sendo, diante desse contexto contraditório, abaliza-se um panorama de forças adversas: de um lado a ciência; de outro, o obscurantismo.

Essa construção do ponto de vista do internauta, alicerçada na crítica ao posicionamento de Bolsonaro, é ratificada na retomada da voz do presidente, ou seja, na relação de dialogicidade manifestada no fio do discurso com o *slogan* de sua campanha: “Brasil acima de tudo”. A princípio, é preciso considerarmos que um *slogan* é utilizado conforme o posicionamento ideológico de um governo (BRUST, 2014). Com ele, há uma intenção em projetar no imaginário coletivo social uma imagem envolvida em valores, no intento de fisgar o interlocutor para a aderência de uma ideia, de uma posição.

Na atuação política de Bolsonaro, desde o pleito eleitoral em 2018, foi projetada uma retórica fortemente demarcada pela díade “nacionalismo e religiosidade”. Nessas circunstâncias, embora inserido em um estado laico, viu-se ascender como mote de sua campanha o *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. A partir dele, reforçou-se uma concepção político-ideológica dita como base ufanista e cristã, com o estabelecimento de relações dialógicas fortemente marcadas por tais vozes.

Dessa maneira, a partir do diálogo com a axiologia religiosa cristã, utilizado enquanto recurso estratégico de atração popular em um jogo simbólico da aspiração coletiva, fez-se erguer sobre o presidente um *ethos* delineado de tradicionalismo, defensoria, moral cristã - valores focalizados na “recuperação” da esperança nacional. Esses aspectos foram e são discursivamente e dialogicamente acionados pelo atual representante do Brasil, funcionando como um papel catalizador na adesão de seus eleitores.

---

<sup>12</sup> É o que nos mostra a matéria “ONU: Bolsonaro defende tratamento sem eficácia contra Covid-19” (G1, 2021) Acesso em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/09/21/onu-bolsonaro-defende-tratamento-sem-eficacia-contracovid-19-veja-frases-do-discurso-e-o-que-se-sabe.ghtml>> Acesso em: 10/07/2022.

Nesse sentido, fundamentalmente alicerçado no invólucro da fé e do patriotismo, o enunciado do *slogan* “Brasil acima de tudo” e “Deus acima de todos” convoca uma relação dialógica de predominância, de superioridade. Sendo assim, em um primeiro momento, temos o Brasil - lido, conseqüentemente e metonicamente, como o governo Bolsonaro - acima de *tudo*, de todas as coisas, de toda a coletividade e de suas necessidades, logo, numa relação de *manipulador x manipulado*.

No segundo instante, o *todos* corresponde a toda nação, toda a humanidade, colocando Deus em primeiro plano. Sendo o signo “Deus” plasmado de acentos valorativos atrelados à justiça, bondade e verdade, em uma atmosfera predominantemente religiosa esse se tornou um discurso vendável.

Mediante esse panorama, ao enunciar em seu comentário “Brasil acima de tudo”, o internauta João Pedro assume o *slogan* da campanha de Bolsonaro e aponta para a presença de uma relação dialógica explícita que busca desprestigiar a posição política-ideológica do presidente referenciada acima, à medida que utilizando-se da ironia, constrói um ponto de vista que critica a tentativa de supremacia de Bolsonaro – figurado como o “Brasil”, como explanado acima - ao colocar seus interesses “acima de tudo”, inclusive do povo e também de suas necessidades, a exemplo do isolamento social decorrente da COVID-19, mote da réplica aqui apresentada.

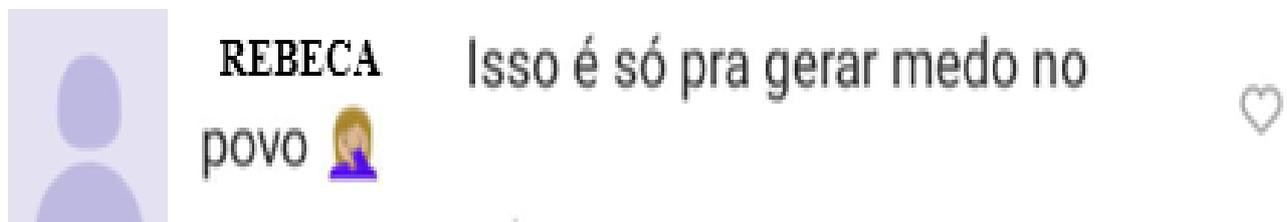
Assim, compreendemos que nesse itinerário discursivo, ao convocar tal enunciado, no comentário é revelada uma dialogização interna entre a linguagem do comentador e a do atual presidente do país. Apesar de não haver nenhuma marca linguística/sintática, tampouco composicional de apartamento entre esse enunciado dito pelo comentarista e pelo presidente, ambos transportam vozes diferentes, valores diferentes, intenções diferentes, sentidos plurivalentes, os quais estão subordinados às posições axiológicas antagônicas dos sujeitos discursivos.

Nessa conjuntura, a resposta do internauta em questão demonstra-nos a defesa de Bakhtin de que o dialogismo é o funcionamento real da língua que garante os encontros e (des)encontros de vozes que podem completar, afirmar, refutar, contradizer outros dizeres. Por esse viés, compreendemos que a réplica aqui explícita convoca o desencontro de vozes, de posicionamentos, a partir da construção de um ponto de vista crítico não só sobre o negacionismo científico difundido por Jair Bolsonaro, ao passo em que o comentarista “sugere” ironicamente

chamar profissionais não habilitados sobre questões concernentes à saúde (como os economistas), mas, para além disso, reporta-nos a um desacordo, a uma reprovação do internauta diante dos interesses do presidente. No caso dialogicamente manifestado no comentário, o interesse econômico em detrimento da vida dos brasileiros no cenário da pandemia da COVID-19.

Dito isto, na esteira dessa discussão, inserindo-se, também, enquanto resposta ao exposto na Figura 10, chamamos o comentário a seguir:

**Figura 12** - Comentário II sobre o meme “Medidas contra o coronavírus”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 20/12/2021

Frente à publicação do meme, apresentamos a figura acima, a qual contempla uma compreensão-resposta da internauta Rebeca acerca do enunciado da @barbiefascista\_. Assim sendo, lemos um comentário que registra e faz circular em rede uma manifestação discursiva que focaliza um posicionamento, um ponto de vista dialogicamente estabelecido acerca das medidas protetivas contra COVID-19, as quais foram colocadas em questão no meme que suscitou o dizer da referida comentarista.

Em seu comentário, a interactante Rebeca enuncia como resposta ao proferido pelo meme um posicionamento que alega uma motivação das medidas protetivas: provocar temor na população. Tal percepção demarca um argumento que se pauta no descrédito ao consenso científico, bem como o desdém à seriedade da doença, ao minimizá-la como um objetivo de aterrorizar a massa. Esse ponto de vista manifestado pela autora provoca-nos, do ponto de vista das relações dialógicas, ecos e ressonâncias do discurso do Presidente da República Jair Bolsonaro.

Essa compreensão da dialogicidade convocada no comentário da internauta Rebeca se estabelece ao depararmos, na cena enunciativa, com uma retomada dos discursos públicos do presidente, os quais mapeiam o fomento ao ceticismo ante

à gravidade da doença, reforçada através da negligência aos cuidados protetivos e a crítica a quem age de modo contrário. Denotada como “histeria”<sup>13</sup>, a “gripezinha”<sup>14</sup>, segundo Jair Bolsonaro, “não é tudo isso que dizem”<sup>15</sup> e, por essa razão, “não há motivos para pânico”<sup>16</sup>. Nesse sentido, balizando no cenário discursivo uma perspectiva político-ideológica que circunscreve um juízo de valor depreciativo, negacionista, perante o “vírus do pavor”<sup>17</sup>.

Conforme buscaremos demonstrar no decorrer de nossas análises, o cronotopo pandêmico deflagrou um conjunto de produções discursivas sobre o tema da crise sanitária e sobre os efeitos desse evento nas atividades humanas, suscitando um horizonte socioideológico plasmado por acentuações avaliativas diversas.

Assim, sob o entendimento precedente, é possível dizer que ao manifestar, por exemplo, os elementos lexicais “gripezinha”, “histeria”, tal como supramencionado, o sujeito Bolsonaro acentua, demarca e difunde o esforço em amenizar a gravidade da pandemia (gripezinha no diminutivo), bem como desqualificar o consenso científico (“histeria”, “não é tudo isso que dizem”, “vírus do pavor”), denotando axiologias.

Face a tal contexto, compreendemos que, ao enunciar “*é só para gerar medo no povo*”, a comentarista Rebeca recupera no fio discursivo um argumento que dialoga com os discursos do Presidente da República ao manifestar uma voz que traz à baila um dizer que, tal como o presidente, subestima a gravidade da pandemia. Isso implica perceber que o comentário da internauta promove efeitos de sentidos que aderem, coadunam, compactuam com a relativização da crise pandêmica e com o desdém dado ao consenso científico, aquele que em quase voz unívoca, externa a periculosidade da doença e as cautelas necessárias para a sua contenção. Diante disso, lemos no enunciado-reposta da internauta relações dialógicas que elucidam um posicionamento de concordância axiológica com Jair Bolsonaro.

<sup>13</sup><<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-17/bolsonaro-insiste-que-crise-do-coronavirus-e-histeria-e-ex-aliados-sugerem-seu-afastamento.html>>. Acesso em 14/07/2022.

<sup>14</sup><<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>>. Acesso em 14/07/2022.

<sup>15</sup><<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/jair-bolsonaro-minimiza-pandemia-coronavirus/>

<sup>16</sup><<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/nao-ha-motivo-para-panico-por-coronavirus-diz-bolsonaro-em-pronunciamento/>>. Acesso em 14/07/2022.

<sup>17</sup><<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-ha-virus-do-pavor-que-parece-que-so-se-morre-de-covid-no-brasil-24910308>>. Acesso em 14/07/2022.

Essa leitura clarifica que a construção de pontos de vista é motivada e está inerentemente atrelada ao posicionamento ideológico que o sujeito ocupa. Isso porque o que enunciado de Rebeca mobiliza é a percepção de um posicionamento que converge, que se filia à postura político-ideológica do governo do qual ela faz parte e com o qual ela compactua. Desse modo, mostra-nos que é na e pela linguagem que o sujeito discursivo se constrói e se coloca ideologicamente, revelando-se.

Na esteira dessa discussão, compreendemos os comentários *on-line* enquanto práticas responsivas ativas, capazes de abarcar pontos de vista pautados em diferentes formas de compreensão acerca dos mais diferentes eventos discursivos, como é o caso da pandemia da COVID-19. Nesse sentido, sigamos na análise convocando a Figura 13.

**Figura 13** - Meme "Realidades paralelas"

## Rodrigo Faro: "Não sei como o povo não consegue ficar em casa"



6.584 curtidas

bahrealista A casa dele // a nossa. 🙄 #barbiefascista

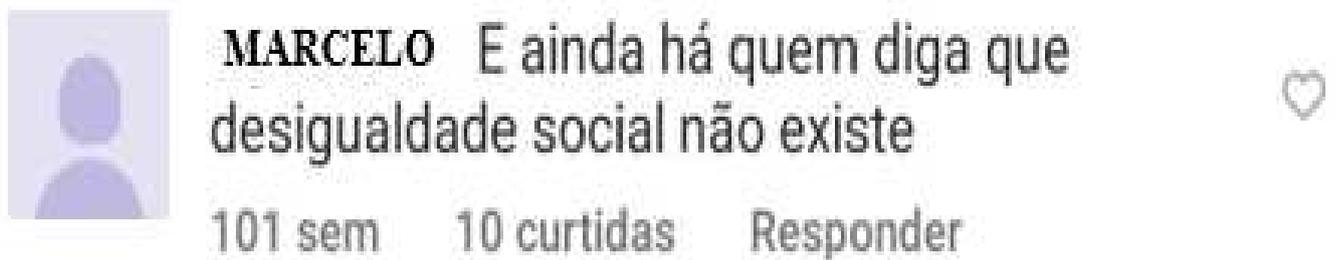
Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>>. Acesso em: 29/11/2021

O meme da Figura 13 foi publicado em 22/03/2020. Nele, há a exposição de duas imagens. De um lado, encontramos disposta uma fotografia do ator e apresentador de TV Rodrigo Faro e de sua família, aparentemente em um momento de lazer, desfrutando da ilha particular presente na mansão do comunicador. Do lado oposto, visualizamos uma casa simples, extremamente pequena, sem reboco, com uma infraestrutura precária, decadente.

Na parte superior do meme, lemos “*Rodrigo Faro: ‘não sei como o povo não consegue ficar em casa’.*”, fazendo referência a um discurso do apresentador, o qual polemizou<sup>18</sup> ao fazer tal alegação sobre a quarentena advinda com a pandemia da COVID-19. Disposta na área inferior, temos “A casa dele // a nossa”. “A casa dele” está para a mansão, enquanto “a nossa” está para a casa com poucas condições estruturais.

Feita tal contextualização do meme ao qual o comentário abaixo responde, sigamos.

**Figura 14** – Comentário I sobre o meme “Realidades paralelas”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 29/11/2021

Na réplica do comentarista Marcelo é possível ler uma perspectiva que se ancora no polarizado cenário socioeconômico retratado no meme, ou seja, no contraste evidenciado entre realidades completamente paralelas no que se refere às condições ao enfrentamento à COVID-19 e, partir disso, o internauta traz à luz da cena discursiva a realidade da desigualdade social, ao passo em que dialoga com essa temática.

<sup>18</sup> É o que nos mostra a notícia “*Rodrigo Faro vira meme depois de fazer declaração polêmica sobre a quarentena contra a COVID-19*”. Disponível em: <<https://paisefilhos.uol.com.br/familia/rodrigo-faro-vira-meme-depois-de-fazer-declaracao-polemica-sobre-a-quarentena-contra-a-covid-19/>> Acesso em: 18/02/2022.

Juntos sob a mesma ameaça (o Coronavírus), desde o princípio da pandemia, muito se discutiu sobre como a calamidade oriunda da COVID-19 iguala todos os sujeitos, sob a justificativa de que o vírus não escolhe classe social, ideologia, cor. Contudo, o discurso do internauta Marcelo vem, em parte, desestabilizar essa premissa. Isso porque, ainda que o vírus infecte indivíduos de qualquer camada, há sujeitos mais vulneráveis no que se refere ao contágio da doença, em razão das desigualdades que perpassam o país.

A participação do comentarista Marcelo face à situação enunciativa convocada no meme aciona produções de sentidos que convocam o extralinguístico, chamando a situação social. Nesse sentido, ao enunciar “ainda há quem diga que desigualdade social não existe”, a réplica do internauta promove relações dialógicas com os discursos sobre a realidade brasileira, erigindo um enunciado que reflete uma situação dada (BAKHTIN, 2003 [1986]), denunciando e validando a existência das divergentes condições socioeconômicas no país.

Tal entendimento é decorrente da compreensão de que toda enunciação convoca sentidos de situações contextualmente localizadas. Isso faz com que percebamos o dizer do comentarista Marcelo enquanto um enunciado concreto que tem sua projeção alicerçada pelos liames do social/do histórico. Logo, o seu comentário é percebido nos moldes do intercâmbio entre os eventos comunicativos, a interação, a história, a sociedade, em suma, a vida, em espaços de vivenciamento dialógico.

Sendo enunciado, portanto, o comentário do internauta é um projeto enunciativo preñado de vozes sociais. Ele responde um já-dito dentro de uma cadeia verboideológica, resposta essa que comporta um dissenso entre vozes no que tange às desigualdades sociais. Nesse sentido, conjectura-se um posicionamento discursivo, um ponto de vista matizado por tonalidades dialógicas.

Nesse sentido, a relação dialógica estabelecida no discurso do internauta promove a compreensão de que as disparidades são legítimas, portanto, pensar nas desigualdades sociais no contexto da pandemia da COVID-19 é considerar uma parcela mínima provida de regalias exageradas, em uma conjuntura confortável para o cumprimento do isolamento social em suas casas, em detrimento a uma grande massa social envolta em condições de sobrevivência desvantajosas: famílias compartilhando espaços mínimos em casas com baixa infraestrutura, muitas vezes

sem dispor de acesso às necessidades básicas, sobretudo, no que se refere aos cuidados na pandemia, como é o caso do uso de água limpa.

À guisa dessa circunstância, a partir do diálogo com a realidade social do Brasil, a réplica do comentarista Marcelo traz para a cena discursiva a estridente desigualdade social que impele condições de vidas muito distintas para ricos e pobres, denunciando a negativa e a falta de reconhecimento dessa problemática pública (“e ainda há quem diga que desigualdade social não existe”).

Assim, considerando que nas relações dialógicas o enunciado é imerso em índices sociais de valor e, por isso, é sempre heterogêneo, haja vista que nele são revelados dois posicionamentos (ainda que não delineados no fio do discurso), manifestados através dos contrastes valorativos expressos sobre um mesmo objeto discursivo, é possível verificar que o enunciado de Marcelo revela o seu direito e o seu avesso (FIORIN, 2006) quanto sua compreensão acerca da desigualdade social, manifestando a sua posição e aquela à qual se opõe.

Nesse sentido, o que o sujeito estabelece como discussão em seu ponto de vista no comentário *on-line* é que, embora conduzam a sensação de igualdade, dito em outros termos, ainda que digam, defendam e tentem induzir ao entendimento de que a desigualdade social no Brasil não existe, ela se faz presente e acomete a população. E essa realidade é descortinada, por exemplo, através dos sentidos “povoados” no meme, o qual serviu de ancoragem para o comentário do internauta Marcelo.

A compreensão acima se torna possível, pois, nas relações dialógicas, o enunciado concreto, como um todo significativo, não toma unicamente *o que* foi dito, ou seja, o posto, o linguístico, o marcado. Mas sim, o *como* foi dito, isto é, quais propósitos permeiam a sua produção em um espaço de vivenciamento ideológico.

Dito isto, passemos para a leitura dialógico-discursiva do meme a seguir:

**Figura 15** – Meme “Vacina Butantan”

Eu só consigo pensar nela, a  
vacina do butantan



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 10/07/2022

O meme expresso na Figura 14 foi publicado em 07/01/2021, dia em que o Brasil recebeu resultados científicos que comprovavam a eficácia da vacina CoronaVac. Na ocasião, o Instituto Butantan - responsável pelo desenvolvimento desse imunizante, em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac - anunciou em coletiva de imprensa os resultados obtidos a partir de testes clínicos de voluntários que receberam doses da vacina, os quais indicavam 78% de eficiência em casos leves e 100% em casos graves, desse modo, isentando os imunizados de sofrerem um quadro perigoso no que se refere aos danos do vírus SARS-CoV-2.

A partir dessa situação social, a @barbiefascista\_ publica o meme acima, o qual apresenta um enunciado verbal situado na parte superior que enuncia “Eu só consigo pensar nela, a vacina do butantan”. No centro, há um sujeito trajado de calça e blusa cuja estampa é a logo do Instituto Butantan, portando uma bolsa com o mesmo símbolo. Concomitantemente, o indivíduo segura uma seringa em sua mão.

Na parede, é possível observar a disposição da mesma insígnia, rente a do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na esteira desse panorama, contextualizados o meme e o evento que motivou a sua criação e sua conseqüente difusão na @barbiefascista\_, chamamos, nesse momento, os comentários *on-line* que, por ora, serão analisados.

**Figura 16** – Comentários I e II sobre o meme “Vacina Butantan”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>>. Acesso em: 10/07/2022

Suscitados pelo processo de interações discursivas realizadas em rede social digital, a partir do exercício dialógico de compreender e responder a enunciados concretos, expondo posicionamentos, pontos de vista – os quais no grande diálogo da linguagem estabelecem relações diversas com outros dizeres, a partir das orientações sociais que organizam um enunciado – convocamos, nesse instante, os comentários dos usuários Xavier e Helena, atos responsáveis e responsivos face ao acontecimento discursivo abordado no meme manifesto na Figura 15.

As réplicas dos comentaristas Helena e Xavier, entendidas como uma contrapalavra, ou seja, como um ponto de partida para a relação dialógica estabelecida com o outro (ARAÚJO, 2017), fomentam uma construção discursiva margeada pelo discurso de Jair Bolsonaro no que concerne à utilização das vacinas pelos sujeitos. Assim, ambos os internautas se colocam, respondem, demarcam o seu lugar nesse diálogo, materializando suas impressões, suas subjetividades.

No cenário pandêmico, ao admitir uma postura ideológica anticientífica, tal como vimos descortinando ao longo de nossas análises, o atual Presidente da

República atravessa a pandemia da COVID-19 valorando negativamente o uso e os efeitos colaterais dos imunizantes. Utilizando-se como exemplo a Pfizer, Bolsonaro discursou, publicamente, alegando que não há garantias de que a vacina não transformará quem a tomar em “um jacaré”, intimidando os brasileiros ao afirmar que “se você virar um jacaré, é problema seu<sup>19</sup>”, desse modo, acabando por instituir um juízo negativo, duvidoso, ineficaz, perigoso face aos imunizantes.

Esse acontecimento discursivo motivou, dialogicamente, os comentários dos internautas Helena e Xavier. Tal compreensão se estabelece ao compreendermos que todo discurso é orientado para a resposta e dela não pode se esquivar, assim, tornando-se possível admitir que o dito “se você virar jacaré, é problema seu”, advindo de Bolsonaro, chamou, impeliu, fez surgir esses outros dois dizeres, motivados pelas interações que se estabelecem no contexto dialógico.

Nesse panorama, irrompem-se as réplicas da internauta Helena, a qual enuncia “não vejo a hora de virar jacaré, amo que amo” e a do comentarista Xavier, que afirma “tô prontinho pra virar jacaré”. São perceptíveis a ambição e a simpatia pela vacina expressas pelo sujeito no primeiro comentário. Essa leitura tem seu direcionamento reforçado a partir do enunciado “amo que amo”, o qual culmina em um juízo de valor que reverencia e estima o imunizante. No segundo caso, por sua vez, chamamos atenção para o enunciado “tô prontinho”. Através dele, lemos o aceite, o acolhimento, a disposição do internauta em receber a sua dose de imunização.

Sob esse entendimento, observamos tanto no caso da internauta Helena, como no do comentarista Xavier, posicionamentos que indicam um olhar positivo, portanto, um ponto de vista que contraria a crítica mordaz às vacinas feitas pelo discurso ao qual os comentaristas aludem na relação estabelecida dialogicamente. Desse modo, os referidos internautas convocam pontos de vista que, em oposição ao presidente, aceitam, se dispõem, credibilizam a vacina e seus efeitos.

É importante perceber que os processos de relações dialógicas promovidas nos enunciados dos comentários aqui explicitados ocorrem a partir do uso ideológico da palavra “jacaré”. Ela entra no enunciado de Bolsonaro, bem como nos dos internautas, em contextos verboideológicos situados, inserindo-se como uma expressão de avaliações sociais. Com isso, o que queremos dizer é que a palavra

---

<sup>19</sup><<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/12/18/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce- virar-um-jacare-e-problema-de-voce.htm>> Acesso em: 11/07/2022.

“jacaré” reflete e refrata o modo pelo qual esses sujeitos discursivos (re)conhecem e apreendem a realidade social no contexto da pandemia da COVID-19, a partir de filiações ideológicas contraditórias.

Sendo assim, a palavra “jacaré” reflete e refrata com tom de deboche, de escárnio, o modo de compreender negativamente e duvidosamente as vacinas por parte do sujeito Bolsonaro, regida pelos seus interesses, a sua ideologia e o seu ponto de vista. A partir disso, nas relações dialógicas estabelecidas entre os discursos, os comentaristas recebem e compreendem ativamente a carga ideológica negacionista empregada e, por meio de um modo diferente de significar essa realidade, projetam suas responsabilidades dentro de um horizonte social distinto, assim, contrariando e renegando os valores manifestados por Bolsonaro. Portanto, em um paralelo axiológico, ocorre um confronto ideológico entre vozes divergentes: a do presidente e as do comentarista.

Isso nos conduz a compreender que o emprego da palavra “jacaré” nas réplicas apresentadas, ao invés de, hipoteticamente, “cobra”, “cachorro”, “papagaio”, dentre tantas outras no reino animal, coaduna e ratifica a ótica de Bakhtin quando defende que as escolhas lexicais no processo de construção de um enunciado não são aleatórias. Elas são, na verdade, intencionais, certificando determinadas finalidades discursivas. Portanto, o uso intencional da palavra jacaré nos discursos dos internautas Helena e Xavier projeta uma seara de luta ideológica, uma vez que ela é convocada para manifestar o conflito entre os valores contraditórios, demarcados pelas diferentes orientações ideológicas dos sujeitos.

Tal compreensão autoriza entendermos que os comentaristas Helena e Xavier dialogam com as palavras de Bolsonaro recuperando o seu discurso e, a partir dessa manifestação saturada de axiologia, ambos os internautas estabelecem relações de sentidos contestando as crenças e os valores nele estabelecido. Ora, se de um lado temos Bolsonaro invalidando, renegando e depreciando as vacinas, desse modo, deturpando-a (transformar em jacaré), por outro lado, a partir da assimilação e da reelaboração facultada pelos usuários nas réplicas, há uma aceitação dos imunizantes, concomitante à negativa do discurso intimidatório do presidente (*não vejo a hora/tou prontinho pra virar jacaré*).

Essa resignificação destoante do já-dito revela-nos os discursos enquanto um complexo dialógico de diversas vozes sociais plasmados de axiologias, de posições, de acentos de valores diversos que se digladiam, instaurando uma arena

de vozes que irrompe oposições sociais. Nesse sentido, podemos compreender que Helena e Xavier ocupam uma função enunciativa que dialoga e faculta a não filiação ao posicionamento do presidente Bolsonaro.

Dito isso e empreendida tal leitura dialógico-discursiva, nesse instante, chamamos a próxima análise.

**Figura 17** – Meme “Duvidando da COVID-19”

## As pessoas acreditando no Silas Malafaia e duvidando da gravidade do covid-19



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 23/07/2022

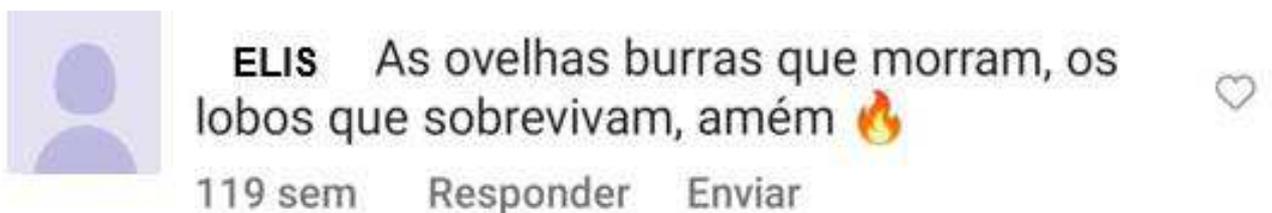
O meme acima exposto foi publicado em 02/04/2020, dias após Silas Malafaia, pastor da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, postar, no auge da pandemia da COVID-19, um vídeo em suas redes sociais – Facebook, Youtube e Instagram – em que ele se direcionava ao “povo abençoado do Brasil” explicitando imagens de comércio em funcionamento e pessoas transitando normalmente nas ruas de duas comunidades, ovacionando esses sujeitos por estarem contrariando o isolamento social.

Nessa materialidade, o pastor buscava, conforme suas palavras, “provar” que as pessoas estavam sendo enganadas por uma “quarentena de araque”<sup>20</sup>, ao passo em que negava os riscos do novo coronavírus e colocava em questão a eficiência das medidas restritivas adotadas para conter a proliferação da doença, apoiando, assim, a posição do presidente Jair Bolsonaro (“ele está certo”), sob a justificativa de que a quarentena no Brasil era uma farsa promovida por interesses políticos e midiáticos.

Diante de tal acontecimento discursivo, a página do Instagram @barbiefascista\_ valeu-se dessa situação social e publicou a materialidade retratada na Figura 17, o qual denota uma mulher tranquila, porém, em perigo iminente, figurando-a como as pessoas que acreditam no pastor Silas Malafaia e ignoram a gravidade da COVID-19. Na figura mencionada, o risco que o sujeito se encontra exposto diz respeito a uma propagação de fogo em uma aparente floresta. Diante dessa circunstância, incorpora-se ao discurso do meme questões relativas ao descrédito do atual presidente quanto às queimadas, bem como o silenciamento e a deturpação dos dados oficiais sobre tal problemática ambiental. Essa conjuntura reforça a crença veemente daqueles que seguem Malafaia e companhia, contrariando conhecimentos científicos tanto no que diz respeito à degradação ambiental oriunda dos incêndios florestais, quanto no que se refere a gravidade da COVID-19 (denotada no enunciado verbal) – sendo essa segunda temática a motivação basilar para os comentários *on-line* expostos a seguir.

Sendo assim, realizadas as descrições da conjuntura explicitada, passemos para a análise de réplicas retiradas da publicação do meme supradito.

**Figura 18** - Comentário I sobre o meme “Duvidando da COVID-19”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 23/07/2022

<sup>20</sup> “‘Quarentena de araque’, diz Malafaia sobre isolamento social” – Metrôpoles, 2020.

Link para acesso: <<https://www.metropoles.com/brasil/quarentena-de-araque-diz-malafaia-sobre-isolamento-social>> Acesso em: 13/07/2022.

A estratégia política do presidente Jair Bolsonaro respalda-se na aproximação com o eleitorado religioso, sobretudo, protestantes. Munido de discursos moralistas, puritanos e ultraconservadores, os quais vendem aos fiéis e simpatizantes valores éticos e/ou políticos embasados no enfrentamento “sacro” aos inimigos (o comunismo, os docentes, os ativistas, o feminismo, a esquerda etc.), Bolsonaro balizou o apoio religioso enquanto bandeira política para seu governo, amplificando sua ofensiva em conjunto com grandes nomes da liderança evangélica, dentre eles, os pastores Marco Feliciano, Abner Ferreira, Edir Macedo e o próprio Silas Malafaia, referenciado no meme (cf. Figura 17).

À guisa dessa circunstância, considerando a representatividade de um pastor para sua igreja e, por consequência, a força persuasiva que essa figura exerce sobre os fiéis, tidos como ovelhas em rebanho, pode-se dizer que a aliança entre a bancada evangélica e o presidente Jair Bolsonaro vem impulsionando sua força política, a partir do alcance, da conquista e da consequente aderência do eleitorado cristão, promovida pela interlocução de líderes de megaigrejas, no que tange aos seus alinhamentos político-ideológicos. Esse pacto clarifica, pois, a razão pela qual o pastor Silas Malafaia se dirige ao “povo abençoado do Brasil” e emprega um discurso negacionista diante da COVID-19, conforme denota a situação social convocada no meme anteriormente contextualizado.

É, pois, incutida por essa filiação ideológica da bancada cristã e pelos lugares firmados histórico e socialmente no campo religioso – pastor e fiéis –, que vimos ascender na cena discursiva a réplica da internauta Elis frente ao enunciado do meme que serviu de ancoragem para o seu dizer (“As pessoas acreditando no Silas Malafaia e duvidando da gravidade do covid-19”). Assim, a internauta enuncia “as ovelhas burras que morram, os lobos que sobrevivam, amém”. Diante desse panorama, para compreender tal enunciado em sua concretude, é preciso considerar os aspectos dialógico-discursivos que estão intrincados no comentário, os quais dialogam diretamente com o discurso religioso.

Na esfera religiosa, o espaço de pastor atribuído aos sacerdotes protestantes convoca relações dialógicas com o lugar ocupado por Cristo que, na condição de *bom pastor* (João 10,11), lidera, guia e protege as suas ovelhas/o seu rebanho das artimanhas do inimigo, conduzindo para o caminho da retidão, da proficuidade e da glória. Nesse sentido, podemos confrontar o Salmo 23 que, antecipando a figura de

Jesus conforme a ótica do Cristianismo, apresenta justamente esses aspectos idiossincráticos: “o Senhor é meu pastor, nada me faltará [...]. Pelos caminhos retos ele me leva, por amor do seu nome”.

Essa compreensão orchestra dialogicamente a máxima nas igrejas evangélicas de que os pastores, vislumbrados como porta-vozes de Deus, são lideranças espirituais posicionadas no plano terreno, capazes de ensinar, aconselhar e conduzir os fiéis e, por isso, devem ser encarados com deferência. Desse modo, acabando por instituir a esses sujeitos um lugar de poder, de domínio e influência sobre aqueles que se colocam na posição de ovelhas de Cristo.

No discurso religioso cristão, a metaforização da ovelha é recorrente, fazendo remissão aos sujeitos que seguem a Cristo e, conseqüentemente, seus porta-vozes, assim como ilustra a passagem de Ezequiel 34,31: “Vocês são as minhas ovelhas, ovelhas do meu pasto”. Na esteira desse entendimento, corroborando a discussão que valida a representatividade desse animal na bíblia cristã, a qual reforça a análise realizada face a réplica da internauta Elis, não podemos deixar de destacar um fragmento encontrado em João 10,27, a saber: “as minhas ovelhas *ouvem a minha voz*, e eu as conheço e *elas me seguem*” (grifo nosso). O excerto supradito culmina em uma leitura que resgata, através da conotação da ovelha, a percepção de fiéis sendo dependentes de seu pastor para orientar-se, *ouvindo a sua voz e seguindo-o*. Desse modo, corporificando uma postura submissa, obediente.

À luz dessa compreensão, ao referir-se à “ovelha” em seu comentário, Elis não só situa o público a quem ela se direciona – os indivíduos evangélicos, especificamente, aqueles que *ouvem e seguem* o pastor Silas Malafaia – mas também convoca um discurso que põe em questão a obediência, a submissão, a acriticidade e a aquiescência dos fiéis diante do direcionamento do pastor supradito, em detrimento da seriedade da COVID-19. Essa leitura é reforçada pela adjetivação atribuída a esses sujeitos no enunciado “as ovelhas *burras*”. Nesse sentido, face a tal circunstância, enquanto consequência oriunda da resignação dos seguidores de Malafaia perante o desdém dado à pandemia, a internauta explicita um fim: a morte (“as ovelhas burras que *morreram*, os lobos que sobrevivam, amém”).

É importante perceber que, no cenário social e infelizmente popular, são avaliados como “burros” aqueles sujeitos que possuem um coeficiente intelectual baixo, que não dispõem de conhecimentos, que não estudam. Conforme esse prisma, ao valorar os fiéis como “burros”, a internauta manifesta um contraponto com

as vozes de estudiosos habilitados e preparados sobre as questões relativas à gravidade da COVID-19, logo, as vozes dos cientistas. Nesse sentido, estabelece-se um lugar de incompetência, de ignorância, de falta de senso crítico aos sujeitos que seguem a Malafaia. Assim, sob essas condições, oportunizando ao referido pastor exercer a manipulação, a doutrinação das *ovelhas burras*.

Por essa perspectiva, é possível depreender um olhar mais amplo, uma ótica para além do dado da não crença à ciência. Motivados pela compreensão supracitada, torna-se possível entendermos que as ovelhas também são burras por se deixarem ser doutrinadas por Malafaia e companhia, elegendo Jair Bolsonaro em 2018 e, provavelmente, levando a uma disputa acirrada no pleito de 2022. Com isso, observamos uma crítica que vai para além da pandemia; é uma crítica que também esbarra no político e na política.

Do ponto de vista discursivo, um outro aspecto a ser evidenciado no comentário da usuária Elis é que a construção do signo ideológico *ovelha* e *lobo* aponta para uma visão maniqueísta valorada pela igreja, a partir da qual reforça a ovelha como o emblema cristão do “bom”, do “apropriado”, ao passo em que o lobo é frequentemente citado nas Escrituras metaforizando o adverso (Jeremias 5,6; Sofonias 3,3; Lucas 10,3, João 10,12).

Sob a ótica dessa leitura, pode-se compreender que o ponto de vista articulado na réplica analisada convoca, justamente, a projeção dual existente nos discursos bíblicos entre ovelha *versus* lobo, povoada por uma perspectiva de polarização. Essa compreensão dialoga com o texto de Mateus 10,16: “eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos [...]”, a qual potencializa uma ideia de dissidência: o primeiro sendo aqueles sujeitos conduzidos pelos preceitos adotados pela igreja, em meio e defronte, antagonicamente, ao segundo, lido como aqueles que transgridem os postulados oriundos dessa instituição.

Nesse sentido, ao realizarmos a recuperação desses lugares ideologicamente valorados, é possível compreender que ao enunciar “as ovelhas burras que morram, os lobos que sobrevivam, amém”, a usuária Elis *assimila, reelabora e acentua* o discurso cristão mediante sua intenção e promove, através da incongruência dialogicamente manifestada, o estabelecimento de sua posição, de seu valor. Desse modo, o que a internauta estabelece na réplica é o seu não pertencimento face ao lugar de ovelha que *ouve* e *segue* o pastor. Em outros termos, é o não vínculo diante da convicção do pastor Silas Malafaia - em sentido estrito, no que diz respeito à

omissão da gravidade da COVID-19. Com isso, a internauta Elis se coloca como um sujeito que se opõe, que contesta e não se filia à postura de Malafaia, se colocando, metaforicamente, na posição de lobo.

Sendo assim, diante do panorama aqui ressaltado, torna-se possível compreender que o comentário da usuária Elis funciona como uma antipalavra (VOLÓCHINOV 2018 [1929]) construída mediante uma relação dialógica de vozes que provam um dialogismo bíblico, metafórico, que não só critica o posicionamento de Malafaia e a subordinação dos fiéis ante a sua postura, conforme explicitado, mas, também, estabelece um movimento que descortina orientações valorativas incongruentes. Posto isso, é perceptível o olhar crítico de Elis em um dizer que situa, no ponto de vista discursivo, o distanciamento, a incompatibilidade político-ideológica com o pastor e, em sentido lato, com o presidente Jair Bolsonaro.

Prosseguindo com nossa análise, sob o prisma de compreensão face a Figura 17, apresentamos a réplica a seguir:

**Figura 19** - Comentário II sobre o meme “Duvidando da COVID-19”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 23/07/2022

O comentário da internauta Ana, assim como o de Elis, é construído a partir de um horizonte de compreensão a respeito do meme que enuncia o acontecimento discursivo promovido pelo pastor Silas Malafaia perante a pandemia da COVID-19, com isso, reforçando o princípio encontrado em Bakhtin (2016 [1952-1953]) de que toda a palavra é banhada por práticas discursivas que engendram processos de interações sociais.

Nesse contexto, é no processo de interação face à situação social convocada na publicação, que a usuária Ana se vale de sua responsividade e projeta um ponto de vista que estabelece, como fio propulsor de sua réplica, relações dialógicas com a ótica do darwinismo. Assim, ao comentar “Seleção natural. Deixa ele/s morrer/em”,

a internauta abaliza um enunciado que dialoga diretamente com a teoria da seleção natural das espécies, oriunda do evolucionismo, a qual tem como ideia básica a distinta probabilidade de existência entre os seres em um mesmo ambiente.

Conforme a ótica da seleção natural, defendida pelo cientista Charles Darwin, os seres de uma mesma espécie não são idênticos entre si, apresentando variações. Essas variações implicam no favorecimento ou desfavorecimento dos indivíduos face às condições do ambiente em que estão situados. Assim, aqueles mais adaptados ao seu espaço possuem mais chances de sobreviver do que aqueles menos adaptados, é o que o teórico chama de “a sobrevivência dos mais aptos”.

À luz desse entendimento, ao enunciar “Seleção natural. Deixa ele/s morrer/em”, a internauta Ana suscita dialogicamente às seguintes compreensões:

- 1) Ora, se os seres de uma mesma espécie não são idênticos entre si, logo, possuem seus distanciamentos. Por esse ângulo, tendo em vista o acontecimento discursivo abordado no meme ao qual serviu de ancoragem para o seu dizer, pode-se compreender que Ana - pertencente a mesma espécie de Silas Malafaia e seus seguidores, a raça humana - se coloca como não-idêntica a esses sujeitos, com ideologias, posições, convicções e pontos de vista dissemelhantes no que concerne à pandemia da COVID-19;
- 2) A não-identificação e o distanciamento perante o ponto de vista de Malafaia são reforçados, explicitamente, na articulação da terceira pessoa em seu discurso: é “deixa *ele/s* morrer/em” e não *nós*, desse modo, apartando-se, não se filiando/compactuando com esses sujeitos.
- 3) Dado que as diferenças entre uma mesma espécie implicam, como visto, em variações favoráveis e desfavoráveis para existência de um ser perante o ambiente em que estão situados, a internauta estabelece a compreensão de que Malafaia e seus fiéis, ao não se adaptarem ao seu espaço, ou seja, ao “novo normal” promovido pela pandemia da COVID-19, renegando o isolamento social e as medidas de segurança, estão na posição de menos favorecidos para a existência nesse contexto. Em contraponto a isso, aqueles que agem diferente, respeitando as medidas de segurança, situam-se no plano dos mais favorecidos para a permanência.

À luz dessa compreensão, ao trazer no fio do seu discurso relações dialógicas com uma teoria cuja base sustenta a compreensão de como o meio ambiente age sobre os seres, selecionando e garantindo a vida de alguns indivíduos, a internauta Ana alega, provoca, defende a propensão para a existência de uns sujeitos em detrimento de outros no contexto da COVID-19. Assim, o que a réplica da usuária valida dialogicamente é, justamente, a “sobrevivência dos mais aptos” nessa conjuntura, desse modo, instituindo o posicionamento de que os sujeitos que não se adequam a essa realidade, ouvindo e acatando os direcionamentos do pastor Silas Malafaia terão, como fim, a morte.

Um ponto a ser considerado diante da réplica da internauta Ana é o chamamento à ideologia evolucionista<sup>21</sup>, instaurando um confronto com a ideologia religiosa cristã<sup>22</sup>, a qual apregoa a concepção de que o universo e tudo que nele existe é proveniente de um Deus, figura superior. Ora, se o pastor e os fiéis se filiam ao criacionismo, por outro lado, Ana traz em seu comentário o contraste ferrenho a partir de uma posição, de um argumento, pautado no evolucionismo para criticar e invalidar a postura do pastor Silas Malafaia, estabelecendo, com isso, relações dialógicas com os dizeres da ideologia evolucionista.

Essa construção discursiva de Ana, portanto, provoca um movimento de voz não harmônico, oriundo de relações dialógicas polêmicas, tensas, conflitantes, permeada por suas orientações sociais, as quais certificam ao seu discurso a saturação de ideologia, manifestando o seu modo de enxergar, conceber e agir sobre o mundo a partir de suas vivências e suas experiências. Assim, Ana se valida enquanto um sujeito que se coloca, se posiciona, que se insere e se situa no social.

Perante o exposto, assentimos serem os comentários *on-line* um espaço de vivenciamento e de relações dialógicas, haja vista que neles circulam e se

---

<sup>21</sup> Acredita-se que o universo e todos os seus componentes foram evoluindo, mediante organizações físicas e químicas - de partículas a seres. Desse modo, compreende-se um processo por leis naturais, desacreditando na intervenção de uma divindade, conforme defendem os estudos dos cientistas evolucionistas Darwin (2009), Futuyma (2002) e Dawkins (2009).

<sup>22</sup> De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (1998), documento organizado pelo então Sumo Pontífice João Paulo II e que reúne ensinamentos do cristianismo católico, *a criação do céu, da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis* é o fundamento que culmina em Cristo. Esse compêndio da doutrina e dos ensinamentos da Igreja reveste-se da atribuição da origem do homem e do mundo a um Deus Criador, Autor e Ordenador.

entrecruzam diversas vozes que trafegam posicionamentos aliados ao sócio-histórico, a partir de discursos enviesados pelos efeitos dialógicos de construção de sentidos, os quais arrebanham dizeres que promovem a circulação de ideologias.

Dito isto, passemos para a categoria dois, a qual se intitula *Os tons emotivo-volitivos convocados em comentários on-line*.

## 5.2 Os tons emotivo-volitivos convocados em comentários *on-line*.

Nesta categoria, nosso olhar incide sobre os tons emotivo-volitivos convocados pelos sujeitos comentadores a partir da construção de seus pontos de vista em comentários *on-line* que ponderam, valoram, avaliam o evento pandêmicos e suas implicações sociais. Dessa forma, atentaremos para o juízo de valor e as emoções expressas nesses enunciados, ou seja, voltamo-nos para os acentos valorativos, para as posições assumidas a partir dos tons, das entonações, das apreciações expressas. Dito isto, passemos para a apresentação de nossos dados.

**Figura 20** - Meme “Contra o *lockdown*”

" sou totalmente contra  
o lockdown, o povo precisa  
trabalhar "



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 03/11/2021

Sabe-se que a COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus. Apresentando-se como um surto de escala global, algumas providências radicais tiveram de ser tomadas para a contenção do vírus, dentre elas está o *lockdown*. Desde a avassaladora expansão do contágio da doença, a OMS instaurou como medida de proteção à população o resguardo em suas casas. Tal precaução prevê que a falta de contato social coíbe a proliferação do vírus, logo, o surgimento de novos infectados.

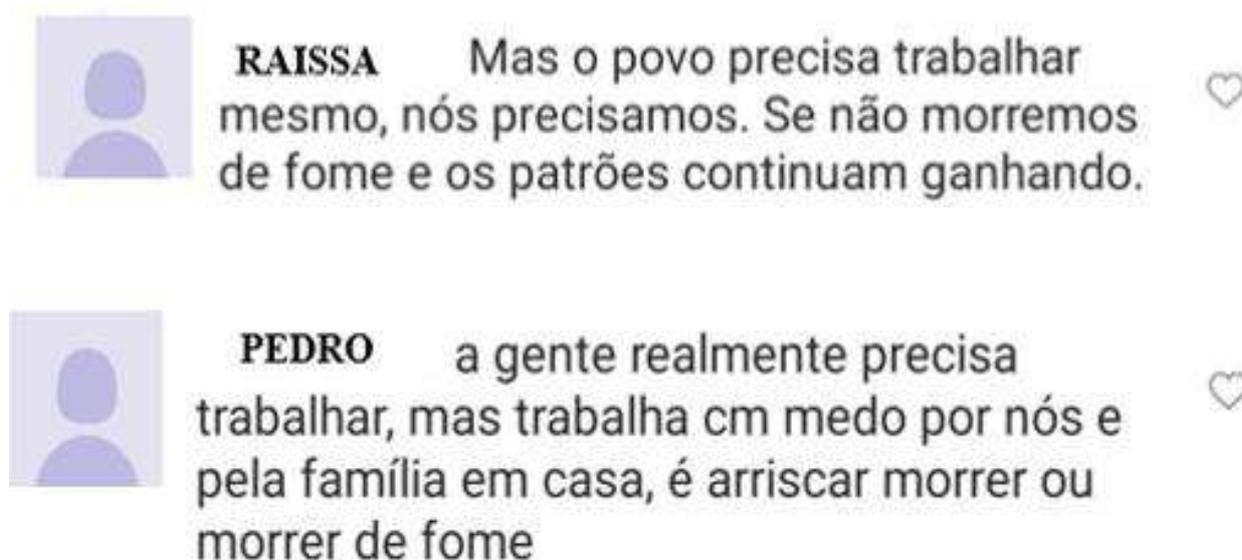
Em escala global, mais estritamente no Brasil, a medida supracitada não teve uma recepção unânime por parte da população e das autoridades. Há quem se posicionou contra, há quem se posicionou a favor e os pontos de vista se circunscrevem a partir dos mais diversos argumentos. Uma figura crucial nesse cenário se faz na pessoa do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, uma vez que ele é o representante máximo da nação.

Estando sob sua competência o direcionamento do nosso país, o presidente se posiciona contrário ao isolamento, incitando a população a voltar para a normalidade, colocando a economia em primeiro plano, assim, acabando por confrontar as medidas instauradas pela OMS e os números alarmantes que indicam o total de óbito no nosso país, conforme já mencionado nesta dissertação. Dessa maneira, como se pode perceber, essa é, de fato, uma pauta que gera conflitos.

Na esteira desse raciocínio, o meme verbo-visual em destaque (Figura 20) tem como mote justamente o *lockdown*. Publicado em 06/03/2021, na página do Instagram @barbiefascista\_, a materialidade apresenta a imagem da Barbie e de sua amiga dividindo uma mesa de restaurante, ambas em aparente situação de despreocupação. No enunciado verbal do meme em questão, lemos “sou totalmente contra o lockdown, o povo precisa trabalhar”. Logo, remetendo-nos a uma negativa do protocolo de isolamento social em detrimento da prática laboral.

Feita essa breve explanação a respeito do evento discursivo *lockdown* e da Figura 20, passemos, nesse instante, às leituras dos tons emotivo-volitivos estabelecidos nos comentários *on-line* dos internautas, extraídos da publicação do meme em questão.

**Figura 21** - Comentários I e II sobre o meme “Contra o *lockdown*”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 05/12/2021

Como resposta à publicação do meme expresso na Figura 20, convocamos as perspectivas acima expressas. No comentário de Raissa, observamos um ponto de vista que se alicerça em um tom emotivo-volitivo de concordância ao discurso convocado no meme, ao ratificar que “*o povo precisa trabalhar mesmo*”, intensificando a sua anuência com o uso linguístico da partícula de reforço “mesmo”, assim, realçando, validando, ratificando a perspectiva do retorno ao trabalho.

No entanto, no comentário de Raissa, diferentemente do expresso no enunciado verbal do meme, é possível perceber que ela se coloca na posição de sujeito condizente com o grupo social de trabalhadores, lido a partir da expressão posta em destaque: “*o povo precisa trabalhar mesmo, **nós precisamos***”. Ora, se outrora tínhamos “o povo” com um valor semântico de terceira pessoa, ou seja, “eles” precisam trabalhar, agora, no ponto de vista de Raissa, temos um “**nós precisamos**”.

Essa construção, com uso do pronome em primeira pessoa do plural, convoca a ideia de “outras pessoas - eles” e “eu”, sendo assim, um conjunto de pessoas que inclui quem fala. Nesse sentido, manifesta-se, pois, um discurso que delineia a noção de Raissa em ser parte integrante desse “povo”, isto é, clarifica a percepção desse sujeito quanto ao pertencimento à classe trabalhadora.

De mais a mais, lemos na perspectiva da comentadora a construção de uma argumentação pautada em uma relação de causa e consequência: caso o povo não volte a exercer seu trabalho, conseqüentemente, não terá condições de acesso às necessidades básicas como a alimentação, enquanto os patrões continuariam a lucrar (lido a partir de “*se não morremos de fome e os patrões continuam ganhando*”). Tal asserção reforça as contradições da estrutura econômica, social e política do Brasil, pondo em cena as desigualdades sociais e a privação de condições de sobrevivência da população menos abastada.

Semelhantemente a conjuntura supramencionada, lemos, no ponto de vista de Pedro, um discurso em que o sujeito se coloca - igualmente a Raissa e em polarização à Barbie - na condição de pertencimento à classe trabalhadora. Nessa construção (“a gente realmente precisa trabalhar”), não é “o povo” que precisa retornar ao trabalho, mas “a gente”, desse modo, incluindo-se nesse enquadramento social.

Mediante a visão de Pedro, é possível compreender que, embora haja um tom emotivo de concordância com o discurso manifestado no meme, essa anuência é colocada em contraste com uma força adversativa, lido a partir de “*mas trabalha com medo por nós e pela família*”. Nesse sentido, manifesta-se uma necessidade pautada em uma sensação de desproteção, de temor pela própria vida e pela integridade dos seus, pois é “*se arriscar morrer, ou morrer de fome*”. À guisa dessa circunstância, denota-se um dilema ao qual a população trabalhadora está exposta.

Face a esse panorama, vê-se, pois, que o trabalho é valorado de modo diferente: na voz que a Barbie Fascista representa – a da burguesia –, o trabalho está vinculado à manutenção do controle dos meios de produção e ao lucro obtido com o trabalho do proletariado, pois, como já mencionado anteriormente, nesse discurso é “o povo” que precisa trabalhar, não se colocando nessa condição.

Por outro lado, nos tons emotivos expressos pelas vozes de Raissa e Pedro o trabalho é valorado como questão de necessidade, de sobrevivência. Essa conjuntura revela que a mesma palavra nos lábios de sujeitos de classes diferentes reflete pontos de vista distintos (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]). À luz dessa percepção, é possível compreender que o valor do trabalho nos comentários demarca o lugar social de quem enuncia e quais pontos de vista o motivam, isso porque

[...] toda realidade e toda a existência do homem e da natureza não apenas refletem-se no signo, mas também refratam-se nele. Essa refração da existência no signo ideológico é determinada pelo cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma única coletividade sógnica, isto é, pela *luta de classes*. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 319, grifos do autor).

Sob a ótica dessa compreensão, tanto o comentário de Pedro como o de Raissa retratam avaliações, pontos de vista, tons que fazem reluzir o cenário dramático no país, ao escancarar a falta de condições de escolha, resultante da desigualdade social e da carência assistencial de uma política pública capaz de prover o sustento básico da classe trabalhadora em razão de um distanciamento social que permite a preservação de um direito garantido constitucionalmente a todo e qualquer cidadão: a vida.

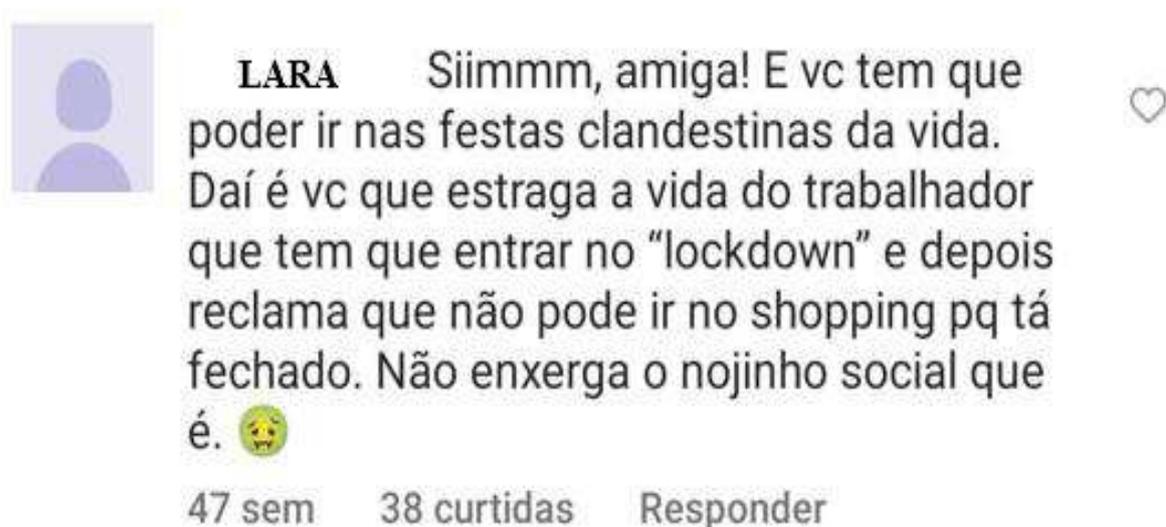
Lemos, portanto, nos discursos de Pedro e Raissa, pontos de vista que notabilizam a necessidade da volta ao trabalho, em razão de um cenário que condiciona o trabalhador a morrer de COVID-19 ou de fome, enquanto a burguesia continua a lucrar. Essa problemática é reflexo de um discurso “oficial” que valoriza a economia, o capitalismo, omitindo as condições de sobrevivência e a desigualdade social existente em nosso país.

Dentro dessa compreensão, torna-se claro que os comentários expressos comportam pontos de vista, abrigam formas de compreender enunciados, pois como assente Volóchinov (2018 [1929], p. 232): “[...] toda verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de resposta. [...] Toda compreensão é dialógica. [...] A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante.”

Diante desse panorama, compreendemos, pois, que os discursos em circulação nos comentários *on-line* aqui expressos congregam pontos de vista, projetos de dizer que se consolidam em razão de uma natureza verboideológica. Logo, abalizados pelo pertencimento a grupos socio-historicamente demarcados, os sujeitos se colocam enquanto participantes sociais, reverberando compreensões no e sobre o mundo.

É tendo em mente esse pressuposto que seguimos com a análise. Vejamos a Figura 22.

**Figura 22** - Comentário III sobre o meme “Contra o *lockdown*”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 05/12/2021

No cenário pandêmico, em paralelo ao isolamento social, instaurou-se a quebra dessa medida de segurança a partir de eventos clandestinos: restaurantes, bares, baladas, casas de festas superlotadas em meio à pandemia. Em vista dessa circunstância, lemos no comentário de Lara um ponto de vista que se instaura por meio de um tom emotivo-volitivo condenatório e de sarcasmo, tanto no que concerne à ruptura do *lockdown*, quanto ao que se refere às saídas clandestinas, fazendo remissão ao recurso visual do meme, o qual expressa a Barbie e sua amiga em um estabelecimento comercial, sem o uso de máscara, contrariando as medidas de isolamento social.

Nesse sentido, o que Lara estabelece como discussão em seu tom emotivo-volitivo ante a publicação do meme é:

1) a crítica ao negacionismo, ou seja, uma crítica a quem recusa a gravidade da doença a partir de discursos e comportamentos que desvalidam o isolamento social, lido a partir do tom condenatório dirigido a esses sujeitos;

2) condenação à falta de responsabilidade social, na medida em que os frequentadores de eventos clandestinos serão possíveis transmissores em potencial da doença, comprometendo a integridade das pessoas, inclusive dos próprios trabalhadores (lê-se, no comentário, a partir do enunciado “*é vc que estraga a vida do trabalhador que tem que entrar no ‘lockdown’.*”);

3) reprovação à superestima dos interesses da burguesia (lê-se, no comentário, no enunciado “*depois reclama que não pode ir no shopping pq tá fechado*”); e

4) manifestação de um tom-emotivo volitivo de ojeriza diante do seu objeto discursivo (“*não enxerga o nojinho social que é*”), acompanhado de um *emoji* que expressa náusea, assim, reforçando a tonalidade emotiva de enjoo, de repulsa.

Desse modo, o que lemos na Figura 22 é o “sabor” do valor, preceito tão difundido pelo Círculo de Bakhtin. Lemos, pois, o modo de percepção e de construção do ponto de vista de Lara: uma compreensão que abre espaço para a crítica, para a indignação, para a aversão. Essas marcas valorativas elucidam como, pelos comentários *on-line*, os sujeitos imersos nas redes sociais digitais podem ser protagonistas, inscrevendo suas subjetivações ideologicamente situadas, acentuando as suas perspectivas, os seus posicionamentos, com graus variados de aprovação ou discrepâncias face às palavras alheias.

Tal pressuposto recupera o princípio encontrado em Volóchinov (2018 [1929]) de que “[...] cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória.” Na esteira desse raciocínio, deparamo-nos, a partir do comentário da internauta Lara em resposta ao meme, com um espaço de luta entre as vozes sociais, determinados por meio das contradições transpassadas em uma sociedade fracionada por grupos sociais de interesses multiformes.

Sendo assim, compreendemos que as emoções, os juízos de valores convocam aos enunciados concretos um espaço de (as)simetrias, uma arena eminentemente interativa entre uma consciência individual e outra. Isso implica dizer que os pontos de vista podem ser contratuais ou polêmicos, podem aderir ou refutar o discurso alheio. Sob essa ótica, considerando essa discussão, entendemos que os comentários *on-line* podem ser lidos como espaços que se figuram tanto como contratuais, quanto como um ringue de lutas e disputas discursivas.

Por essa via de percepção, vemos no comentário uma instância propulsora de interação entre as forças sociais, habilitado a ecoar a compreensão de mundo dos sujeitos comentadores através da adesão ou não a essas forças em disputa. Sendo assim, lemos no comentário de Lara uma construção de um ponto de vista que se formula através de um enunciado que se entrecruza, que se rebela, que se põe em

contraste os valores sociais expressos no meme, em razão da noção de pertencimento às orientações sociais contraditórias e aos horizontes ideológicos antagônicos.

Dessa forma, diante do que foi exposto até então, defendemos que o gênero discursivo comentário *on-line* promove o engajamento dos sujeitos imersos nas redes sociais digitais, oportunizando trocas que facultam a demarcação de pontos de vista socioideologicamente localizados, demarcado por tons emotivo-volitivos, uma vez que essas materialidades abrigam discursos que fazem circular axiologias, exprimindo acentos de valores e reforçando a dinâmica verboideológica da linguagem.

Em face do exposto, seguimos com a nossa análise. Para tanto, chamamos a Figura 23.

**Figura 23** - Meme “Medidas contra o coronavírus”

"é curioso que, para definir as medidas contra o coronavírus, só se ouça a opinião de médicos infectologistas"



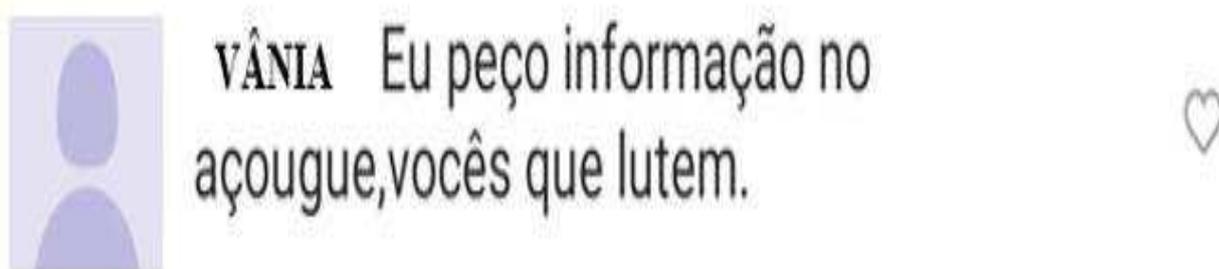
Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 05/12/2021

O meme da Figura 23 foi contextualizado na categoria 1 (cf. página 79). Naquele momento, construímos considerações acerca do surgimento desse meme,

bem como sobre o acontecimento discursivo nele convocado. Por isso, nesse instante, não realizaremos a contextualização dessa materialidade para que não tornemos a leitura repetitiva.

Dito isto, reportemo-nos ao comentário da internauta Vânia, alocado na publicação supradita, no intuito de analisarmos essa réplica à luz da nossa categoria 2. Vejamos:

**Figura 24** - Comentário I sobre o meme “Medidas contra o coronavírus”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 20/12/2021

Como resposta à publicação do meme expresso na Figura 23, convocamos o ponto de vista de Vânia, o qual filia-se à axiologia adversa à do presidente, ao estabelecer a construção de um ponto de vista que abriga um tom emotivo-volitivo satírico diante do posicionamento de Bolsonaro e de seus apoiadores.

Em contraste com o enunciado verbal do meme, o qual, como já discutimos, reverbera as vozes dos sujeitos que afrontam, contrariam, negam o conhecimento científico, Vânia emite uma perspectiva antagônica a essa valoração. Isso se explica, pois, a autora institui um comentário que abaliza um confronto ante a percepção de que “[...] *para definir as medidas contra o coronavírus só se ouça a opinião de médicos infectologistas.*”. Conflito esse promovido a partir de uma resposta inusitada (“*eu peço informação no açougue*”) que satiriza a opinião expressa no meme.

O tom emotivo satírico se situa justamente no fato de que o ponto de vista de Vânia em se opor aos discursos que desvalidam o conhecimento médico/científico é erigido em uma construção irônica sobre buscar orientações relativas à saúde em um lugar nada convencional: em um açougue.

O termo açougue está estritamente vinculado à ideia de matadouro, assassinato, massacre. Logo, a escolha de Vânia em satirizar, debochar do discurso

do meme, com o argumento de que busca orientações sobre as medidas protetivas contra a COVID-19 em um local não como um shopping, uma escola, um estádio (por exemplo) e, sim, em um açougue, conduz-nos às seguintes leituras:

- 1) Os profissionais da saúde são os mais habilitados para apresentarem soluções contra a doença;
- 2) os sujeitos que relegam as recomendações médicas, logo, o consenso científico, e acatam os devaneios do presidente e de seus apoiadores estão fadados ao abate, à morte; e
- 3) conduzir a população a contrariar as medidas de proteção e tratamento da doença é conduzi-la ao massacre, à carnificina. Nesse sentido, deriva-se, pois, a razão pela qual o atual governo é valorado como genocida.

Na esteira dessa percepção, é possível compreender que o sujeito se revela pela linguagem. Isso porque, como nos mostra Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 47), “[...] a relação valorativa do falante com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.”

Assim, a escolha lexical que integra o ponto de vista de Vânia não é neutra, tampouco aleatória. Ao contrário: ela evidencia manifestações pautadas em determinadas intenções comunicativas. Sob essa ótica, entendemos, pois, que os discursos se organizam mediante propósitos e finalidades definidas, assim, acabando por denotar as intenções de um discurso. Feitas tais considerações, daremos prosseguimento apresentando o dado a seguir.

**Figura 25** - Meme “Em busca da vacina Janssen”

Gente, pelo amor de Deus socorroh  
Alguém sabe onde tá tendo vacinação  
DA JANSSEN? Preciso tomar dessa  
urgente pois preciso participar do  
navio do safadão HELP!

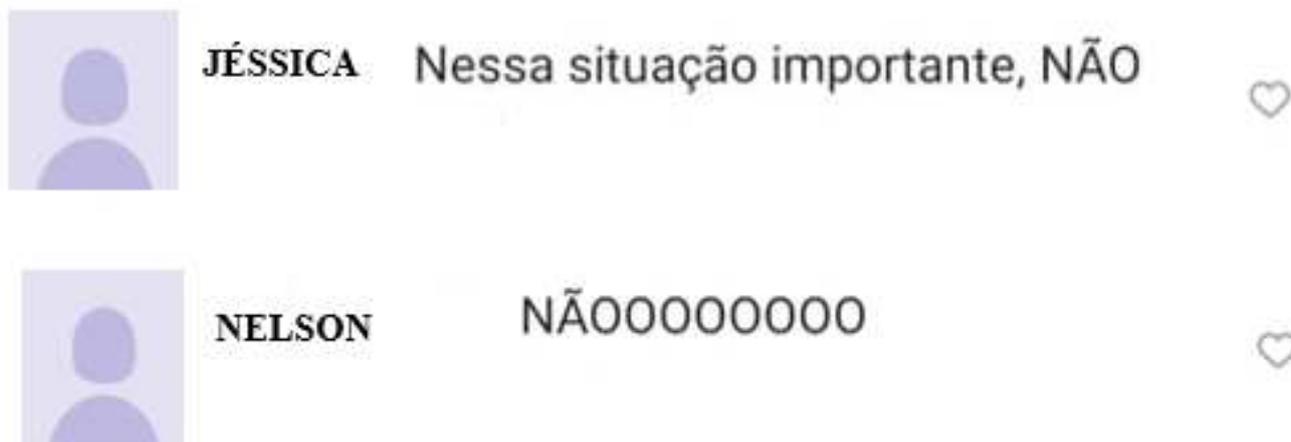


Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>>. Acesso em: 20/06/2022

O meme foi publicado em 27/10/2021, dia em que uma blogueira de Santa Catarina viralizou na internet ao publicar um vídeo em seu Instagram implorando ajuda “urgente” aos seus seguidores para encontrar a vacina de dose única, a Janssen, sob a justificativa de que não havia tomado nenhum imunizante contra a COVID-19 e estaria prestes a ir a um show em um cruzeiro que exigia de seu público o comprovante de vacinação ou também chamado de passaporte vacinal.

Logo, a atitude facultada pela digital influencer causou polêmica, tendo em vista o desprezo dado à vacina e pelo motivo pífio que a impulsionou ir em busca do imunizante. Um outro agravante que gerou controvérsia no discurso protagonizado pela blogueira foi a denominação dada a necessidade de se ter e de se exigir o comprovante de vacinação. Para ela, isso nada mais era que um “mimimi”. Portanto, a partir desse acontecimento enunciativo brevemente situado, surge o meme expresso na Figura 25. Dito isto, passemos para a Figura 26.

**Figura 26** - Comentários I e II sobre o meme “Em busca da vacina Janssen”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 20/06/2022

Os comentários acima abalizam enunciados-respostas à solicitação de ajuda requerida pela blogueira no que concerne à informação de locais em que estão aplicando a vacina Janssen. Lemos, tanto em Jéssica, quanto em Nelson, um tom emotivo-volitivo de oposição, de recusa, de negação ao pedido.

Na resposta de Jéssica, a negativa se constrói na contradição dada no linguístico/no posto face às reais intenções do falante. Isso porque ao remeter a motivação que levou a digital influencer a se render ao uso do imunizante, a internauta afirma “Nessa situação *importante*”, o que, se fôssemos ler, no âmbito do sentido literal da língua, imprimiria uma condição honrosa para a causa geradora da busca pela vacina, posto que o vocábulo “*importante*” alude a algo significativo, relevante, considerável. No entanto, em relação a postagem, logo após, vemos ainda na resposta de Jéssica uma quebra de expectativa com o emprego do advérbio de negação (Nessa situação importante, *NÃO*).

Dada tal circunstância, culmina-se um comentário cuja construção valida um juízo de valor destoante frente ao que a palavra “importante” enquanto unidade dicionarizada veicula, na medida em que o que a comentarista Jéssica intenciona dizer é justamente o contrário: ela ironiza, julga, aprecia, valora a situação de receber o imunizante apenas em virtude de um show como algo fútil, desprezível, frívolo, reforçando sua posição na negativa dada. Dessa maneira, acrescentando um tom emotivo-volitivo irônico, de deboche, de criticidade. Essa compreensão é possível, pois “[...] não estamos diante de uma palavra isolada como unidade da

língua nem do *significado* de tal palavra, mas de um enunciado acabado e com um *sentido concreto*.” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], grifos do autor).

Tal princípio recupera um exemplo encontrado em Bakhtin (2016, [1952-1953], p. 48) o qual coaduna com a perspectiva levantada em nossa análise, a saber:

Dependendo do contexto do enunciado, a oração “Ele morreu” pode traduzir também uma expressão positiva, de alegria e até de júbilo. E a oração “Que alegria!”, no contexto de certo enunciado, pode assumir tom irônico ou amargamente sarcástico.

Nesse sentido, percebe-se que o dizer da internauta Jéssica assume um valor específico face às condições contextuais, é um dizer *amargamente sarcástico* que ironiza, que zomba, que ridiculariza a posição negacionista da digital influencer. Essa leitura só é possível porque estamos ancorados no domínio do enunciado concreto. Nele e somente nele que a entonação expressiva e a tonalidade emotivo-volitiva garantem sua vivacidade, pois, como assegura Bakhtin (2016 [1952-1953]), o colorido expressivo só se obtém no enunciado.

Com efeito, torna-se oportuno certificar que é no uso social e contextualizado da linguagem que as palavras se revestem de juízo de valores, manifestando intencionalidades situadas e desvelando os tons e as emoções presentes no discurso, tal como destacado no comentário da internauta Jéssica.

Um outro aspecto relevante a ser considerado na réplica é a passagem do uso de letras minúsculas para as letras garrafais no momento em que a comentarista Jéssica enuncia o advérbio de negação. Essa transição contrastiva acarreta uma entonação de exaltação, intensificando e dando ênfase a sua oposição, desse modo, reforçando a desaprovação face ao posicionamento da digital influencer

Corroborando essa compreensão, em seu comentário Nelson constrói um enunciado que também se opõe à postura da blogueira, marcando o seu dizer com uma entonação que, de igual modo, demarca com veemência a sua negativa, ao entoá-la como uma espécie de um brado: não é um simples “não”, é um “NÃOOOOOOOO”. Essa compreensão se estabelece no emprego das letras em caixa alta e do prolongamento fônico realizado mediante repetição sucessiva da vogal “o”.

Percebamos que a forma pela qual o comentarista Nelson constrói seu enunciado muito se assemelha a um grito estridente ecoado no discurso oralizado, nesse sentido, culminando em uma entonação valorativa de espanto, de frenesi, de ira, ao passo em que o comentarista vocifera seu desacordo. Essa compreensão comunga diretamente com a defesa de Bakhtin (2016 [1952-1953]) de que a entonação expressiva soa nitidamente na execução oral e é um dos meios que expressa a relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala. Assim sendo, podemos depreender que a entonação no comentário do internauta Nelson desnuda a sua relação emotivo-volitiva, a qual instaura um confronto incisivo perante a posição axiológica da blogueira — embate esse resultante de um posicionamento singular do sujeito Nelson no existir-evento.

Na esteira dessa discussão torna-se evidente que, no espaço dos comentários *on-line*, os sujeitos discursivos se valem de recursos disponíveis em rede, como é o caso da conversão entre letras minúsculas e maiúsculas como marca de realce e da repetição encarrilhada de fonemas, desencadeando o demarcar da tonalidade emotivo-volitiva dos sujeitos enunciativos face ao objeto de sua fala. Como vimos nos comentários de Jéssica e Nelson, essas estratégias discursivas condicionam um grau robusto de expressividade, enfatizando os efeitos de sentidos pretendidos pelos comentaristas. Por esse percurso de entendimento, torna-se oportuno constatar que as palavras enquanto atitude avaliativo-responsiva não são só proferidas, mas, emocionalmente, sentidas, ditas e valoradas por aqueles que as enunciam.

Realizadas tais ponderações, seguimos nossas reflexões convocando o comentário a seguir:

**Figura 27** – Comentário III sobre o meme “Em busca da vacina Janssen”



Fonte: <<https://www.instagram.com/barbiefascis/>> Acesso em: 20/06/2022

O comentário exposto corresponde a uma réplica ao enunciado do meme apresentado na Figura 25. Como foi explícito na contextualização empreendida, a blogueira aludida nessa materialidade desprezou a vacina, não recebendo o imunizante. Após ter o conhecimento de que para adentrar nas dependências de um cruzeiro, no qual ela intencionava viajar, seria necessária a apresentação da carteira de vacina comprovando a imunização, a digital influencer valorou tal obrigatoriedade protetiva como um “mimimi”.

Tendo em vista esse cenário discursivo, Bianca constrói seu ponto de vista consolidando o seu lugar, o seu posicionamento na cadeia comunicativa. Na réplica denotada, a referida internauta enuncia: “ela não mentiu é mimimi mesmo [...]”. Um ponto a ser evidenciado nesse recorte é a clara concordância face à postura adotada pela blogueira. Mediante a essa conformidade, a comentarista aprecia, julga, valora o discurso da digital influencer como uma realidade, ao concebê-lo como algo verossímil, isento de inverdades. Tal adesão é ratificada quando a internauta projeta em seu enunciado “é mimimi mesmo”, articulando a partícula de reforço “mesmo”, desse modo, exprimindo e intensificando a paridade entre o seu ponto de vista e aquele a partir do qual ela constrói.

A expressão “mimimi” funciona como uma onomatopeia, uma produção de sons que imitam uma ladainha, uma lamúria, remetendo à reclamação considerada exagerada. Nesse sentido, ao demarcá-la na construção de sua perspectiva, a internauta não promove uma mera reprodução daquele dito, no intuito de apenas reforçar a sua concordância diante do posicionamento axiológico da blogueira, mas, para além disso, denuncia o seu olhar individual, subjetivo, pessoal, face ao acontecimento discursivo convocado, pois, conforme alega Sobral (2009, p. 56), embebido da teoria bakhtiniana, o sujeito “não age sozinho, mas não deixa de ser ele mesmo, nas várias ‘posições-sujeitos”.

Diante dessa perspectiva, ao apreciar os cuidados protetivos contra o coronavírus como “mimimi”, a internauta Bianca promove efeitos de sentidos que fazem exalar uma valoração que deprecia e desqualifica as vacinas, o isolamento social, o uso de máscaras, em suma, exprime uma valoração que renega, repudia e contesta uma realidade cientificamente comprovada. Assim sendo, ocorre a manifestação de um ponto de vista demarcado por tons anticientíficos e negacionistas, revelado a partir de um lugar alicerçado por posicionamentos que coadunam com o de Jair Bolsonaro, de Silas Malafaia (como explanado em análise

anterior), da digital influencer e de todo um conjunto de sujeitos que hostilizam a ciência e a pandemia. Dessa maneira, a internauta acaba por sinalizar os seus valores, as suas axiologias e a sua posição ideológica.

Um aspecto importante a ser evidenciado no comentário da internauta Bianca é o modo como ela se dirige a quem pensa o contrário: “seus otários!!!!”. A autora faz uso de um vocabulário sem polidez, rude, grosseiro, usando-o intencionalmente para afrontar e ofender àqueles que não possuem o mesmo horizonte ideológico/valorativo que ela. Nesse sentido, compreendemos que o propósito da comentarista não é promover um acordo, tampouco buscar um convencimento dos leitores, mas defender bruscamente as axiologias de seu grupo social.

O entendimento supradito é reforçado quando verificamos que, na construção de seu ponto de vista, a comentarista não pretendeu e não se preocupou em defender o porquê o enunciado da blogueira é verossímil, o porquê os cuidados preventivos contra o coronavírus são exageros (“mimimi”). Ainda que por meio de argumentos possivelmente inconsistentes diante de uma realidade inquestionável, que é a pandemia que ainda hoje assola o Brasil e o mundo, vê-se que não houve, sequer, uma tentativa de argumentação, de negociação com os seus interlocutores.

Decerto, as polarizações fazem parte da linguagem. Ela é, por natureza, um lugar de embate entre vozes sociais, entre posicionamentos ideológicos, como bem explicita o Círculo de Bakhtin e como buscamos elucidar ao longo desse trabalho, sobretudo, mediante a nossa primeira categoria. No entanto, no espaço dos comentários *on-line*, o princípio da alteridade nem sempre é respeitado, dando margem para a instituição da violência verbal que, como fez a comentarista Bianca, se efetiva a partir de ataques, insultos, grosseria, violando o respeito e a ética.

Face a esse contexto, compreendemos que a construção do ponto de vista estabelecida no enunciado da internauta Bianca demarca um tom emotivo-volitivo de agressividade, de fúria diante dos que possuem axiologias antagônicas, lido, como exposto, a partir da atribuição pejorativa a esses sujeitos (otários), como também da sucessão de sinais de exclamação acompanhada de um emoji raivoso. Portanto, compreendemos que tais recursos operam em contribuir para a demarcação da entonação expressiva da comentarista, ao enfatizar os sentidos pretendidos, acentuando o seu tom agressivo, logo, as suas emoções.

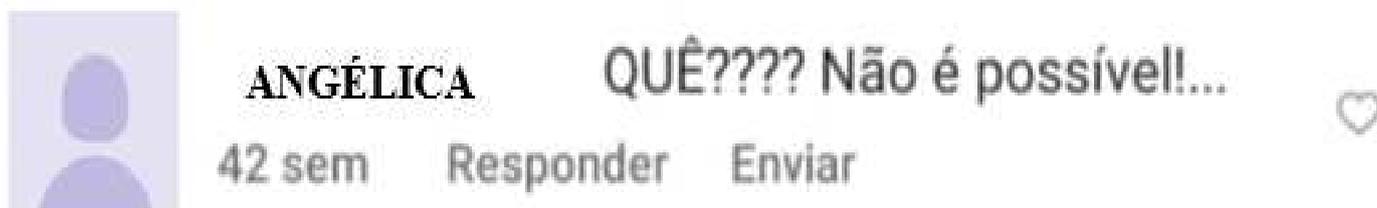
Mediante as considerações aqui eleitas, compreendemos que o discurso da internauta se aparta da nulidade de valores, isso porque ele revela as avaliações, as

apreciações, os pontos de vista desse sujeito pertencente a um grupo social específico, diante de eventos discursivos manifestados em interações discursivas que estabelecem em rede, no caso da materialidade analisada, mais especificamente, no que se refere à necessidade de cuidados preventivos no cenário da pandemia da COVID-19.

Essa realidade coaduna com a alegação de Bakhtin (2015 [1930-1936]) quando assegura que as atividades de linguagem são determinadas por tonalidades axiológicas e “[...] tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio.” (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p. 66). Tal pressuposto só reforça o que estamos defendendo, até então, que, ante às vivências axiológicas expressas em comentários *on-line* são externalizadas as tomadas de posições dos sujeitos discursivos, revelando, dessa forma, as inclinações político-sociais e, conseqüentemente, as filiações ideológicas desses sujeitos, tal como foi denotado no comentário da internauta Bianca.

Promovidas tais compreensões, passemos à leitura da Figura 28.

**Figura 28** - Comentário IV sobre o meme “Em busca da vacina Janssen”



Fonte: <https://www.instagram.com/barbiefascis/>. Acesso em: 20/06/2022

A réplica da internauta Angélica, assim como as dos comentaristas Jéssica, Nelson e Bianca anteriormente expostas, corresponde a um enunciado-resposta ao meme manifesto na Figura 25. Nesse sentido, dado o acontecimento discursivo que povoa aquela materialidade difundida na @barbiefascista\_, ou seja, face ao posicionamento da digital influencer de Santa Catarina no evento pandêmico, eis que surge a resposta expressa.

No comentário de Angélica, é possível observar um “QUÊ????”. Essa construção coaduna com o que havíamos explorado na análise dos comentários dos internautas Jéssica e Nelson sobre o uso das letras garrafais. Nessa réplica, a

comentarista usa o recurso das letras em caixa alta, promovendo efeitos de sentidos que recuperam, evidenciam e reforçam a sua entonação expressiva de inquietude, de exaltação perante o desdém dado pela blogueira à COVID-19 e a tentativa desesperada desse sujeito em obter a vacina de dose única, não pela conscientização de sua importância no combate à doença, mas por uma situação forçosa: a de não ser impedida de frequentar um cruzeiro.

No tocante à constituição do comentário, no nível textual, percebemos que para contribuir na demarcação de sua entonação expressiva, a internauta se vale da repetição sucessiva de sinais de interrogação. Essa conjuntura convoca a atenção do leitor, enfatizando e destacando a sua relação valorativa face a situação a partir da qual ela se coloca a ponderar e a construir o seu ponto de vista.

À guisa dos entendimentos antepostos, ao enunciar “QUÊ???? não é possível!...”, a internauta se apresenta exaltada, incrédula, atônita, pasma, diante da omissão da blogueira no que concerne à importância das vacinas, como também perante o motivo torpe que a fez procurar receber o imunizante, valorando negativamente esse posicionamento. Desse modo, suscitando um tom emotivo-volitivo de perplexidade, mas, sobretudo, de desaprovação face a axiologia negacionista incorporada pela blogueira.

Percebamos que, linguisticamente, esse comentário se estabelece apenas como uma indagação. Todavia, do ponto de vista discursivo, no envolvimento do contexto, o enunciado de Angélica não é uma dúvida. Longe disso. Ele, na verdade, está embebido de certezas, de convicções, de axiologias, de valorações, de tons emotivo-volitivos bem definidos.

Sendo assim, com a construção desse enunciado, a internauta não busca obter uma resposta, uma vez que ele se estabelece tal como uma pergunta retórica, a qual, conforme Cunha (2013, p. 371), “[...] funciona como afirmação da formulação interrogativa.” Dessa maneira, o que a internauta promove em seu comentário não são incertezas, questionamentos, mas a afirmativa de sua indignação, da sua depreciação, do seu estarecimento e de tantas outras apreciações de contraposição ao posicionamento da digital influencer, revelando e demarcando o seu ponto de vista.

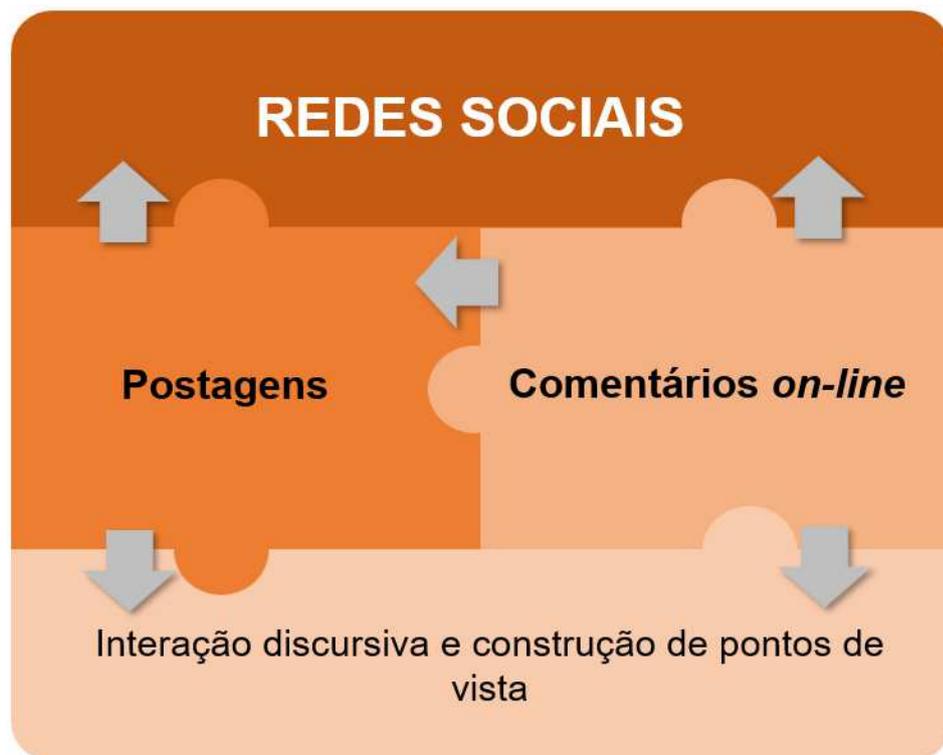
Frente a esse contexto, ao entendermos que os pontos de vista, os valores, são sempre determinados sócio-historicamente (MIOTELLO, 2020), isto é, ao considerarmos que a construção de pontos de vista vai ao encontro do

posicionamento ideológico de que o sujeito se ocupa, compreendemos no comentário da internauta Angélica o explicar de uma contraposição ao posicionamento da digital influencer.

Na esteira dessa discussão, diante do exposto, compreendemos os comentários *on-line* enquanto práticas responsivas ativas, capazes de abarcarem pontos de vista pautados em diferentes formas de compreender, valorar e expressar emocionalmente os mais diferentes eventos discursivos, como é o caso da pandemia da COVID-19. Por essa via de compreensão, depreendemos, portanto, que os comentários se exprimem enquanto enunciados valorativos por natureza, por essência.

Providos desse entendimento, tendo em vista o que foi exposto nas discussões aqui empreendidas, convocamos a figura a seguir:

**Figura 29** - Comentários *on-line* no contexto das redes sociais digitais



Fonte: Elaborado pela autora

A imagem retratada acima registra nosso entendimento acerca das discussões acarretadas com a edificação desta categoria de análise. Compreendemos que as redes sociais digitais sucedem, em comentários *on-line*, a

circulação de pontos de vista, de tons emotivo-volitivos acerca de conteúdos valorados em postagens massificadas, difundidas e apreciados em rede – em nosso caso, de memes que discursam sobre a pandemia da COVID-19.

Por essa perspectiva, vemos as redes sociais digitais enquanto âmbito de interações discursivas, capazes de abrigarem o convite à participação social, como por meio da inscrição de comentários *on-line*. Eles - os comentários que estão contidos nesta análise - representam, significativamente, o olhar para o diverso, para a socialização de opiniões, de respostas a enunciados concretos em postagens.

Dessa maneira, vemos que em redes sociais acontece um entrosamento a partir de postagens valorativas que impelem, suscitam, motivam enunciados-respostas que culminam em expressões emotivas/subjetivas de cada sujeito comentarista imerso nesse espaço. Sendo assim, como aclarado na Figura 29, a dinâmica colaborativa no espaço digital é, inevitavelmente, atravessada por modos de avaliação e de construção de perspectivas pautadas em horizontes ideológicos, revelando os tons emotivo-volitivos dos sujeitos discursivos. Isso implica no vislumbrar de circulações de vozes que ponderam, aderem, discordam dos discursos circunscritos nessa esfera de comunicação.

Assim, torna-se oportuno acentuarmos que os comentários *on-line* analisados não só nessa categoria analítica, mas também em “*As relações dialógicas estabelecidas em comentários on-line*”, se pautaram em formas plurais de construção e compreensão acerca de acontecimentos enunciativos manifestados em memes, através de escolhas não aleatórias que certificaram aos projetos enunciativos dos comentaristas efeitos de sentidos pretendidos, intencionais. Portanto, torna-se evidente que os enunciados dos comentários aqui examinados conferiram posicionamentos, pontos de vista que marcaram e demarcaram as posições dos sujeitos, revelando, assim, suas filiações ideológicas.

Com isso, diante da conjuntura aqui delineada defendemos o gênero discursivo comentário *on-line* enquanto um espaço de audiência participativa/ativa proporcionada pelos modos de atuação social em redes, passíveis de apreender o exercício responsivo da vida verboideológica em contextos historicamente situados de comunicação discursiva.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi erguido tendo como referência as contribuições teórico-metodológicas da TDL. Portanto, tendo como premissa o método sociológico da linguagem, mobilizamos alguns conceitos que serviram de respaldo no decorrer do processo dessa investigação, tais como: *enunciado concreto*, *relações dialógicas*, *axiologia*, *gêneros do discurso*, *interação discursiva*. Tais postulados teóricos se inseriram enquanto princípios fundantes para arquitetar a compreensão de práticas de linguagens pautadas em horizontes sociais, dialógicos e valorativos.

Na esteira desse percurso, volvemos o olhar para uma esfera específica: a das redes sociais digitais. Consequentemente, também engendramos oportunas discussões sobre *as redes sociais digitais enquanto espaços de interação discursiva*, atendo-nos a um debate sobre o gênero discursivo meme – materialidade contextualizada para a compreensão de nosso foco – e o gênero comentário *on-line*, objeto empírico de nossa pesquisa.

Com base nisso, ancorados na teoria supradita, verificamos, nesta pesquisa, que o comentário *on-line* compreendido enquanto um gênero discursivo erigido de enunciados concretos, reais e ideológicos, configura-se como um espaço valioso para a construção e para a leitura de pontos de vista circulados em redes sociais digitais acerca dos mais diferentes acontecimentos discursivos que permeiam a sociedade, uma vez que ele está intrinsecamente emaranhado no contexto social contemporâneo, portanto, acompanhando as demandas em fluxo. Dentre tantos acontecimentos difusos em rede, neste trabalho nos voltamos a um específico: o evento pandêmico oriundo da COVID-19.

Por conseguinte, buscou-se com esta investigação responder a questão-problema que consistia em compreender quais pontos de vista são convocados em interações discursivas estabelecidas em enunciados concretos de comentários *on-line* sobre a pandemia da COVID-19 em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_. A partir da análise dos comentários dispostos na página em questão, depreendemos que a essência dos resultados da pesquisa mostrou-nos que a articulação das relações dialógicas e dos tons emotivo-volitivos manifestos nesses enunciados concretos autorizaram o demarcar de posicionamentos axiologicamente situados acerca dos desdobramentos do evento pandêmico, culminando em projetos de dizeres que convocaram pontos de vista distintos

(depreciação, negação, validação, concordância etc.), os quais encontram-se intrinsecamente alinhados às filiações ideológicas dos sujeitos discursivos.

Face à alegação supradita, reconhecemos que a resposta alcançada foi permitida a partir dos objetivos eleitos nesta pesquisa. O geral: compreender as construções de pontos de vista nas interações discursivas em circulação na página do Instagram @barbiefascista\_ no tocante às postagens de comentários *on-line* que tematizam a pandemia da COVID-19. E específicos: (1) investigar relações dialógicas e tons emotivo-volitivos em comentários *on-line* inseridos na conta da rede social em estudo; e (2) analisar os comentários *on-line* como enunciados-respostas no âmbito das interações em rede estabelecidas na página do Instagram @barbiefascista\_. Nesse contexto, certificamos que as nossas categorias analíticas “*as relações dialógicas estabelecidas em comentários on-line*” e “*os tons emotivo-volitivos convocados em comentários on-line*” convergiram aos objetivos propostos, levando a cumpri-los.

As discussões analíticas da primeira categoria mostraram, através da circulação discursiva de comentários *on-line*, as distintas relações dialógicas estabelecidas entre o sujeito internauta e a palavra alheia na elaboração de pontos de vistas sobre as implicações da pandemia da COVID-19 convocados em interações discursivas dadas em rede social digital. Vimos, portanto, construções que retomavam o discurso do outro em um jogo de avaliações, reelaborações e acentuações com graus vários de aprovação ou desacordo. Nesse sentido, os comentários analisados se apresentaram como uma arena de embate entre vozes dialógicas-axiológicas na promoção de pontos de vistas ideologicamente situados.

Com as análises dos dados apresentados na segunda categoria, compreendemos a mobilização de tons emotivo-volitivos como artifício argumentativo para construção de pontos de vista. Assim, inserindo-se como um ser sem álibi, os sujeitos articularam comentários que deixaram “rastros” de suas reações ativo-responsivas aos discursos manifestos nos memes sobre a pandemia, autorizando-nos a ler e compreender discursivamente as entonações expressivas, as valorações, os tons emotivo-volitivos demarcados, os quais expressaram ironia, deboche, concordância, condenação etc. Dessa forma, ratificando que é no emprego vivo da palavra que a emoção e o juízo de valor garantem vivacidade e que as escolhas lexicais, por si só e por natureza, são apreciações valorativas que, como

tal, indicam a relação emotiva do falante frente ao seu objeto de discurso (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]).

Circunscrita tal conjuntura, justificamos a relevância deste trabalho a partir de dois panoramas: um no que concerne ao âmbito acadêmico-científico, outro no que se refere ao nível da formação pessoal, logo, correspondendo ao subjetivo, ao singular. Sobre o primeiro, ressaltamos a pertinência desta pesquisa para os estudos da linguagem, mais estritamente para aqueles fundamentados em uma perspectiva discursiva. Acreditamos que essa investigação lança luz para o entendimento das redes sociais digitais enquanto espaço de interações discursivas e circulação de pontos de vista, abrindo margem para se realizar leituras críticas sobre esse espaço, especialmente, de comentários *on-line*, como feito em nosso caso.

Sob esse ângulo, compreendemos que este estudo provoca a percepção de que os comentários *on-line* enquanto enunciados concretos que se constroem dialogicamente no contexto social e histórico, na conjuntura da pandemia do COVID-19, não são enunciados desvinculados de uma vida verboideológica, mas sim a expressão de axiologias, de tomadas de posicionamentos, de pontos de vista. Sendo assim, acreditamos que esta pesquisa se encontra em consonância com a área de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da UFCG, especificamente à Linha 4 (Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem), por amparar-se na representação de sentidos dados pelos discursos em um contexto socialmente localizado.

Relativo ao plano do subjetivo, destacamos a importância desse estudo para a amplificação e consolidação do nosso olhar - enquanto estudiosa/pesquisadora - face à TDL, a qual nos condiciona compreensões responsivo-ativas dos discursos que circulam no campo das redes sociais digitais e, mais amplamente, na esfera social como um todo. Esse entendimento de uma visão intensificada e expandida se estabelece no eixo que liga o lugar de onde partimos, de onde aqui chegamos e de onde, futuramente, intencionamos chegar.

Outrora, no espaço da graduação, nossa pesquisa se situou no domínio das valorações veiculadas a partir de enunciados concretos de memes (BARBOSA, 2020). Nesse instante, ampliamos esse prisma ao passo em que focalizamos em um ângulo cujo sustentáculo foi a construção dos pontos de vista em comentários *on-line* que respondem a enunciados de memes, assim, ampliando nosso horizonte ao clarificar o funcionamento das interações discursivas dadas em redes sociais

digitais, pondo em evidência um espaço de audiência participativa e compreendendo a dinâmica responsiva da vida verboideológica.

Nesse cenário, as respostas que nos foram ofertadas na trajetória da graduação à pós-graduação, principalmente, a partir do lugar que hoje encontramos alicerçados, solidificaram a compreensão de linguagem enquanto prática social que abre margem para a interação em contextos cada vez mais amplos, acusando a inseparabilidade da linguagem, dos sujeitos, do social, do cotidiano e das mais diferentes esferas de comunicação. Convictos de tal assertiva, esta dissertação suscita a abertura de novas possibilidades em um futuro breve, motivada pelo desejo de, percorrendo nessa mesma linha teórica, trafegar de uma perspectiva de enunciados de uma linguagem do cotidiano, não ficcional, como foi feito até então, para adentrar em uma pesquisa voltada para o campo artístico/ficcional, o qual, claro, não descarta a sintonia com a realidade cotidiana.

Por fim, feitas tais declarações, para efeitos de arremate, gostaríamos de finalizar este trabalho destacando que as nossas respostas só foram atendidas e os nossos resultados alcançados em virtude do arcabouço teórico-metodológico eleito nesta investigação, o qual nos viabilizou enxergar os nossos dados para além do posto, da materialização, com isso, impulsionando um olhar para o contexto extraverbal, em outros termos, para as relações dialógicas e tons emotivos que atravessam os enunciados. Desse modo, diante das considerações aqui presentes, esperamos que esta pesquisa forneça contribuições para os estudos dialógico-discursivos da linguagem e incite novas investigações sob esse olhar, para, assim, promover o diálogo, a aderência, a expansão de uma teoria que se insere tão cara para a ciência, mas, sobretudo, para a vida.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Cadernos da Escola de Comunicação, n.6, p.1-12. 2008.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

APARÍCIO, Ana Silvia Moço. Análise linguística na sala de aula: modos de construir um percurso de investigação. In: GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L. S. (orgs.). **Visibilizar a Linguística Aplicada: abordagens teóricas e metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 81-110.

ARAÚJO, Patrícia Silva Rosas de. **Análise Dialógica de réplicas no gênero comentário on-line: a compreensão responsiva ativa sobre o segundo casamento cristão-católico**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Estética da Criação Verbal**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010 [1979].

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Para uma filosofia do ato resonsável**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1986].

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015 [1930-1936].

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas de edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Org., tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2017 [1974].

BARBOSA, Jeniffer Oliveira. **A valoração em memes: um estudo dialógico-discursivo sobre sujeitos acima do peso**. Orientador: Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale. 2020. Monografia (Graduação em Letras - Português) - Universidade Estadual da Paraíba, 2020.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, Revista e Ampliada. Tradução para o Português direto dos originais. São Paulo: Paulus Editora, 2002

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2004.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRUST, Viviane. De língua e de línguas: slogans políticos e ideologias de governo. **Revista Escrita**, PUC-Rio, n.19, 2014.

BERTUCCI, Roberlei Alves; NUNES, Paula Ávila. Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário. **Domínios de Linguagem**, [S.l.], v. 11, n.2, p. 313-338, 2017. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36921>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa quantitativa. São Paulo: Parábola. 2008.

CNBB. **Catecismo da Igreja Católica**: Edição Típica Vaticana, São Paulo: Loyola, 1998.

CUNHA, Dóris de Arruda da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. In: **Bakhtiniana**, Revista de estudos do discurso, 5, 2011, p. 116-132.

CUNHA, Dóris de Arruda da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na Web. **Revista Investigações**, Recife, v. 25, n. 2, p.21-41, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/338/283>. Acesso em: 09 out. 2021.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p1>. Acesso em: 11 fev. 2021.

DARWIN, Charles. **Origem das espécies**. Lisboa: Lello, 2009.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DE PAULA, Cátia F. Sanfelice. O Conceito de Cultura em Tery Eagleton e George Simmel. **Rev. Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 26, n. 3, p. 487-497, jul./set. 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4641>. Acesso em: 10 set. 2021.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: a ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, Marcos Ramon Gomes. **Cultura, complexidade e colaboração online: uma visão da comunicação**. 2014.252 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCELINO, Pedro Farias. **A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

FREITAS, Maria Teresa. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

FREITAS, Henrique; JANISSEK-MUNIZ, Raquel; BAULAC Y., MOSCAROLA, Jean. **Uso da Internet no processo de pesquisa e análise de dados**. Associação Nacional de Empresas de Pesquisa. São Paulo. 2004.

FUTUYMA, Douglas. **Evolução, ciências e sociedade**. In: 48º Congresso Nacional de Genética. São Paulo: 2002.

GUERRA, Christiane; BOTTA, Mariana Giacomini. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital. **Domínios de Linguagem**, v. 12, n. 3, p. 1859-1877, 21 set. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/40639/24002/>. Acesso em: 09 out. 2021.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica on-line. Trad: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LARA, Glaucia Muniz Proença. Mídia, gêneros do discurso e transgressão. **Caligrama**, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LÉVY, Pierre. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. In: LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MACHADO, Irene. Ideologia. In: BRAIT, Beht. (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2020. p.151-166.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2013.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 115-131.

MARQUES, Ronualdo; RAIMUNDO, Jerry Adriano. O negacionismo científico refletido na pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67–78, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5148526. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/410>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MARTINO, Luís Mário. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. São Paulo: Vozes, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá; GROHMANN, Rafael. A longa duração dos memes no ambiente digital: um estudo a partir de quatro geradores de imagens online. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 19, n. 1, p. 94 a 101, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.191.09>. Acesso em: 09 out. 2021.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**, gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. Ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MELO, Raniere Marques. **A valoração em memes: um estudo dialógico no campo da comunicação do discurso religioso**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beht. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020. p.167-176.

MOZDZENSKI, Leonardo. A minha voz alheia: algumas reflexões basilares sobre as ideias do Círculo de Bakhtin. **Entreletras**, Tocantins, v. 1, n. 1, p.54-71, jun. 2010. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/1069>. Acesso em: 02 fev. 2022.

OLIVEIRA, Maria Angélica de; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. A Cinderela mudou de ideia na ordem dodialogismo. **XIII Encontro da ABRALIC**. UEPB/UFCG, Campina Grande, out. 2012. Disponível em: <http://eventosabralic.com.br/> . Acesso em: 05 jan. 2022.

PAULO II, João. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.

PAVIANI, Jayme et al. Gêneros textuais, esferas profissionais e educação. In: **Conexão, comunicação e cultura**. Universidade de Caxias do Sul – UCS, Vol. 7, n. 13, jan./jun. 2008. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**. Bauru: Edusc, 2002.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p.1-21, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REIS, Marlene Aparecida dos. **A inserção dos alunos de pedagogia na cultura digital em Pernambuco**. Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In.: SIGNORINI, Inês (Org). **[Re] discutir texto, gênero e discurso**. São Palulo: Parábola, 2008.

SANTOS, Eliane Pereira; ALVES FILHO, Francisco. O plurilinguismo no gênero comentário online: encontro e confronto entre muitas vozes sociais. **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 11, p. 301-317, 2014. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/502>. Acesso em: 10/11/2021.

SARMENTO, Rayza; CHAGAS, Viktor. Bela, recatada e do bar: memes de internet, política e gênero. **RuMoRes**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 124-149, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982 677X.rum.2020.163686. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/163686>. Acesso em: 4 fev. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].

SILVA, Carolina Morais R.; CASTRO FILHO, José Aires de; FREIRE, Raquel Santiago. Instagram e educação: a aprendizagem significativa de língua estrangeira em contextos não-formais de ensino. In.: **Anais dos Workshops do VII Congresso Brasileiro de Informática na Educação** (WCBIE 2018). Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/8317>. Acesso em 20/11/2020.

SILVA, Polyana Inácio Rezende. Dinâmicas comunicacionais na representação da vida cotidiana – Instagram: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar para se ver. In: Intercom 2012 - **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1626-2.pdf>. Acesso em: 10/10/ 2021.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, 2013. Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20130011>> Acesso em 15/12/2020.

STELLA, Paulo Roberto. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 177-190.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 9. ed. Petrópolis: Vozes: 2012.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital**. 2 ed. São Paulo. Novatec, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VICENTE, Eliane Mercês. **Redes sociais**: ciberespaço – novas formas de interação das redes sociais. Santa Cruz do Rio Pardo: Viena, 2014.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

XAVIER, Manassés Morais. **As redes sociais digitais como acontecimentos enunciativos de interações discursivas**. 2023 (no prelo).

XAVIER, Manassés Morais. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020.

XAVIER, Manassés Morais; SERAFIM, Maria Lúcia. **O WhatsApp impactando novas possibilidades de ensinar e de aprender no contexto acadêmico**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.